

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DA ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ARIANA PAULA DA SILVA

**REPERCUSSÕES DO ISOLAMENTO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE
COVID-19 NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES 2020**

BELO HORIZONTE

2021

ARIANA PAULA DA SILVA

**REPERCUSSÕES DO ISOLAMENTO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE
COVID-19 NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES 2020**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Epidemiologia, políticas e práticas de saúde das populações.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Imaculada de Fátima Freitas.

BELO HORIZONTE

2021

SI586r Silva, Ariana Paula da.
Repercussões do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 no cotidiano de adolescentes 2020 [manuscrito]. / Ariana Paula da Silva. -- Belo Horizonte: 2021.
107f.
Orientador (a): Maria Imaculada de Fátima Freitas.
Área de concentração: Saúde e Enfermagem.
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Pandemias. 2. COVID-19. 3. Adolescente. 4. Educação. 5. Família. 6. Estilo de Vida. 7. Saúde Mental. 8. Adaptação. 9. Dissertação Acadêmica. I. Freitas, Maria Imaculada de Fátima. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título.

NLM: WC 506.7

Bibliotecário responsável: Fabian Rodrigo dos Santos CRB-6/2697



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA DE NÚMERO 688 (SEISCENTOS E OITENTA E OITO) DA SESSÃO PÚBLICA DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA DISSERTAÇÃO APRESENTADA PELA CANDIDATA ARIANA PAULA DA SILVA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM ENFERMAGEM.

Aos 15 (quinze) dias do mês de setembro de dois mil vinte e um, às 13:30 horas, realizou-se a sessão pública para apresentação e defesa da dissertação "REPERCUSSÕES DO ISOLAMENTO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES, 2020", da aluna **Ariana Paula da Silva**, candidata ao título de "Mestra em Enfermagem", linha de pesquisa "Epidemiologia, políticas e práticas de saúde das populações", orientada da Profa. Maria Imaculada de Fátima Freitas. A Comissão Examinadora foi constituída pelas seguintes professoras doutoras: Maria Odete Pereira, Deborah Carvalho Malta e Kênia Lara da Silva, sob a presidência da primeira. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

(X) APROVADA;

() REPROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Andréia Nogueira Delfino, Secretária do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 15 de setembro de 2021.

Profª. Drª. Maria Odete Pereira _____
(Presidente)

Profª. Drª. Deborah Carvalho Malta _____
(Esc. Enf./UFMG)

Profª. Drª. Kênia Lara da Silva _____
(Esc. Enf./UFMG)

Andréia Nogueira Delfino _____
Secretária do Colegiado de Pós-Graduação

MODIFICAÇÃO DE DISSERTAÇÃO	
Modificações exigidas na Dissertação de Mestrado da Senhora ARIANA PAULA DA SILVA.	
As modificações sugeridas foram as seguintes:	
Que seja suprimida a vírgula após a palavra adolescentes, no título.	
NOMES	ASSINATURAS
Profª. Drª. Maria Odete Pereira	_____
Profª. Drª. Deborah Carvalho Malta	_____
Profª. Drª. Kênia Lara da Silva	_____

HOMOLOGADO em reunião do CPG
Em 04.10.2021



Documento assinado eletronicamente por **Kenia Lara da Silva, Membro**, em 20/09/2021, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Odete Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 14:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Carvalho Malta, Professora do Magistério Superior**, em 22/09/2021, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Andréia Nogueira Delfino, Assistente em Administração**, em 23/09/2021, às 08:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0972845** e o código CRC **A54421FD**.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Imaculada de Fátima Freitas, Peninha, por me acolher, me acompanhar e me fazer crescer de uma forma que nunca imaginei que seria capaz. Por me ensinar como somos fortes e frágeis ao mesmo tempo, mas que nunca devemos desistir de viver, agradeço pela amizade e cuidado, você é minha maior inspiração.

À minha mãe Maria da Penha Araújo Silva, e ao meu pai José Paulo Justino da Silva (in memoria) por me ensinarem que sou capaz, por todo amor, dedicação e por sempre me incentivarem seguir o caminho dos estudos, à minha mãe em especial por ter vindo morar em Belo Horizonte comigo, tornando esse grande sonho realidade.

Aos meus irmãos Ivan, Evandro e Paulo Henrique sem vocês nada disso seria possível, vocês foram meus alicerces nessa caminhada.

Ao meu esposo, Érics Avelino, que me incentivou desde o início, confiou e acreditou na minha capacidade mais do que eu mesma, por todo amor, paciência e companheirismo durante essa jornada.

À Waleska, monitora de saúde coletiva, pelo apoio com a transcrição das entrevistas.

Aos membros do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Saúde Coletiva (NUPESC) que desde a minha graduação contribuíram com minha caminhada, em especial a Sofia pela contribuição na coleta de dados.

Às professoras Déborah de Carvalho Malta e Kênia Lara Silva, que aceitaram com muito carinho e compreensão me co-orientar, tornando possível a conclusão do mestrado, a sabedoria e humanização de vocês são inspiradoras.

À Escola de Enfermagem da UFMG por me desenvolver quanto profissional e pessoa, desde a graduação, a todos os profissionais, professores e servidores que de alguma forma contribuíram para meu crescimento durante estes sete anos.

À CAPES, pelo apoio financeiro, me permitindo dedicação exclusiva aos estudos. A todos os adolescentes participantes dessa pesquisa por dividirem suas experiências, sentimentos, sonhos e intimidades comigo.

À Deus, nosso criador, por tornar minha caminhada tão leve e prazerosa, por todo cuidado e zelo e principalmente por toda a força, determinação e saúde. Minha eterna e sincera gratidão!

RESUMO

SILVA, A. P. **Repercussões do isolamento social durante a pandemia de Covid-19 no cotidiano de adolescentes 2020**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, novo coronavírus, se tornou uma emergência em saúde, causando milhares de infecções e mortes no mundo todo. Devido à sua transmissibilidade, as medidas preventivas dependem de mudanças no estilo de vida e comportamento das pessoas, alterando a forma de ser e conviver em sociedade. Quando se tratam de mudanças de vida e comportamento, os adolescentes e jovens podem ser particularmente afetados por estas alterações, sendo estes indivíduos mais vulneráveis a situações que exigem resiliência e rápida adaptação. O estudo compõe o eixo qualitativo da pesquisa nacional “Convid Adolescentes – pesquisa de comportamentos” e buscou compreender, pela ótica dos adolescentes, as mudanças na vida durante a pandemia, com interpretação dos roteiros sociais, segundo John H. Gagnon. Foram realizados cinco grupos focais com adolescentes com idade entre 12 e 17 anos, totalizando 27 participantes, e os adolescentes foram recrutados pelo próprio pesquisador por meio do método bola de neve. A Análise Estrutural da Narração foi utilizada para desvelar o conteúdo dos dados. Os adolescentes entrevistados apontaram três grandes repercussões do período da pandemia: adaptações nas relações interpessoais, com reflexos nas relações familiares, de amizade e ensino, a adaptação para o ensino online foi o maior desafio para os estudantes durante o período, provocando problemas como falta de acesso às aulas, dificuldades de aprendizagem e menor interação social, principalmente com os amigos. Por outro lado, a convivência familiar aumentou, pais e filhos passaram maior tempo juntos, e algumas famílias reagiram positivamente, demonstrando maior aproximação e diálogo; para outras, aumentaram os conflitos e as dificuldades relacionais. A saúde mental e emocional também sofreu grandes repercussões, especialmente relacionadas ao isolamento social, medo da infecção e redução das interações sociais. Entre os adolescentes foram comuns os relatos de aumento da ansiedade, preocupação, tristeza e surgimento de estados depressivos, assim intitulados por eles próprios, além de preocupação com o futuro e dificuldades para lidar com o adiamento de sonhos e planos, dentro das iniquidades sociais existentes. Os adolescentes foram explícitos em suas avaliações a respeito dos efeitos sociais ocasionados pela pandemia considerados no bojo dos papéis sociais gerais do indivíduo e da coletividade, explicitados em comportamentos e atitudes de cidadania, fundamentados nas regras e orientações gerais das autoridades em saúde durante a pandemia. Os cuidados individuais e preventivos com a própria saúde e segurança das outras pessoas foram definidos como normas sociais que devem ser seguidas por todos. Os resultados mostram, portanto, consequências e responsabilidades em curto, médio e longo prazos na vida dos adolescentes, considerando-as nos roteiros interacionais, intrapsíquicos e sociais. A saúde física, mental e o desenvolvimento social dos adolescentes devem ser prioridade para todas as instituições de saúde, de ensino e sociais, comum olhar abrangente para as particularidades desse grupo e para a situação das desigualdades sociais crescentes no país.

Palavras-Chave: Pandemia Covid-19. Adolescente. Educação. Família. Estilo de vida. Saúde Mental. Adaptação.

ABSTRACT

SILVA, A. P. **Repercussions of social isolation during the Covid-19 pandemic on the daily lives of adolescents 2020.** Dissertation (Masters in Nursing) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

The pandemic caused by the SARS-CoV-2 virus, a new coronavirus, has become a health emergency, causing thousands of infections and deaths worldwide. Due to its transmissibility, preventive measures depend on changes in people's lifestyle and behavior, changing the way of being and living in society. When it comes to changes in life and behavior, adolescents and young people can be particularly affected by these changes, and these individuals are more vulnerable to situations that require resilience and quick adaptation. The study is part of the qualitative axis of the national survey “Convid Teens – research on behaviors” and sought to understand from the perspective of adolescents, the changes in life during the pandemic, with the interpretation of social scripts, according to John H. Gagnon. Five focus groups were carried out with adolescents aged between 12 and 17 years, totaling 27 participants, and the adolescents were recruited by the researcher through the snowball method. The Structural Analysis of Narration was used to unveil the data content. Adolescents interviewed pointed out three major repercussions of the pandemic period: adaptations in interpersonal relationships, with reflections on family, friendship and teaching relationships, adapting to online teaching was the biggest challenge for students during the period, causing problems such as lack of access to classes, learning difficulties and less social interaction, especially with friends. On the other hand, family life increased, parents and children spent more time together, and some families reacted positively demonstrating greater rapprochement and dialogue while others, increased conflicts and relational difficulties. Mental and emotional health also suffered great repercussions, especially related to social isolation, fear of infection and reduced social interactions. Among adolescents, reports of increased anxiety, worry, sadness and the emergence of depressive states were common, thus entitled by themselves, besides, concern about the future and difficulty in dealing with the postponement of dreams and plans, within existing social inequities. The adolescents were explicit in their assessments about the social effects caused by the pandemic considered in the bulge of to the individual's general social roles, and the collectivity, explained in so the behavior and attitudes of citizenship reasoned on the general rules and guidelines of the health authorities during the pandemic. Thus, individual and preventive care with the health and safety of other people were seen as social norms that must to be followed by everyone. Therefore, the results show to short, medium and long-term consequences and responsibility in the lives of adolescents considering the scripts interactional, intrapsychic and social spheres. The physical and mental health and social development must be priorities for all health institutions, teaching and social, with more comprehensive look at the particularities of this group, and for the situation discussing social inequalities growing in the country.

Keywords: Covid-19 pandemic. Adolescent. Education. Family. Lifestyle. Mental health. Adaptation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19	-	Corona Vírus Disease 19
EEUFMG	-	Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais
GF	-	Grupo Focal
GBD	-	Global Burden of Disease
H1N1	-	Influenzavirus A
MS	-	Ministério da Saúde
MERS	-	Síndrome Respiratória do Oriente Médio
NUPESC	-	Núcleo de Pesquisa e Ensino em Saúde Coletiva
OMS	-	Organização Mundial da Saúde
SARS-CoV-2	-	Síndrome Respiratória Aguda Grave 2
SARS	-	Síndrome Respiratória Aguda Grave
TALE	-	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TOC	-	Transtorno Obsessivo Compulsivo
UNICAMP	-	Universidade Estadual de Campinas
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Contextualização do Problema	10
1.2 Efeitos da pandemia de Covid-19 na vida dos adolescentes	14
Saúde Mental e Covid-19.....	14
Repercussões da Covid-19 na saúde física e outras doenças	17
Influências nas relações interpessoais e sociais	19
1.3 Objetivo Geral	21
Objetivos Específicos.....	21
2. PERCURSO METODOLÓGICO	22
2.1 Cenário da pesquisa e Participantes do Estudo	24
2.2 Procedimentos e Coleta de Dados.....	24
2.3 Tratamento e Análise dos Dados	27
2.4 Aspectos Éticos.....	29
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
3.1 Caracterização dos Sujeitos	30
3.2 Construção das Categorias.....	34
3.3 Roteiros interpessoais: as relações interpessoais e adaptações na rotina no contexto da pandemia	34
3.3.1.1 Escola.....	35
3.3.1.2 Amigos	38
3.3.1.3 Interações familiares	41
3.3.1.4 Estilo de vida e cuidados com a saúde	47
3.4 Roteiros intrapsíquicos: dificuldades, anseios, sentimentos e as repercussões na saúde mental e emocional	51
3.5 Cenários culturais: Repercussões sociais da pandemia	58
4. CONCLUSÕES	63
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	75
APÊNDICES	100

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do Problema

Em dezembro de 2019, foram relatados na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei, casos de pneumonia de etiologia desconhecida. Mais tarde, a doença denominada Covid-19 recebeu destaque mundial pelo seu alto poder de contaminação entre os seres humanos e consequente disseminação pelo mundo inteiro (MARTINS et al., 2020; JIANG et al., 2020).

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de emergência em saúde global causada pelo novo coronavírus causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) e ações e estratégias foram implementadas para prevenção e controle da doença (DHAMA et al., 2020).

Surtos associados ao coronavírus já tinham ocorrido, nas últimas duas décadas, na Ásia e Oriente Médio, com manifestações como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) e Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), respectivamente. Até o ano de 2020 apenas seis vírus da família *Coronaviridae* eram conhecidos por infectar seres humanos, sendo o SARS-CoV-2 o sétimo membro da família (DHAMA et al., 2020).

As primeiras séries de casos de infecção pelo vírus foram publicadas em dezembro de 2019 na China, sendo o país o epicentro da pandemia, porém alguns meses depois já havia casos confirmados em mais de 210 países (STAWICKI, 2020). Apesar de a doença acometer todas as faixas etárias, os idosos, doentes crônicos e pessoas com doenças pré-existentes têm maior susceptibilidade ao desenvolvimento da forma grave (SINGH et al., 2021).

No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 e o primeiro óbito anunciado dia 17 de março (STEIN et al., 2021). Para conter o avanço da doença, o Ministério da Saúde (MS), após muitas divergências e pressão de estados e municípios, e de diversos órgãos e autoridades em saúde, passou a implementar medidas e estratégias locais de resposta à pandemia, a fim de preparar os serviços de saúde para adoção de ações de vigilância, prevenção e tratamento da doença.

Dentre umas das primeiras publicações divulgadas pelo MS O primeiro documento geral foi o “Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus Covid-19”,

publicado em fevereiro de 2020. O documento destacou três níveis de resposta baseados no risco do novo vírus afetar o Brasil e seu impacto para a saúde pública. O primeiro nível, de alerta, foi definido para o período no qual ainda não havia casos suspeitos; o segundo, de perigo eminente, quando há confirmação de casos, no qual foram incluídas normas para a organização e funcionamento dos serviços de saúde, e o terceiro, foi chamado de emergência de saúde pública de importância nacional (BRASIL, 2020). O Brasil se viu na obrigação de pautar as ações nas recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e setores competentes, e vem monitorando e divulgando a situação epidemiológica no país.

De acordo com projeções realizadas pelo Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME) e a Rede Global Burden of Disease Brasil (GBD), as estimativas de longo prazo apontam para o surgimento de novos fatores positivos como terapias eficazes e vacinas, e aparecimento de fatores negativos como mutações genéticas e surgimento de novas cepas do vírus com maior infectividade ou virulência (STEIN et al., 2021).

Sabe-se que a melhor maneira de conter a transmissão e o avanço da propagação da doença é com adoção de medidas preventivas como isolamento de casos, incentivo à higienização das mãos, adesão à etiqueta respiratória, uso de máscaras faciais e distanciamento social. Porém, o próprio poder Executivo do país questionou tais medidas, o que contribuiu para difundir limitações e barreiras para adoção a essas práticas por parte da população, principalmente a adesão do distanciamento e isolamento social (AQUINO et al., 2020).

Na fase inicial da pandemia, antes da imunização de amplos contingentes populacionais, a adoção do distanciamento social foi apontada como umas das mais eficazes medidas para a contenção da disseminação do vírus. Assim, estados e municípios brasileiros passaram a adotar medidas para restringir o contato pessoal como fechamento de escolas, restrições das atividades do comércio, proibições de atividades que podem causar aglomeração e incentivar o distanciamento físico entre as pessoas (BARROS et al., 2020).

Apesar da necessidade dessas práticas para contenção do avanço da doença, as mudanças comportamentais e no estilo de vida podem repercutir na saúde física, emocional e mental dos indivíduos, e serão ser percebidas em curto, médio e longo prazos (MALTA, 2020a). Contudo, indivíduos colocados em isolamento social e quarentena estão mais susceptíveis a problemas de saúde física e mental (SAURABH; RANJAN, 2020).

Alguns grupos, como crianças, adolescentes e jovens, podem ser particularmente afetados pelos efeitos do confinamento e isolamento social. O fechamento das escolas, as restrições de atividades físicas e de lazer, e a perda do contato e interação com os amigos e colegas, são fatores prejudiciais ao desenvolvimento pleno dos adolescentes. Dentre as consequências negativas dessas restrições para a saúde e bem-estar dos jovens destacam-se o isolamento, solidão, agravos à saúde mental (SOEST et al., 2020), inatividade física, maior tempo de tela, problemas de sono e piora da alimentação (MALTA et al., 2020b).

Os impactos da pandemia na vida de crianças e adolescentes ainda não podem ser mensurados em sua totalidade, porém sabe-se que diversas instituições sociais essenciais ao cuidado e apoio à saúde e segurança dos jovens foram afetadas pela pandemia. Estima-se que impactos sociais como desemprego, aumento da vulnerabilidade social, insegurança econômica familiar e déficit nutricional aumentaram no período, expondo crianças e adolescentes a riscos diversos (CHENG; MOON; ARTMAN, 2020).

Evidências científicas divulgadas até o momento sugerem que as implicações da pandemia para as crianças e adolescentes os afetam em diversos aspectos da saúde, como, saúde mental (ABAWI et al., 2020; NISSEN; HOJGARD; THOMSEN, 2020; MILIAUSKAS; FAUS, 2020), saúde física (ALMEIDA et al., 2020), sono, atividade física (PIETROBELLI et al., 2020; RUIZ-ROSO et al., 2020), e alimentação (GLABSKA; SKOLMOWSKA; GUZEK, 2020). Desse modo, faz-se necessário interrogar sobre as repercussões durante o período de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 entre os adolescentes brasileiros que foram afetados pelas mudanças de rotina, fechamento de escolas, falta de interação social, entre outras alterações de vida. Pergunta-se: que narrativa têm os adolescentes sobre suas experiências e vivências, objetivas e subjetivas, no período do isolamento devido à pandemia de Covid 19?

Apesar da preocupação das autoridades mundiais com a saúde e segurança de crianças e adolescentes, pouco se sabe sobre as repercussões da pandemia e do isolamento social em suas vidas durante a pandemia de Covid-19. Pressupõe-se que a vida das crianças e adolescentes durante esse período foi afetada de diversas maneiras, o que pode ter consequências para o futuro e deve exigir, das políticas públicas, atenção especial para esta faixa da população.

A iniciativa de condução desta pesquisa se deu a partir da oportunidade de participação no estudo nacional que buscou identificar as mudanças de vida dos adolescentes brasileiros

durante a pandemia de Covid-19, e do interesse da pesquisadora principal em trabalhar com o público adolescente. Assim, com o início da pandemia surgiram diversas incertezas e o desejo de compreender como os adolescentes estavam vivenciando e experimentando esse período.

Ressalta-se ainda que para o próprio grupo de pesquisa e seus pesquisadores a pandemia gerou desafios, como, por exemplo, mudança do objeto de pesquisa, inovação na estrutura, organização e coleta de dados, sendo necessárias adaptações no planejamento e desenvolvimento desta investigação.

Assim, conhecer a trajetória dos adolescentes brasileiros durante a pandemia de Covid-19, seus impactos e consequentes adaptações de vida, relatados pelos próprios, poderão contribuir para uma melhor compreensão do comprometimento na vida dos adolescentes. Os resultados encontrados poderão colaborar com a orientação das ações de saúde dirigidas a minimizar os efeitos adversos causados pelo distanciamento social prolongado.

1.2 Efeitos da pandemia de Covid-19 na vida dos adolescentes

Para aproximação e compreensão do tema foi conduzida uma busca na literatura de estudos sobre o assunto, o ANEXO B aborda os títulos, autores, temas, principais resultados e conclusões dos 44 artigos selecionados.

Saúde mental e Covid-19

As medidas adotadas por diversos países para conter a disseminação e avanço da pandemia de Covid-19, como o isolamento social, fechamento de escolas, comércios, espaços de convívio social entre outros, vem afetando o bem-estar psicológico e a saúde mental da população, incluindo aqueles de crianças e adolescentes. Estudos revelam crescimento significativo de ansiedade, preocupação, sintomas depressivos, transtorno de estresse pós-traumático, entre outros distúrbios (ABAWI et al., 2020; NISSEN; HOJGARD; THOMSEN, 2020; MILIAUSKAS; FAUS, 2020).

Os transtornos mentais e as consequências advindas da pandemia referem-se ao aumento de sintomas de ansiedade e depressão. Alguns estudos (QI et al., 2020; GUESSOUM et al., 2020; ZHOU et al., 2020; CHEN; CHENG; WU, 2020) indicam maior prevalência desses transtornos entre as adolescentes do sexo feminino e com idade maior do que 15 anos. A prevalência de transtornos depressivos, nos estudos avaliados, foi, em média, de 45% e de transtornos de ansiedade de 37%, e os sofrimentos psicológicos em geral variaram entre 13% e 45%.

Por ser uma fase de autoconhecimento, formação física, psicológica e cognitiva, a adolescência é um período especialmente marcado pela vulnerabilidade ao adoecimento mental e emocional (GUESSOUM et al., 2020). Para os jovens, as medidas restritivas, isolamento social e fechamento das escolas são importantes determinantes da vulnerabilidade durante a pandemia. Alguns aspectos podem ser considerados agravantes ao risco como, por exemplo, intensidade do isolamento social, excesso de exposição às informações da doença, aumento do convívio familiar, falta de privacidade em casa e mudança de rotina (MILIAUSKAS; FAUS, 2020).

Ademais, alguns fatores, como mudança repentina das aulas para o ambiente virtual, diminuição da interação e convivência social, ajuste de rotina, reorganização da dinâmica familiar com os pais que passaram a trabalhar em casa, aumentaram a rotina doméstica e de cuidado com os filhos, além de terem que lidar com suas emoções, repercutem na saúde

mental das crianças e adolescentes. Estudo anterior revelou que o relacionamento entre pais e filhos durante o confinamento domiciliar pode influenciar a saúde mental dos adolescentes, mostrando que aqueles que conviviam com uma criação pautada na superproteção e rejeição apresentaram maior relação com a ansiedade e depressão (CHEN; CHENG; WU, 2020).

Para crianças e adolescentes, as mudanças no comportamento e estilo de vida, além do medo de se contaminar ou contaminar algum familiar está associada a ansiedade (LOADS et al., 2020). Estudo conduzido por pesquisadores holandeses identificou que, entre as famílias que adotaram medidas auto-impostas além das recomendadas pelas autoridades, como o confinamento total em casa, algumas apresentavam ansiedade severa, levando a consequências negativas no estilo de vida e necessitando de acompanhamento por um profissional de saúde (ABAWI et al., 2020).

Espera-se que, além do suporte profissional, o apoio social dos membros da família, amigos e outras entidades podem ajudar a minimizar os efeitos negativos da pandemia, de acordo com estudo conduzido por pesquisadores chineses. Esse estudo mostrou que adolescentes com baixo suporte social apresentam 4,2 vezes mais chances de desenvolverem sintomas depressivos e 3,2 vezes maior risco de sintomas de ansiedade quando comparados àqueles com alto suporte social (QI et al., 2020).

Por estarem afastados do seu círculo afetivo, da escola, dos amigos e até de familiares, é importante garantir aos adolescentes e jovens que suas demandas de cuidado em saúde, sobretudo em saúde mental, sejam compreendidas. Para aqueles que sofrem de ansiedade, os meios de comunicação podem servir de promotores da saúde, transmitindo informações seguras e apoio social, bem como podem ser vinculadores de notícias falsas que podem agravar a ansiedade e a preocupação relacionadas à pandemia (TORRES et al., 2020).

A depressão é um transtorno mental comum entre os adolescentes, com impactos significativos na vida dos jovens. A pandemia causada pelo novo coronavírus está diretamente associada ao maior risco de desenvolver depressão. Entre os principais fatores de risco estão: duração de sono < 6 horas/dia, duração de exercício físico < 30 minutos/dia, idade entre 15-18 anos, ensino à distância e preocupação com a Covid-19. Evidências indicam que o exercício físico é um promissor tratamento antidepressivo, e a curta duração do sono pode ser um preditor de sintomas depressivos entre adolescentes (ZHOU et al., 2020).

Por apresentarem menor capacidade de desenvolvimento de técnicas de enfrentamento adequadas, crianças e adolescentes que vivenciam desastres podem sofrer de maior estresse e trauma, assim o apoio e orientação emocional da família, escola e amigos são importantes (ZHOU et al., 2020). O nível de ansiedade e depressão estão diretamente relacionados ao estilo de enfrentamento da situação, focados no problema ou na emoção. O primeiro consiste em intensificar os esforços em corrigir um problema estressante, e está relacionado a diminuição da depressão, enquanto o segundo se concentra em estratégias para minimizar os resultados emocionais e está negativamente relacionado ao aumento da depressão (LI et al., 2020).

Indivíduos que já experimentaram traumas passados ou que sofrem de transtornos e desordens mentais são especialmente susceptíveis a terem crises e sintomas desencadeados pelo medo, ansiedade, estresse e depressão durante a pandemia de Covid-19. Em estudo realizado com adolescentes com Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), 44,6% relataram piora dos sintomas, 32,3% relataram piora da ansiedade, 33,8% piora dos sintomas depressivos e 25 % citaram piora de ambos os sintomas durante os primeiros meses de pandemia, concluindo-se que o agravamento desses sintomas está fortemente associado a pensamentos sobre a Covid-19 e ao TOC (NISSEN; HOJGARD; THOMSEN, 2020).

Análises sobre experiências relatadas após epidemias passadas, como H1N1 e gripe aviária, oferecem um direcionamento sobre as consequências do isolamento social e quarentena sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. De acordo com o relato de 398 pais cujos filhos foram submetidos às medidas de contenção da doença, esses últimos precisaram de apoio de serviços de saúde mental e tiveram diagnósticos de transtornos mentais após a epidemia, sendo os mais comuns os transtornos de estresse agudo de ajustamento e de estresse pós-traumático, além de luto (LOADS et al., 2020). Sugere-se, assim, que as autoridades e serviços de saúde tenham um olhar mais abrangente para os adolescentes e suas demandas, valorizando suas queixas e especificidades e fortalecendo o vínculo entre os diversos serviços e profissionais.

De fato, o termo quarentena diz respeito à separação e restrição das pessoas que estão potencialmente acometidas por doenças infectocontagiosas. Crianças e adolescentes colocados em quarentena podem desenvolver quatro vezes mais estresse pós-traumático do que aquelas que não tiveram essa experiência. Os principais sentimentos apresentados por

crianças e adolescentes durante o período de quarentena foram preocupação, desamparo, temor, nervosismo, raiva, aborrecimento e solidão (SAURABH; RANJAN, 2020).

A necessidade de enfrentamento de eventos potencialmente traumáticos pode causar desde reações adaptativas leves a moderadas. Crianças e adolescentes podem ser mais sensíveis a alterações necessárias, o que pode expô-las a um risco maior de resultados negativos à saúde. Nesse sentido, pode-se afirmar que o bem-estar das crianças e adolescentes está interligado à saúde física, psicológica e social, e exige dos pais e entidades sociais, capacidade de orientação e condução para alcance da resiliência necessária à esta adaptação durante o período de pandemia (CUSINATO et al., 2020).

Para os adolescentes com histórico de transtornos mentais, a pandemia e suas consequências representam um importante agravante de sua condição clínica. Além disso, durante esse período marcado por restrições, o acesso ao suporte de saúde mental torna-se mais difícil (GUESSOUM et al., 2020).

Repercussões da Covid-19 na saúde para adolescentes com doenças e agravos crônicos

A infecção por Covid-19 pode apresentar diferentes desfechos em indivíduos com doenças crônicas como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares, entre outros. Alguns autores (ALMEIDA et al., 2020; PIETROBELLI et al., 2020; CHAO et al., 2020; ABAWI et al., 2020) consideram também a obesidade como fator de risco para gravidade da infecção pelo novo coronavírus, podendo estar associada à maior necessidade de internação hospitalar, ventilação mecânica e cuidados intensivos (ALMEIDA et al., 2020).

Quando infectados pelo vírus SARS-CoV-2, crianças e adolescentes geralmente demonstram boa resposta à infecção, apresentando sintomas leves a moderados, como tosse, febre, dor de garganta, espirros e mialgia, ou, até mesmo, permanecem assintomáticas (ZIMMERMANN; CURTIS, 2020). No entanto, crianças e adolescentes obesos têm respostas imunológicas diminuídas a outras infecções, como pneumonia bacteriana, uma complicação grave da Covid-19. Outras complicações sistêmicas podem sofrer ação direta da infecção pelo vírus, como resistência à insulina e dislipidemias, função pulmonar prejudicada, alterações da anatomia cardíaca, imunossupressão e nutrição deficientes, assim a obesidade na infância e adolescência está associada a maior gravidade da doença causada pela Covid-19 (ALMEIDA et al., 2020).

Com o fechamento das escolas e isolamento social, crianças e adolescentes de todo o mundo se viram obrigadas a mudar o estilo de vida e hábitos diários, observando-se mudanças nos comportamentos alimentares com maior consumo de batatas fritas, carne vermelha, bebidas açucaradas, e foram constatados aumento no tempo de sono e no tempo de tela, enquanto o tempo de realização de atividades esportivas diminuiu. Tudo isso contribui para o aumento do sobrepeso e obesidade entre crianças e adolescentes (PIETROBELLI et al., 2020; RUIZ-ROSO et al., 2020).

Em contrapartida, um estudo conduzido com adolescentes poloneses indicou que o hábito alimentar do grupo avaliado melhorou durante o período da pandemia, eles demonstraram maior preocupação com o controle de peso e a saúde, quando comparado com o período pré-pandêmico (GLABSKA; SKOLMOWSKA; GUZEK, 2020). A mesma pesquisa revelou, que o humor e o apelo sensorial dos anúncios podem ser importantes determinantes da escolha alimentar.

Além da influência da alimentação e o sobrepeso, algumas doenças e comorbidades, como doença pulmonar crônica, asma, diabetes, doenças cardiovasculares e condições psicológicas, estão associadas à evolução clínica negativa de crianças e adolescentes acometidos pelo vírus. Alguns autores defendem, ainda, a associação entre raça/cor e condições sociais como fatores de exposição e gravidade da doença (LEEB et al., 2020; CHAO et al., 2020).

O Diabetes Mellitus tipo 1 (DM1) é um dos distúrbios metabólicos mais comuns em todo mundo. O tratamento e controle dessa doença exigem adesão ao uso de medicamento, como a insulina e automonitoramento da glicose no sangue, além de adoção de hábitos de vida saudáveis, como prática de atividade física regular e alimentação balanceada. Indivíduos que convivem com o DM1 enfrentam dificuldades para o controle e prevenção de complicações da doença durante a pandemia de Covid-19, pois há dificuldades em obter consulta com profissional de saúde, problemas em manter uma dieta saudável, inatividade física e indisponibilidade de insumos como insulina e tiras de monitoramento de açúcar no sangue (AGARWAL et al., 2020).

Ao contrário dos resultados encontrados nos estudos citados até aqui, uma investigação realizada com crianças e adolescentes italianos que sofrem de transtorno de cefaleia crônica revelou melhora na tendência, intensidade e frequência de dor de cabeça durante o bloqueio da pandemia comparado com dois meses anteriores. Este resultado foi relacionado à

diminuição da ansiedade e do esforço escolar após a mudança para as aulas remotas (PAPETTI et al., 2020).

Influências nas relações interpessoais e sociais

As mudanças no cotidiano devido à pandemia de Covid-19 e às medidas preventivas adotadas pelas autoridades afetaram as famílias em diversas vertentes de suas vidas. Com o trabalho remoto ou desemprego, os pais passaram a desempenhar, em tempo integral, funções do trabalho associados ao contexto da vida familiar. Considerando-se que certas variáveis sociodemográficas como condições de trabalho, número e idade dos filhos, e problemas psicológicos, físicos ou genéticos dos pais afetam o bem-estar parental e influenciam a relação entre pais e filhos (CUSINATO et al., 2020).

Além de afetar as relações interpessoais, a pandemia pode aumentar a vulnerabilidade social de algumas famílias. Em alguns países com nível de pobreza alto, como o Brasil, muitas famílias vivem em comunidades que não possuem infraestrutura e saneamento básico, e muitas pessoas se vêem impossibilitadas de seguir as recomendações das autoridades em saúde, sendo mais afetadas pelas medidas adotadas para conter a propagação da doença (CHRISTOFFEL et al., 2020).

Muitas famílias vivem em casas pequenas, em condições que não favorecem o isolamento social e dificulta a higiene pessoal. Nestas famílias, em geral, a principal fonte de renda é obtida por meio de atividades informais e presenciais, o que impossibilita o trabalho remoto (CHRISTOFFEL et al., 2020). Além disso, para muitas crianças, a alimentação escolar era a principal refeição, o fechamento das escolas também causa dificuldade para os pais manterem os seus empregos, pois dependem das escolas e das creches, causando maior instabilidade financeira (CHANCHLANI; BUCHANAN; GILL, 2020).

O fechamento das escolas forçou as instituições a oferecerem aulas online, porém o ensino à distância ainda é um grande desafio para os países que enfrentam grandes desigualdades sociais. Evidências indicam que o tempo fora da escola aumenta as desigualdades educacionais entre as famílias, e os jovens com insegurança financeira estão mais propensos às dificuldades de aprendizagem do que seus colegas mais ricos (MAYURASAKORN et al., 2020).

Além dessas consequências, o confinamento domiciliar pode expor os adolescentes ao maior risco de sofrer violência intrafamiliar, pois os eventos de vida estressante, associados a

problemas como instabilidade financeira, geram sofrimento emocional dos pais, o que favorece a adoção de atitudes punitivas para com os filhos (GUESSOUM et al., 2020). Somase a esse contexto, o fato de jovens que vivem em situação de violência ou abuso intrafamiliar estão mais expostos e menos protegidos pelos serviços de apoio sociais como escolas, centros de saúde e especialistas em intervenção à violência (RAGAVAN et al., 2020).

Pode-se afirmar que, com o isolamento social forçado, pais e filhos estão passando mais tempo juntos, o que, para algumas famílias, gera oportunidade de aproximação e bem-estar entre seus membros. Entretanto, alguns fatores considerados dificultadores para o convívio e atividades diárias, como insegurança financeira, preocupação com a própria saúde e a dos outros, falta de atividades sociais e físicas, podem influenciar negativamente suas relações. Estudo apontou que, na percepção de pais e filhos vivendo em confinamento domiciliar, a irritação com os membros da família foi a terceira causa de dificuldade diária durante a pandemia; a tensão, irritabilidade e a piora dos conflitos familiares contribuíram para o comportamento de afeto negativo com os filhos (JANSSEN et al., 2020).

O mesmo ocorre na adoção de comportamentos de segurança durante a pandemia. Adolescentes que mantêm um bom relacionamento com seus familiares tendem a aceitar passar mais tempo em casa se comprometem mais com as medidas preventivas da Covid-19. Em contrapartida, aqueles adolescentes que vivem em lares com mais conflitos e desarmonia podem se expor mais aos riscos de infecção pelo vírus, não aderindo a comportamentos como isolamento e distanciamento social (LEE et al., 2021).

De acordo com os resultados encontrados nesta revisão, a pandemia e seus efeitos provocaram impactos diversos na vida e saúde de crianças e adolescentes, e um dos mais discutidos até o momento diz respeito à saúde mental. No entanto, não há, na literatura consultada, discussões sobre as repercussões da pandemia, com enfoque nos seus significados para os adolescentes, considerando-se aspectos socioculturais específicos, comunitária ou regionalmente. A literatura apresenta, por exemplo, que os adolescentes com histórico de doenças e agravos são fortemente afetados pela pandemia, além da repercussão no campo social e familiar, mas não foram encontrados estudos que aprofundaram o ponto de vista de adolescentes brasileiros, o que inclui as suas subjetividades.

Assim, foram feitas as seguintes perguntas para o presente estudo: como foram as experiências vivenciadas pelos adolescentes durante pandemia e o isolamento social? Quais

foram seus sentimentos, interesses e preocupações em geral, sua rotina de vida, sua percepção de saúde? Como foram vivenciadas as atividades escolares, os relacionamentos no ambiente familiar e com amigos?

Para compreender as repercussões das mudanças de vida e rotina dos adolescentes, alterações nas relações interpessoais e sociais, implicações para a saúde decorrente da pandemia de Covid-19, pelo recorte do ponto de vista dos adolescentes, propõe-se uma investigação de caráter qualitativo.

1.3 Objetivo Geral

Compreender as repercussões das mudanças de vida e rotina dos adolescentes, nas relações interpessoais e sociais, e suas implicações para a saúde decorrente da pandemia de Covid-19.

Objetivos específicos

- Identificar as mudanças na educação e atividades escolares dos adolescentes durante a pandemia de Covid-19;
- Identificar as mudanças nas atividades de rotina dos adolescentes no período de distanciamento social;
- Entender as implicações da pandemia e isolamento social nas relações interpessoais dos adolescentes, bem como suas maneiras de pensar os comportamentos coletivos;
- Compreender dificuldades, anseios e sentimentos de adolescentes durante a quarentena;

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente investigação compõe o eixo qualitativo da pesquisa nacional intitulada “Convid Adolescentes – Pesquisa de comportamentos, realizada por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A pesquisa foi composta por dois eixos: quantitativo, mediante questionário online respondido por cerca de 10 mil adolescentes (MALTA et al., 2021), e o analisado nesta dissertação, de cunho qualitativo. O estudo quantitativo teve como objetivo avaliar as mudanças que ocorreram na vida dos adolescentes brasileiros no período de distanciamento social consequente à pandemia de Covid-19 no Brasil.

O eixo qualitativo visa compreender, sob a ótica dos adolescentes, as mudanças na vida durante a pandemia.

O estudo foi realizado tendo como fundamento a Teoria dos roteiros sexuais de John H. Gagnon (2006) no livro “Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade”. Na obra, Gagnon e Simon discutem sobre o comportamento social roteirizado, de acordo com os autores:

O conceito de roteiro tem certas semelhanças com os conceitos de plano ou projeto, na medida em que constitui uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não-verbais numa sequência de condutas organizadas e delimitadas no tempo, por meio da qual as pessoas contemplam o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento (GAGNON, 2006, p.114).

O diferencial da investigação proposta por esse estudo consiste principalmente na abordagem metodológica que possibilitará compreender aspectos não mensuráveis da vida humana (FREITAS *et al.*, 2008). A pesquisa qualitativa permite entender as relações, interpretações e opiniões, produto das interpretações presentes nas interações sociais (DESLAURIERS, KÉRISIT, 2008; MINAYO, 2008). Tal metodologia, quando aplicada à pesquisa em saúde, emprega concepções das ciências humanas, nas quais não se busca entender o fenômeno propriamente dito, e sim seu significado individual ou coletivo (TURATO, 2005).

Na abordagem qualitativa, os objetos são estudados em sua complexidade, considerando o seu contexto diário e os campos de estudo são as práticas e as interações dos atores sociais na vida cotidiana (FLICK, 2004).

Neste sentido, conforme Gagnon ressalta, a flexibilidade dos roteiros, no que diz respeito a sua ordem interna e sua capacidade de ser montados ou desmontados em respostas criativas ou adaptativas a novas circunstâncias, é um componente crucial de nossa capacidade de manejar um meio interno e externo em processo de mudança (GAGNON, 2006).

O autor distingue três níveis de roteirização. Os **roteiros interpessoais**, que funcionam no nível da interação social, e a aceitação e utilização de tais roteiros constituem a base de padrões contínuos de comportamento social estruturado. Portanto, o indivíduo é um ator que atende às expectativas de outras pessoas e tem suas condutas orientadas por meio da conduta alheia.

Os **roteiros intrapsíquicos** representam o conteúdo da vida mental, em parte resultante do conteúdo dos cenários culturais e das demandas de interação e, em parte, independente destes. Os roteiros intrapsíquicos compõem-se de diversos cenários culturais e de uma versão ideal do cenário cultural (como o sujeito deve portar-se) e as variações pragmáticas são simultaneamente guardadas na cabeça do indivíduo. Por fim, para moldar esses dois roteiros nos cenários dos símbolos culturais e papéis sociais genéricos e fornecer instruções sobre requisitos narrativos dos papéis sociais gerais, existe o terceiro roteiro, chamado de **cenários culturais**.

Considera-se, portanto, que os roteiros são construídos pelas representações sobre os objetos do conhecimento, em todos os campos, e serão utilizadas como substratos para fundamentar as interações, ao mesmo tempo que re/elaboradas a partir dessas últimas, configurando-se como um acordo das formas histórica e socialmente aceitas de se viver no coletivo, definindo-se os cenários culturais e neles. Para tal, há uma construção psicossocial do indivíduo, de acordo com os cenários culturais nos quais se insere (GIAMI; VEIL, 1997).

Na prática da vida social, cultural e mental, os níveis de roteirização têm uma interação dinâmica.

Na interface da cultura e da vida mental, o indivíduo é plateia, crítico e revisor, à medida que o material dos cenários culturais é importado para os roteiros intrapsíquicos. Na interface entre a interação e vida mental, o indivíduo é ator, crítico e dramaturgo. No mundo privado da vida mental, ele funciona também como fantasia memorialista e utopista (ou antiutopista), trabalhando com os materiais da interação e da cultura a fim de criar alternativas inovadoras para os cenários culturais dados e os padrões contemporâneos de interação (GAGNON, 2006, p. 226).

Essa interação entre níveis de roteirização tem dimensões históricas, culturais e individuais, e permitirá a compreensão mais profunda da experiência dos adolescentes durante o período de isolamento social na pandemia do novo coronavírus.

2.1 Cenário da pesquisa e participantes do estudo

A pesquisa foi realizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, com adolescentes com idade entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos. A amostragem foi intencional, de conveniência, e os adolescentes participantes do estudo foram indicados, em geral, por membros do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Saúde Coletiva (NUPESC), da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EE-UFGM), além de indicação direta de familiares e amigos dos pesquisadores envolvidos na investigação. Para que incluísse um maior número de adolescentes a serem convidados para o estudo, foi solicitado aos primeiros convidados que aceitaram contribuir com o estudo que convidassem outros adolescentes, mantendo-se o recrutamento daqueles que estivessem na faixa etária definida 12-17 anos. Alguns indicaram parentes e amigos para participar da pesquisa, seguindo o método de bola de neve.

O método de bola de neve consiste em uma abordagem metodológica não probabilística de seleção de participantes. Esta técnica utiliza as cadeias de referência como forma de recrutamento, por meio dos quais um primeiro indivíduo é recrutado e indica outras pessoas da sua rede social para participar do estudo (ALBUQUERQUE, 2009).

Para a realização da coleta, que se deu por meio de grupo focal, os adolescentes foram divididos em grupos por faixa etária (12-14 anos e 15-17 anos), para melhor compreensão dos roteiros, pressupondo-se diversificação por idade dos roteiros. Buscou-se, assim, certa homogeneidade nas faixas etárias, sexo e estrato social, porém com a metodologia de recrutamento por bola de neve, no último critério houve predomínio de adolescentes das classes A e B¹, identificadas por meio de questionário preenchido antes do grupo focal.

2.2 Procedimentos de coleta de dados

Para realização da coleta de dados, os adolescentes e seus pais ou responsáveis foram contactados pelo próprio pesquisador por meio de telefonema ou mensagem de texto.

¹ Classe A: renda maior que 20 salários mínimos; Classe B: renda entre 10 e 20 salários mínimos; Classe C: renda entre 4 e 10 salários mínimos (REFERÊNCIA).

Aqueles que confirmaram desejo de participar da pesquisa foram informados sobre o processo de realização dos grupos focais por meio online, cumprindo assim as recomendações das autoridades em saúde quanto às medidas de prevenção da Covid-19. Foi encaminhado previamente via e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) para preenchimento dos pais ou responsáveis, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE B) para preenchimento pelo próprio adolescente. Junto aos termos, também foi solicitado preenchimento de um questionário socioeconômico (APÊNDICE C) para melhor entendimento do contexto social e de vida dos adolescentes e suas famílias. Os termos foram redigidos em formulário por meio da plataforma Google Forms de forma que, ao final, o documento era assinalado pelo leitor, indicando a concordância ou não em participar da pesquisa. A resposta do participante, então, era encaminhada automaticamente ao pesquisador responsável, por meio da ferramenta do Google. Todas as entrevistas foram realizadas mediante confirmação do preenchimento do formulário.

Não houve nenhuma recusa em participar da pesquisa por parte dos pais ou dos adolescentes, porém, durante a realização dos grupos focais, que foram conduzidos por meio da plataforma digital Zoom, dois participantes não conseguiram acesso devido a problemas técnicos de conexão. Ressalta-se que, a escolha da plataforma se deu pela facilidade de acesso, gratuidade de instalação e utilização do aplicativo, além de permitir a gravação de áudio.

Foram realizados quatro grupos focais (GF) pelo pesquisador responsável entre os meses de setembro e outubro de 2020 e um grupo focal conduzido pelos pesquisadores do estudo nacional “Convid Adolescentes – Pesquisa de Comportamentos”, totalizando cinco grupos focais. Os GF ocorreram aos sábados devido a indisponibilidade dos adolescentes de participarem durante a semana. Participaram dos GF um total de 27 adolescentes sendo, quatro adolescentes no GF 1, cinco adolescentes no GF 2, três adolescentes no GF 3, cinco adolescentes no GF 4 e 10 adolescentes no GF 5. A discrepância do número de adolescentes participantes no último grupo se deve ao fato de que este foi o grupo conduzido pelos demais pesquisadores, no início da coleta. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa que teve como intuito compreender as vivências dos entrevistados, optou-se por delimitar o número máximo de cinco participantes nos demais GF.

Os GF 1 e 2 contaram com a participação do pesquisador principal, e mais um segundo investigador, em cada grupo, para melhor mediação e controle das ferramentas do aplicativo,

bem como auxílio aos adolescentes participantes. Nos GF 3 e 4 não foi necessária a participação devido à facilidade de manuseio e de condução que foram adquiridas a realização dos primeiros grupos. O GF 5 contou com a participação de cinco investigadores, além dos adolescentes.

Ao serem convidados para participar da pesquisa, os adolescentes eram questionados sobre o melhor dia e horário para participação do grupo. Com isso, foi possível agendar os encontros de acordo com a disponibilidade da maioria, respeitando a classificação de idade dos grupos. No dia e horário marcados, os adolescentes receberam via WhatsApp o link de acesso a sala de reunião 10 minutos antes do horário agendado, para que fossem passadas todas as informações e orientações e para que os mesmos pudessem tirar possíveis dúvidas.

Antes do início da gravação, os adolescentes foram informados e assentiram sobre a gravação do áudio, sendo que a decisão de abertura da câmera de vídeo ficou a critério do participante. Não foram gravadas imagens dos grupos focais.

Foram realizados grupos focais de, em média, cinco adolescentes, o que permitiu explorar as narrativas dos participantes. O GF foi composto por questões norteadoras que permitiram aos adolescentes refletir e narrar suas experiências, mudanças e adaptações durante o período de isolamento social. As questões foram: “Contem sobre suas experiências durante a pandemia, o que pensam da situação. Falem sobre como estão se relacionando com as pessoas. Falem das preocupações que tiveram, dos medos e fortalezas que têm, e sobre o que aprenderam sobre a vida nesta fase de pandemia”. Para aprofundar assuntos ou discussões e nos casos em que não apareceram espontaneamente com as questões iniciais, foram incluídas questões de relance, para os grupos (APÊNDICE D).

As narrativas dos grupos foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Não foi definido um limite de tempo para realização dos grupos, para que os participantes ficassem livres para expor suas experiências e opiniões. Os grupos focais tiveram duração, em média, de 60 minutos. Após a transcrição, as entrevistas foram lidas na íntegra pelo pesquisador para se definir a necessidade de realização de novos grupos focais, conforme o critério de saturação de dados.

A saturação ocorre quando há repetição ou redundância dos dados coletados, ou seja, quando as categorias se apresentam densas e quando as relações entre elas estão bem determinadas e validadas, não ocorrendo constatação de novos elementos sobre os objetos em pauta (FONTANELLA et al., 2011; FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Para melhor visualização da repetição dos dados, o material foi lido e destacado, nas falas, a similaridade de conteúdo, como demonstrado no exemplo abaixo:

[...] Em questão das aulas, eu acredito que está tipo isso para todo mundo, né, porque aula online é muito difícil. Para quem já está acostumado com a online, que é a galera da faculdade, para eles é a mesma coisa, mas para a gente que está frequentando quase todos os dias...muito difícil, foi muito difícil e é difícil ainda entender as coisas, prestar atenção na aula e aprender mesmo. Está sendo muito difícil. [...]. (Dificuldade de aprendizagem do adolescente).

[...] Aí o professor faz uma pergunta, faz uma gracinha ou faz alguma coisa para animar a gente e não necessariamente a gente abre a câmera ou o abre o microfone, então meio que é desanimante para eles dar aula e pode não ser tão legal quanto à aula presencial, porque a gente não recebe o retorno dos amigos e a gente não recebe o retorno do professor. E eu acho que é um pouco difícil a comunicação [...] (Dificuldade de aprender com aula online).

“[...] Se eu ficar com alguma dúvida é muito mais difícil eu ir atrás do professor, sabe? Então, eu tenho que correr atrás dos meus amigos, às vezes a gente manda um e-mail para o professor, mas tem muitos que não respondem, porque eles não sabem mexer direito [...]” (Dificuldade de tirar dúvida com o professor – dúvida sobre competência do professor para lidar com a tecnologia).

2.3 Tratamento e análise dos dados

Após a coleta de dados, as gravações foram transcritas na íntegra para ser realizada leitura minuciosa do material coletado. A análise dos dados foi fundamentada na Análise Estrutural de Narração (AEN), proposto por Demazière e Dubar (1997), na vertente de Barthes et al. (2001).

A AEN é método de análise qualitativa no qual se considera que tudo tem sentido na fala do participante e sua interpretação deve contemplar esse todo. Cada entrevista foi “desconstruída” em sequências ou códigos e “reconstruída” para se encontrar o sentido que o próprio entrevistado deu para cada assunto tratado, sem perder as contradições de seu discurso (DEMAZIÈRE; DUBAR, 1997). Valoriza-se a teia de construção argumentativa dos sujeitos e não somente ilustrações ou partes consideradas pertinentes ao objeto em questão. Tudo tem importância na narração, fazendo com que a subjetividade se explicita na análise,

pelos fatos narrados, explicações e julgamentos sobre eles, nos quais se desvelam as representações sobre os objetos tratados. Os sujeitos, ao narrarem, estão interpretando o mundo, com disjunções e conjunções, explicitando coerências e contradições nos seus pontos de vistas sobre os objetos (DEMAZIÈRE; DUBAR, 1997; MÁSSIMO; FREITAS, 2014).

Para organizar a AEN, utilizou-se a técnica proposta por Blanchet e Gotman (1992) realizada em quatro etapas:

1) Análise de cada grupo focal, separadamente. Nesta etapa, cada GF foi lido, de forma vertical, buscando o sentido global de cada um. De que trata a narrativa? – foi a questão que se buscou responder nessa etapa;

2) Na segunda etapa da análise, realizou-se a leitura horizontal, na qual cada grupo focal é inicialmente codificado em sequências, de acordo com a mudança de enfoque ou assunto tratado. As sequências de um mesmo objeto foram agrupadas, considerando que se encontram espalhadas ao longo da fala, para uma reconstrução com conteúdos sobre um mesmo objeto de fala. A partir destas ‘desconstrução’ e ‘reconstrução’, estabeleceu-se, então, os objetos do discurso, com suas conjunções e disjunções, tentando encontrar, acompanhar e reproduzir o trabalho de categorização que o próprio entrevistado realizou (FREITAS, 1998; VIGNAUX, 1998). Cada agrupamento representou uma categorização provisória, que recebeu uma denominação também provisória, para ser cotejada com as demais entrevistas. Quais foram os fatos (F) tratados especificamente, quais são as justificativas (J) para eles e quem são os personagens (P) envolvidos na trama? – são as questões desta segunda etapa da técnica de análise;

3) A terceira etapa do trabalho consistiu em realizar a leitura transversal, ou seja, encontrar o que é comum e discordante no conjunto das entrevistas, comparando-as, para agrupar e categorizar as representações. Os agrupamentos da totalidade dos grupos focais constituíram as categorias empíricas que explicitaram o objeto central dos discursos, nas quais emergiram as representações;

4) A etapa final de análise foi a de definição das categorias teóricas, pela discussão com a literatura pertinente e reflexões do pesquisador sobre os achados na terceira etapa.

2.4 Aspectos éticos

A coleta de dados iniciou-se após a aprovação pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Processo nº 3.980.277) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG sob parecer número: 4.190.072 (ANEXO A). Todos os preceitos éticos contidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde foram seguidas (BRASIL, 2012). Os participantes foram informados sobre a pesquisa e, aos que aceitaram participar, foi solicitado o preenchimento do TCLE (APENDICE A) pelo pai ou responsável. Após todos os esclarecimentos e retirada de dúvidas sobre a pesquisa, os adolescentes também receberam por e-mail o TALE (APENDICE B) para preenchimento. Foi disponibilizado um número de telefone para que os pais ou responsáveis entrassem em contato com o pesquisador caso necessário.

A cada participante foi esclarecido o caráter voluntário de sua participação e a liberdade de desistir a qualquer momento, sem que isso representasse nenhum prejuízo. Também foram afirmados os benefícios indiretos e os possíveis constrangimentos. Foi informado, também, a garantia de anonimato, tanto na coleta como no tratamento e divulgação dos dados.

O áudio das entrevistas e as transcrições foram arquivados em computador de acesso restrito aos membros do grupo de pesquisa, sob a guarda da coordenadora e serão guardados por cinco anos, quando serão destruídos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização dos sujeitos

Foram realizados cinco grupos focais, com 27 adolescentes. A amostra foi homogênea em relação ao gênero, total de entrevistados 13 meninas e 14 meninos. Buscou-se a caracterização dos sujeitos no que se refere ao sexo, idade, raça, período escolar que está cursando, rede de ensino, número de moradores em domicílio, renda familiar e escolaridade dos pais (Quadro 1).

QUADRO 01 – Perfil dos entrevistados, 2020.

Entrevistado	Sexo	Idade	Raça/ Cor	Série Escolar	Rede Pública X Rede Privada	N de moradores no domicílio	Renda Familiar (SM= 1.045,00)	Escolaridade dos pais
GF 01- E1	F	14 anos	Preto	Ensino Fundamental	Pública	Até 4 pessoas	Não soube informar	Pai- Ensino médio Mãe- Superior Completo
GF 01- E2	M	12 anos	Branco	Ensino Fundamental	Privado	Até 4 pessoas	Não soube informar	Pai- Superior Completo Mãe- Pós-Graduação
GF 01- E3	F	14 anos	Branca	Ensino Fundamental	Pública	Até 4 pessoas	5-10 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Pós-Graduação
GF 01- E4	M	14 anos	Preto	Ensino Fundamental	Privada	Até 4 pessoas	5-10 salários mínimos	Pai- Pós-Graduação Mãe- Pós-Graduação
GF 02- E1	M	17 anos	Preto	Ensino Médio	Pública	Até 4 pessoas	1-2 salários mínimos	Pai- Ensino Fundamental Mãe- Superior Incompleto
GF 02- E2	F	17 anos	Branca	Ensino Médio	Privada	Até 4 pessoas	5-10 salários mínimos	Pai- Pós-Graduação Mãe- Pós-Graduação
GF 02- E3	F	15 anos	Branca	Ensino Médio	Privada	Até 4 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Superior Completo
GF 02- E4	F	17 anos	Branca	Ensino Médio	Privada	Até 4 pessoas	10-20 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Pós-Graduação
GF 02- E5	M	16 anos	Branco	Ensino Médio	Privada	Até 4 pessoas	5-10 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Ensino Médio
GF03- E1	F	15 anos	Parda	Ensino Médio	Ensino Domiciliar	Até 4 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Pós-Graduação Mãe- Pós-Graduação
GF 03- E2	F	17 anos	Parda	Ensino Médio	Pública	Até 3 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Superior Completo
GF 03- E3	F	15 anos	Amarela	Ensino Médio	Pública	Até 3 pessoas	1-2 salários mínimos	Pai- Ensino Médio Mãe- Ensino Médio
GF 04- E1	F	12 anos	Parda	Ensino Fundamental	Pública	Até 4 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Ensino Médio Mãe- Ensino Superior

GF 04-E2	M	13 anos	Pardo	Ensino Fundamental	Ensino Domiciliar	Até 4 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Pós-Graduação Mãe-Pós-Graduação
GF 04- E3	M	12 anos	Pardo	Ensino Fundamental	Privada	Até 3 pessoas	5-10 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Superior Completo
GF 04-E4	F	13 anos	Parda	Ensino Fundamental	Privada	Até 2 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Superior Completo
GF 04-E5	M	12 anos	Pardo	Ensino Fundamental	Pública	Até 3 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Superior Completo Mãe- Ensino Médio
GF 05- E1	M	14 anos	Branco	Ensino Fundamental	Privada	Até 3 pessoas	Mais de 20 salários mínimos	Pai- Pós-Graduação Mãe-Pós-Graduação
GF 05- E4	M	12 anos	Pardo	Ensino Fundamental	Pública	Até 3 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Superior completo Mãe- Pós-Graduação
GF 05- E5	F	16 anos	Branca	Ensino Médio	Privada	Até 3 pessoas	5-10 salários mínimos	Pai- Ensino Médio Mãe- Ensino Médio
GF 05- E9	M	16 anos	Preto	Ensino Médio	Pública	Até 4 pessoas	2-5 salários mínimos	Pai- Superior Incompleto Mãe- Superior Completo

Fonte: Dados coletados pelo pesquisador, 2020.

A apresentação acima não pretende fomentar nenhuma discussão estatística dos dados, visto que este não é objetivo do estudo, mas foi construída para facilitar a visualização dos dados socioeconômicos dos participantes do estudo.

Dos 27 adolescentes entrevistados, 6 (22,2%) não responderam ao questionário socioeconômico, estes fizeram parte do Grupo Focal 5, realizado por pesquisadores do eixo quantitativo do estudo, apesar da tentativa de contato com estes adolescentes alguns meses depois da realização da entrevista, durante a coleta de dados do eixo qualitativo, não conseguimos o contato (telefone ou e-mail) destes adolescentes. Apesar disso, a falta desses dados não representa prejuízo para análise e caracterização dos sujeitos, uma vez que a maioria (21 adolescentes -77,8%) respondeu ao questionário. Ressalta-se que os adolescentes já haviam sido esclarecidos sobre a participação voluntária na pesquisa e consentiram em contribuir com o estudo.

Dos 21 adolescentes que responderam ao questionário, 4 (19,0%) se autodeclararam pretos, 8 (38,9%) brancos, 8 (38,9%) pardos e 1 (4,76%) amarelo; 11 (52,3%) tinham entre 12 e 14 anos e cursavam o ensino fundamental e 10 (47,7%) tinham entre 15 e 16 anos e cursavam o ensino médio, 9 (42,8%) estudavam em escola pública, enquanto 10 (47,6%) frequentavam a rede privada, e 2 (9,5%) estudavam em casa por meio do ensino domiciliar. Em relação à renda familiar, 2 (9,5%) não souberam ou não quiseram responder, 2 (9,5%) famílias tinham a renda entre 1-2 salários mínimos, 9 (42,8%) renda familiar entre 2-5 salários mínimos, 6 (28,5%) entre 5-10 salários mínimos, 1 (4,76%) entre 10-20 salários mínimos e 1 (4,76%) mais de 20 salários mínimos; o número de moradores em domicílio variou entre 2 e 4 pessoas. Quanto a escolaridades dos pais, apenas 1 (2,38%) possuía ensino fundamental, 8 (19,0%) possuíam ensino médio, 17 (40,47%) ensino superior completo, 2 (4,76%) ensino superior incompleto, e 14 (33,3%) pós-graduação.

De acordo com os dados pode-se observar que a maioria dos adolescentes do estudo consideram-se pardos e brancos, moram com a família, com 2 a 4 membros, houve homogeneidade em relação a rede de ensino que frequentam. Para a renda familiar foi considerada a somatória de todos os residentes em domicílio, sendo que a renda per capita variou de 522,50 a 7.315,00 entre as famílias, evidenciando discrepância na distribuição de renda entre os adolescentes participantes, porém, a maioria (17) está na faixa acima de 2 a 5

salários mínimos. É importante destacar que foi utilizado como base o valor do salário mínimo vigente durante o ano de 2020, R\$1.045,00.

3.2 Construção das categorias

As narrativas dos cinco grupos focais foram sequenciadas e agrupadas de forma a destacar as semelhanças e divergências no conteúdo. Durante os Grupos Focais, observou-se que os adolescentes não expressaram dificuldades ou constrangimento ao relatar suas experiências e opiniões da temática abordada. No geral, eles demonstraram interesse em conhecer a vivência e perspectiva dos demais colegas no período de distanciamento social, trocaram experiências e opiniões e compartilharam sentimentos como medo, insegurança, ansiedade e desejo que a pandemia acabe. A estratégia de utilização das entrevistas por meio dos grupos focais facilitou a interação entre pesquisador e entrevistado, além de ter proporcionado um breve momento de interação social entre eles, sentimento expresso pelos participantes ao final dos grupos focais.

A partir da análise do conjunto dos grupos focais, foi possível compreender as experiências e interpretações sobre a vida durante a pandemia, distanciamento social, mudança e adaptações do cotidiano, relações interpessoais e saúde. Essas narrativas foram agrupadas em três categorias segundo os roteiros definidos por Gagnon:

- 1. Roteiros Interpessoais: as relações interpessoais e adaptações na rotina no contexto da pandemia.**
- 2. Roteiros Intrapsíquicos: dificuldades, anseios, sentimentos e repercussões na saúde mental e emocional.**
- 3. Cenários Culturais: repercussões sociais da pandemia.**

3.3 Roteiros Interpessoais: as relações interpessoais e adaptações na rotina no contexto da pandemia

Nesta categoria são apresentadas as narrativas e interpretações configuradas por padrões institucionalizados de interação social que ajudam o indivíduo a organizar sua auto-representação e a representação de terceiros (GAGNON, 2006). Nela, os adolescentes destacam as mudanças que a pandemia e o isolamento social provocaram em suas vidas, no cotidiano e nas relações com as pessoas. Sobressaíram-se, nas falas dos participantes, as mudanças relacionadas à escola, amigos, família e as inter-relações permeadas por elas.

3.3.1 Escola

Para os adolescentes integrantes dessa pesquisa, o ensino remoto representa um grande desafio, tanto para eles quanto para professores, escola e seus pais. A maior dificuldade relatada diz respeito à adaptação e aprendizado com essa nova modalidade de ensino. Muitos descrevem dificuldades em aprender o conteúdo, pouca ou nenhuma interação entre professor e aluno, falta de didática adequada ao ensino online, e sobrecarga de trabalhos e provas, contribuindo para que a rotina durante a pandemia fique muito mais pesada.

A maior mudança no cotidiano e na vida dos adolescentes está relacionada à interrupção das atividades de ensino presencial. Escolas do mundo inteiro tiveram que suspender as aulas e adaptar o ensino para a modalidade remota. Esta alteração foi realizada seguindo as recomendações dos principais órgãos e autoridades sanitárias e de saúde como alternativa para diminuir a transmissão do vírus da Covid-19. Porém, tal medida poderá acarretar impactos ainda não mensuráveis na vida dos adolescentes e suas famílias, dentre eles destacam-se: perda da qualidade do ensino, aumento das desigualdades sociais, perda da interação social e desenvolvimento de crianças e adolescentes, além das consequências para saúde física, mental e emocional (FARIAS; GIORDANO, 2020).

No Brasil, a transição do ensino presencial para o remoto não ocorreu de forma homogênea. Em geral, percebe-se que as instituições de ensino privadas tiveram maior condição de adaptação do ensino, enquanto as instituições públicas enfrentaram grandes desafios para fazê-lo. Tais dificuldades são de âmbito interno, como falta de plataforma adequada para ministrar as aulas, pouca ou nenhuma preparação dos professores para essa modalidade de ensino e resistência político-governamental. Do ponto de vista dos alunos, as dificuldades dizem respeito à desigualdade social, pois muitos estudantes não têm acesso à internet e/ou aparelho eletrônico para assistir as aulas. Esses achados também foram encontrados por MAGALHAES (2021).

[...] Em questão das aulas, eu acredito que está tipo isso para todo mundo, né, porque aula online é muito difícil. Para quem já está acostumado com a online, que é a galera da faculdade, para eles é a mesma coisa, mas para a gente que está frequentando quase todos os dias... muito difícil, foi muito difícil e é difícil ainda entender as coisas, prestar atenção na aula e aprender mesmo. Está sendo muito difícil. [...]. (Grupo focal 2).

“[...] Se eu ficar com alguma dúvida é muito mais difícil eu ir atrás do professor, sabe? Então, eu tenho que correr atrás dos meus amigos, as vezes a gente manda um e-mail para o professor, mas tem muitos que não respondem, porque eles não sabem mexer direito [...]” (Grupo focal 2).

“[...] eu realmente prefiro presencial para estar lá com o professor, para poder tirar as dúvidas ali direto com ele mesmo, porque é uma coisa que eu já estou acostumada minha vida inteira e de repente eu tive que mudar completamente o meu jeito de estudar [...]” (Grupo Focal 3).

“[...] teve algumas dificuldades, porque tem alguns WhatsApp dos professores, que a gente vai e tira dúvida. Mas mesmo assim, as vezes é muito complicado, porque tem hora que eles não respondem, que tem que dar outras aulas e tudo [...]” (Grupo focal 2).

A minha escola ainda não está tendo. Eles começaram só agora a liberar atividades para os alunos. É porque eles não podiam, porque têm pessoas que nem têm condições de estudar, não tem internet em casa, aí eles preferiram não liberar a aula assim, atividades, porque ia ficar meio que injusto (Grupo focal 1).

Estava tendo aulas online, porque eram aulas que estavam passando na TV. Só que meio que a gente não tem como ter diálogo com o professor e tudo, então era muito mais difícil [...]” (Grupo focal 2).

Eu acho que todo mundo fica muito prejudicado por diferentes razões. Algumas pessoas têm dificuldade de estudar em casa, algumas pessoas têm problemas em casa ou problemas com a internet e não podem levar o aprendizado bom. E também tem a questão que as escolas públicas estão tendo uma educação muito diferente das escolas particulares [...]” (Grupo focal 2).

A adaptação para o ensino online foi uma resposta inevitável ao longo dos meses sem poder receber os alunos presencialmente, definida como alternativa de escolas, professores e alunos para minimizar os prejuízos causados pela pandemia. Assim, as tecnologias da comunicação tornaram-se uma ferramenta indispensável para a continuidade do ensino. Na perspectiva do professor, tais mudanças exigiram competências, habilidades, motivação e estrutura física e tecnológica que lhes permitissem repensar e ressignificar os espaços virtuais de aprendizagem (PANISOARA et al., 2020).

Para a implementação do ensino à distância é necessário organizar infraestrutura adequada à modalidade, eficiência no uso dos recursos tecnológicos, capacitação dos professores, bem

como clareza sobre o método de ensino, entre outras adaptações. Assim, a transição do ensino em sala de aula para a educação online e à distância exige uma combinação entre tecnologia de ensino, aspectos da educação tradicional associados às necessidades de ensino atuais, para formar um novo modo educacional moderno (XUANZHEN et al., 2020).

Esta nova realidade educacional, além de propor mudanças no currículo pedagógico, expõe alguns desafios para os estudantes e suas famílias, como acesso limitado às tecnologias da informação, desigualdade de acesso e exclusão digital, falta de recursos necessários como computador e telefone celular para assistir as aulas e participar dos encontros, resistência à modalidade online por parte dos professores e alunos, bem como dificuldade de interação social entre os envolvidos (ADARKWAH, 2021). De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2019 do Instituto Trata Brasil, 74% da população com dez anos de idade ou mais possui acesso à internet. Apesar disso, uma em cada quatro pessoas não utiliza a rede no país, o que representa 47 milhões de não-usuários, e destes quase a totalidade pertencem às classes C, D e E. O estudo mostrou também que entre as classes D e E, 85% utilizam a internet exclusivamente pelo telefone celular, sendo predominante entre a população preta (65%) e parda (61%) (CETIC, 2019).

Outra preocupação que permeia a mudança do estilo educacional devido à pandemia é o desempenho acadêmico. Nesse sentido, o estresse emocional e a experiência de um evento potencialmente traumático como a pandemia de Covid-19 exigem habilidades de gerenciamento da aprendizagem e resiliência emocional por parte dos estudantes. O gerenciamento da aprendizagem compreende, entre outros aspectos, o gerenciamento do tempo, a gestão de recursos e gestão ambiental, enquanto a resiliência emocional diz respeito à capacidade de gerar emoções positivas e se recuperar de experiências emocionais negativas (ZHANG; ZHOU; XIA, 2020).

Conforme expresso no relato dos adolescentes, a adaptação à nova modalidade de ensino é um grande desafio pela dificuldade de adaptação às aulas online, sendo as principais queixas associadas à dificuldade de concentração e aprendizado, excesso de atividades, pouca ou nenhuma interação com os professores e ansiedade para retomar o ensino presencial tradicional. As repercussões desse período ainda não podem ser totalmente mensuradas, e provavelmente serão refletidas em curto, médio e longo prazos.

Para vencer as barreiras e desafios educacionais é necessário que instituições, professores e governo elaborem e implementem estratégias flexíveis de gerenciamento da educação durante

a pandemia de Covid-19. Dentre estas estratégias destacam-se: reestruturação curricular para uma educação online bem-sucedida, adoção de tecnologias modernas e ferramentas de aprendizagem online, treinamento e capacitação de professores e alunos, promoção de métodos ativos de interação que permitam que professores e estudantes se associem simultaneamente, desenvolvimento de meios alternativos de entrega e abordagem educacional como programas de TV e rádio, implementação de programas de bem-estar e suporte mental, entre outras medidas (AHMED et al., 2021), além de proporcionar acesso aos equipamentos e à internet para as famílias que não dispõem dessa estrutura.

É evidente que a pandemia de Covid-19 rompeu as práticas tradicionais de educação e exigiu rápida adaptação ao novo padrão de ensino. Desta forma, muitas instituições, professores e autoridades se viram obrigados a adotar o ensino à distância sem regulamentação ou preparação prévia, como forma de salvar a sala de aula e permitir a conclusão das jornadas educacionais dos indivíduos (LILY, et al., 2020).

Na perspectiva dos adolescentes participantes desse estudo, a retomada do ensino ocorreu de maneiras diferentes entre a rede privada e rede pública, enquanto as instituições privadas rapidamente se movimentaram para retomar o ensino por meio remoto, na rede pública isso aconteceu tardiamente e com estratégias diversas de educação.

3.3.1.2 Amigos

No geral, as relações de amizade não sofreram grandes alterações durante a pandemia. Os adolescentes relatam interrupção dos encontros presenciais com os amigos, porém a falta do contato presencial parece não ter prejudicado a interação, o contato e o laço afetivo entre eles, mesmo que se refiram ao contato físico como uma falta. Para a maioria deles, a comunicação e o convívio pessoal foram substituídos pela interação online e alguns relatam ainda melhora na qualidade no relacionamento com os amigos.

“Ah, não, em relação aos meus amigos sim. A gente acaba ligando um para o outro e a gente conversa quase todos os dias. [...] Então, tipo assim, a questão dos amigos não é algo tão impactante, porque a gente acaba que vê todo mundo. Não é a mesma coisa que ver fisicamente, mas dá para suprir” (Grupo focal 2).

“[...] Em questão de amigo assim, eu estou bem confortável. A gente já conversava por WhatsApp, por chamada mais vezes. Eu não sinto muito saudade, mas mesmo assim tem a questão do pessoalmente, que é outra coisa, né? Bem melhor. (Grupo focal 2).

“[...] quanto aos amigos, a gente conversa bastante, principalmente por mensagem, às vezes a gente faz algumas ligações e estamos tendo contato assim, está indo” (Grupo focal 2).

“Eu tenho o grupo de amigos, que é o mesmo que a EI está, e eu tenho os meus amigos da escola. A gente conversa bastante e eu não converso com todos, mas a gente continua conversando [...] A pandemia não separou a gente, só mudou o jeito que a gente se encontra” (Grupo focal 3).

“[...] A quarentena eu acho que nos aproximou mais. A gente começou a falar sobre vários assuntos, principalmente espirituais. Eu comecei a ter outros grupos de amizades para poder ter mais a proximidade com Deus. [...] Eu acho que a gente mais se aproximou nessa quarentena. (Grupo focal 3).

“Então, com os amigos da escola, a gente continua conversando, a gente faz ligação, a gente joga muito joguinho junto e tal. [...] Então, eu não tenho mais contato de sempre por causa que não tem mais aula, mas a gente continua conversando, a gente faz ligação quase todo dia, joga joguinho. É muito legal.” (Grupo focal 4).

Esse contato assim com os amigos tem... eu acho que tem melhorado por conta do avanço da tecnologia”. (Grupo focal 4).

A adolescência é marcada por algumas mudanças comportamentais e rupturas entre a infância e a vida adulta. Assim, durante essa fase, os adolescentes, pela primeira vez, buscam independência dos seus pais e passam mais tempo com seus pares. Os amigos tornam-se a principal fonte de interação e influência, servindo muitas vezes como suporte emocional e participando do desenvolvimento social um do outro (MAGSON et al., 2020).

“[...] eu continuei conversando bastante com o pessoal da minha sala, pelo celular, e com meu namorado a gente conversa pelo celular e ele vem aqui em casa. Então, os meus amigos e ele são, assim, as pessoas com quem eu mais tenho conversado nesse tempo” (Grupo focal 5).

A impossibilidade de reunir-se fisicamente com outras pessoas e a privação de interação pessoal foram desafios importantes na vida dos adolescentes ocasionados pela pandemia. Apesar da possibilidade de conexão por meio digital com os amigos, para alguns adolescentes esta é uma alternativa ainda insuficiente, com pouca conexão emocional, e que dificulta o

apoio entre eles, gerando sentimentos como solidão, angústia e ansiedade. Por outro lado, o distanciamento social forçado evidenciou duas situações distintas, a primeira delas que a pandemia revelou quem são os “melhores amigos”, pois entre aquelas amizades mais próximas o contato permaneceu por meio online, e a segunda se refere ao fato de que os conflitos e desavenças diminuíram à medida que estão passando menos tempo juntos (ROGERS; HÁ; OCKEY, 2020).

“Em questão da amizade, eu também tenho meu grupo de amizades e a gente continuou conversando bastante, a gente já fez várias chamadas juntas. Então, graças a Deus, a pandemia não distanciou a gente, deixou a gente, eu acho que até a nossa amizade mais forte, nos deixou mais unidas. Teve algumas amizades que a gente acabou perdendo um pouco mais o contato, mas mesmo assim a gente conversa ainda. Então, eu acho que graças a Deus essa questão não foi afetada” (Grupo focal 3).

A qualidade e a satisfação dos relacionamentos, incluindo amizades, são fundamentais para os adolescentes, sendo essencial para seu desenvolvimento e tendo implicações de longo prazo na saúde mental. Neste sentido, o uso das mídias sociais tem potencial para satisfazer as necessidades psicológicas e suprir a falta de interação pessoal, por meio da interação e envolvimento dos usuários permitindo uma conexão rápida, fácil e acessível (YANG et al., 2021).

“[...] Sobre os amigos, está muito difícil ter que lidar com algumas coisas à distância, porque a gente gosta do contato, gosta de conversar. A gente tem grupos de WhatsApp, a gente pode se ligar, então, eu acho que a internet facilitou muito a possibilidade da gente ainda se manter em contato, mesmo não podendo se ver fisicamente [...]” (Grupo focal 2, E2).

As interações online são um componente importante do desenvolvimento social dos adolescentes, tornando-se ainda mais correntes durante o período de isolamento e distanciamento social. Durante esse período, manter as conexões íntimas com os amigos por meio das mídias sociais têm sido uma alternativa entre os adolescentes para se conectar. Essa conexão é crucial para os adolescentes e devem ser incentivada, no entanto há uma preocupação com os efeitos negativos como aumento do tempo de tela, excesso do consumo

de mídias sociais, agressão social, *cyberbullying*, bem como efeitos na saúde mental como solidão e depressão (ELLIS; DUMAS; FORBES, 2020).

A conexão com os amigos, ainda que por meios eletrônicos, tem o potencial de aliviar sentimentos subjetivos do isolamento, como solidão, ansiedade e sofrimento emocional, tornando-se uma estratégia eficaz para o enfrentamento do isolamento relacionado à pandemia de Covid-19 (JUVONEN; SCHACTER; LESSARD, 2021).

Os relatos dos adolescentes desse estudo assemelham-se com o apresentado na literatura e mostram que as relações de amizade não sofreram grandes alterações (TORRES et al., 2020; YANG et al., 2021; LIN, 2020). Isso se deve em parte à possibilidade de conexão por meio da tecnologia. Conforme mencionado na obra de Gagnon, “somos aprendizes dos cenários culturais, à medida que somos solicitados a encenar os roteiros, temos que modificá-los, para atender as exigências das situações concretas em que nos encontramos” (GAGNON, 2006).

3.3.1.3 Interações Familiares

Neste estudo, considerou-se a família nuclear (pai, mãe e irmão) e a família extensa (avós, tios e primos) como “família”, respeitando-se o que foi referido pelos adolescentes. Em geral, os adolescentes entrevistados moram em casa ou apartamento com até 4 pessoas, com os pais, e o(s) irmão(s). Alguns relataram viver próximo aos avós, e a maioria tem parentes que vivem próximo à sua residência, no mesmo bairro ou cidade.

A maioria dos adolescentes relatou rotinas familiares atarefadas antes da pandemia, pois tanto eles quanto seus pais e irmãos passavam a maior parte do dia fora de casa. Assim, com o fechamento das escolas, mudança para as aulas na modalidade remota, e com muitos pais trabalhando em regime de home Office, a convivência e interação familiar aumentaram. Para alguns adolescentes tais alterações foram positivas e proporcionaram maior aproximação, convívio e diálogo com seus pais e irmãos. Para outros, aumentaram os conflitos, gerando dificuldade de relacionamento intrafamiliar.

“[...] E a relação com a família, eu acredito que quem já tem o costume de ficar com a família dentro de casa por muito tempo, para eles não mudou muita coisa, mas no meu caso, que eu ficava quase o dia inteiro sem ver minha família, foi muito difícil no início por causa de ficar todo mundo junto 24 horas por dia, mas agora foi andando. A gente está caminhando junto, mas no início foi bem difícil [...]” (Grupo focal 2).

“[...]Então, a gente nunca teve muita convivência. E agora na quarentena, a minha mãe ainda continua trabalhando e o meu

pai trabalha no Home Office, às vezes ele tem que sair, às vezes não, esse tipo de coisa. E a gente nunca teve uma relação tão assim passiva. Na quarentena então houve alguns conflitos mais do que o normal, porque a convivência aumentou. É, mas agora está meio que estabilizando. Ainda têm conflitos, mas nem tanto quanto no início [...] (Grupo focal 2).

“Nós, eu e meu pai, somos bem geniosos. Então, a gente geralmente tem bastante conflito. E minha mãe que é a apaziguadora, ela que apazigua, então ela que acalma a gente. A gente sentou para conversar várias vezes, só que sempre voltava quase a mesma coisa. Só que meio que de por cento em por cento ia melhorando. Ainda há conflitos, mas a gente vai adaptando” (Grupo focal 2).

“Eu moro com minha mãe e com meu padrasto. E realmente teve muito mais conflito. Minha mãe trabalha daqui [...] e meu padrasto também” (Grupo focal 3).

“Bem, sobre a família, eu acabei tendo mais conflitos, mas depois de umas reuniões com as meninas voltei a conversar com Deus, voltei a me sentir na presença dele [...]” (Grupo focal 3).

“Conflito eu acho que acabou tendo um pouquinho mais, porque querendo ou não, estava eu, minha mãe e meu pai em casa, então, ia acabar conflitando mesmo. Mas eu acho que com meu pai trabalhando, eu e minha mãe acabamos por ter mais tempo até para ajeitar em casa, porque não dá [...] Aí com o meu pai trabalhando dá para ajeitar melhor, então eu acho que melhorou sim, acho que melhorou sim” (Grupo focal 3).

“[...] E aqui em casa, assim, eu percebo que isso tem estressado todo mundo aqui de casa, tanto eu quanto meu pai quanto minha mãe. Todo mundo tem ficado bem estressado com tudo isso que vem acontecendo. Então a gente conversa, mas às vezes a gente acaba se estressando no meio da conversa ou então a gente nem conversa tanto assim [...]” (Grupo focal 5).

Esses achados corroboram com outros estudos (PETROWSKI et al., 2020; MENG QI et al., 2020; CUSINATO et al., 2020) que também identificaram fatores estressores intrafamiliares como: estresse financeiro, sobrecarga de trabalho dos pais e ensino remoto domiciliar. Tais fatores contribuem para o aumento do estresse individual e afetam o bem-estar familiar. Considerando a dinâmica familiar antes da pandemia de Covid-19, o estresse associado à doença pode ser relacionado a uma convivência familiar negativa e pode representar uma ruptura do equilíbrio gerando respostas menos adaptativas e mais hostis entre pais e filhos

(DAKS; PELTZ; ROGGE, 2020). Se os roteiros interpessoais no interior da família são permeados de conflitos, a reconstrução de outra maneira de conviver, aparece como mais difícil e exigindo maior disponibilidade intrapsíquica.

Embora a pandemia e o isolamento social tenham proporcionado maior tempo de convivência intrafamiliar, famílias pouco flexíveis ou não adaptadas a essa nova rotina experimentam algumas limitações que ameaçam a qualidade e a coesão familiar, aumentando os conflitos e as dificuldades de relação. Estudo conduzido com pais de crianças italianas durante as primeiras semanas de confinamento revelou que mais de 80% dos pais relataram altos níveis de sofrimento psicológico durante o isolamento social. O mesmo estudo aponta que uma a cada cinco crianças relatou exaustão significativa. Esses altos níveis de sofrimento psíquico podem ser explicados pela sobrecarga das tarefas diárias que envolvem os filhos, como gerenciamento de tempo, atividades escolares e tarefas domésticas (MARCHETTI et al., 2020).

As mudanças geradas na vida familiar, associadas à sobrecarga de papéis e funções dos pais durante esse período, mostram-se favoráveis ao aumento do estresse parental e podem provocar resultados negativos no trabalho. Ressalta-se que, devido às orientações das autoridades em saúde muitas famílias perderam suas redes de apoio no cuidado com os filhos (escola, avós, familiares ou entidades sociais). De acordo com a literatura encontrada, essa sobrecarga afeta em maior escala as mulheres, pois estas, geralmente, contribuem mais com as tarefas domésticas e cuidados com os filhos do que os homens (TILBURG et al., 2020).

Apesar de não ser a realidade dos adolescentes desse estudo, vale destacar as dificuldades enfrentadas pelas famílias chefiadas por mulheres ou familiares como os avós, visto que essa é uma realidade muito comum no Brasil. Muitas vezes, essas famílias se enquadram entre uma parcela da população mais vulnerável socialmente, principalmente no que diz respeito ao status econômico, podendo ter acesso limitado a alimentos, instabilidade habitacional, entre outras condições e agravos sociais (XU, et al., 2020).

O estresse parental pode ser definido como uma categoria especial do estresse desencadeado pela cobrança de “ser um bom pai”, e pode ser causado pelas condições emocionais dos filhos e pelas características de saúde dos pais. Assim, diante de um evento estressor como a pandemia de Covid-19, é fundamental a adaptação e acolhimento desses indivíduos fornecendo a eles o suporte social adequado para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento familiar. No entanto, muitos serviços de apoio social pararam de funcionar

durante a pandemia, deixando diversas famílias desassistidas e mais vulneráveis a desenvolver distúrbios emocionais como ansiedade e estresse parental (REN et al., 2020).

Do ponto de vista dos pais, é evidente que muitos experimentam uma exaustão e esgotamento parental relacionado às mudanças de vida durante a pandemia, porém é importante diferenciar esses dois conceitos. O estresse parental caracteriza-se por uma condição comum, normal e, algumas vezes, necessária. Em contrapartida, o esgotamento parental ocorre quando o estresse parental se cronifica, tornando-se algo severo e que sobrecarrega os pais ao ponto de provocarem sintomas com diferentes proporções e gravidade (MIKOLAJCZAK; ROSKAM et al., 2020).

O medo e ansiedade dos pais, relacionados à saúde e segurança durante surtos de doenças infectocontagiosas, como a Covid-19, podem ser transmitidos involuntariamente para seus filhos, influenciando crianças e adolescentes em suas crenças sobre saúde e comportamento. Isso pode ocasionar em um crescimento significativo de temores relacionados à saúde no contexto familiar (KUBB; FORAN, 2020). Ademais, a exposição constante a agentes estressores pode levar à fadiga emocional, cognitiva e física, que, por sua vez, pode exacerbar uma tensão indevida no binômio pais-filhos contribuindo com o surgimento de riscos ambientais intrafamiliares como aumento dos conflitos, comportamentos parentais rígidos, abusivos, agressivos e violentos (BROWN et al., 2020).

Em revisão sistemática e metanálise que investigou o efeito do isolamento social e quarentena em crianças, adolescentes e seus cuidadores, encontrou-se grande prevalência de respostas comportamentais e psicológicas dos cuidadores durante a quarentena. Os principais sintomas encontrados foram: preocupação, nervosismo, raiva, distúrbios do sono, choro e sensação de perda de controle para eventos externos (PANDA et al., 2020).

Apesar de os pais e cuidadores não terem sido incluídos diretamente na presente investigação científica, julgou-se necessária a apresentação de estudos abrangendo, do ponto de vista dos pais, os efeitos e dificuldades vivenciados no período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, bem como suas repercussões no contexto intrafamiliar e relações com os filhos. Os sentimentos e contextos de vida dos pais repercutem diretamente na vida dos adolescentes.

Na perspectiva do adolescente, as mudanças no estilo de vida durante a pandemia incluem adaptações pessoais como transformação da modalidade do ensino presencial para o ensino remoto, adaptações familiares como alteração no cotidiano de toda família e sociais como

restrições de reuniões e atividades ao ar livre, o que pode afetar negativamente na qualidade das relações interpessoais e de amizade. Porém, pode ter efeito positivo no tempo disponível em casa com os pais (CHOI et al., 2021). Para os adolescentes e jovens, as interrupções da rotina diária podem representar uma instabilidade emocional e afetar sua saúde mental, considerando que a pandemia atual obrigou as famílias a permanecerem por um período indeterminado em isolamento domiciliar os impactos na relação pais-filhos ainda são desconhecidos (RUSSELL et al., 2020).

Mesmo que o tempo de convívio entre pais e filhos tenha sido ampliado, a qualidade do relacionamento está associada a fatores internos como proximidade, abertura emocional, amizade e intimidade (ACHTERBERG et al., 2021), bem como a fatores externos relacionados à pandemia como estresse, impacto financeiro, aspectos psicológicos e sobrecarga de funções dos pais, o que pode servir como indicador do conflito familiar (CHUNG; LANIER; WONG, 2020).

Os conflitos entre pais e filhos podem ser associados com a proximidade do relacionamento entre eles e aspectos como ansiedade, depressão, sobrecarga do cuidador e estresse infanto-juvenil podem contribuir com essas relações de conflito (RUSSELL et al., 2020). Vale destacar, ainda, que os pais desempenham papel importante no cuidado e proteção dos filhos. Em estudo recente encontrou-se associação positiva entre menor nível de depressão, ansiedade e estresse em crianças cujos pais mantinham uma comunicação aberta com os filhos sobre a pandemia (TANG et al., 2021).

Sabe-se que crianças, adolescentes e suas famílias são fortemente afetadas por eventos traumáticos como guerras, desastres e epidemias. No entanto, ao se analisar a natureza da pandemia de Covid-19, os mecanismos de contenção da doença, como o isolamento domiciliar, podem servir como forma de aproximação das famílias e aumentar o vínculo pais e filhos (ACHTERBERG et al., 2021). Dessa forma, para algumas famílias tais mudanças podem ser positivas, com pais e filhos permanecendo mais tempo juntos, demonstrando maior afeto e carinho. Isso evidencia que, apesar das dificuldades impostas pela pandemia crianças, adolescentes e seus familiares tiveram oportunidade de fortalecer seus vínculos (GADERMANN et al., 2021).

“Assim, eu me aproximei mais da minha mãe, da minha família, do meu irmão e do meu pai. Só que eu agora também vim para a casa da minha avó, porque ficar só trancada dentro

de um apartamento não é muito bom. Aí eu vim para cá e estou aqui” (Grupo focal 1).

“[...] O meu pai, de vez em quando, ele trabalha home office e, às vezes, ele vai para o escritório. Mas nós ficamos bem mais próximos eu acho, porque como a gente está passando o dia inteiro juntos às vezes, então isso meio que força a nossa proximidade. Mas eu acho que com os meus parentes também eu continuo vendo eles, visitando, eles visitam a gente e é isso. Só que com menos frequência do que era antes da pandemia” (Grupo focal 4).

“[...] Assim, a minha comunhão aqui com a família, ela continua sendo uma comunhão muito boa. Ela desde a pandemia, eu acredito que ela tem melhorado, porque como o meu pai saía muito para trabalhar, agora ele está ficando no home office, né, está sendo melhor, porque a gente está se comunicando mais e etc. [...] Com os familiares também mais distantes está melhorando, porque o avanço que a tecnologia teve nessa pandemia foi incrível [...] e é mais fácil a gente falar com familiares que moram em outro estado, por exemplo” (Grupo focal 4).

“[...] E eu estou passando mais tempo com a minha irmã, o que está sendo uma coisa muito boa, porque eu não passava muito tempo com ela, mesmo sendo uma diferença de 10 anos entre nós duas, eu não ficava com ela. Agora eu estou passando mais tempo com ela e tem sido ótimo” (Grupo focal 5).

“Eu me aproximei muito mais da minha família, sim, principalmente do meu pai, porque ele trabalhava muito. Às vezes eu não conseguia ficar muito tempo com ele. Agora ele fica em casa, a gente está andando de bicicleta, jogando vídeo game, fazendo coisas mais legais, vendo filme à noite que a gente não fazia porque ele trabalhava muito nesse horário. A gente não tinha muita comunicação. Agora a gente está começando a ter mais comunicação” (Grupo focal 5).

Os achados mostram que a pandemia de Covid-19 e as medidas de distanciamento social afetaram diversas dimensões nos roteiros interpessoais e intrapsíquicos de pais e filhos, associados ao bem-estar familiar, porque houve novos roteiros culturais por exigência de novos modos de viver na pandemia de Covid 19. Para alguns, esse período proporcionou maior aproximação, uma vez que pais e filhos puderam passar maior tempo juntos e estreitaram a relação e afeto. Para outros, a crise sanitária gerou medo, preocupação, insegurança, impossibilitou o convívio social entre outras consequências, tudo isso tem

impacto significativo no bem-estar familiar e consequente aumento dos conflitos (JANSSEN, et al., 2020).

Compreende-se, portanto, que para os adolescentes deste estudo e suas famílias a pandemia representou quebra significativa da rotina e do convívio social, para algumas famílias o aumento da convivência possibilitou estreitamento das relações entre pais e filhos. Porém, ao mesmo tempo, dificultou a confraternização com outros membros familiares que não aqueles do núcleo familiar. Para outras, a mudança de rotina e aumento da convivência expuseram dificuldades relacionais, que antes da pandemia eram abafadas pela pouca convivência e interação familiar. Essas dificuldades são representadas nas falas dos entrevistados com relatos de aumento dos conflitos familiares internos.

3.3.1.4 Estilo de vida e cuidados com a saúde

Neste tópico apresentamos as implicações permeadas pela mudança de rotina, caracterizada pela interrupção das aulas, atividades diárias individuais, reorganização pessoal e da família, incluindo alimentação, atividade física e adaptações realizadas durante o isolamento social. Neste contexto, a família e a escola têm grande representatividade nas adaptações de vida e rotina sendo as relações interfamiliares e interpessoais bastante afetadas pela pandemia.

“O que mais mudou para mim foi que antes eu fazia futebol e agora eu não estou fazendo. Estou tendo que adaptar uns exercícios em casa para não ficar parado. E também eu não estou saindo tanto com os amigos, tipo, para festas, essas coisas” (Grupo focal 1).

“[...] a gente começou a fazer os cultos online, então, não perdemos muito os cultos, né? E a gente também começou a fazer um culto de meninas da minha... da nossa faixa etária, minha e da A., de meninas de 12 até 17 anos, toda quinta-feira [...]” (Grupo focal 3).

“[...] eu fazia muita atividade extracurricular na escola, bastante coisa, e agora que parou tudo eu acho bem estranho. Tipo assim, grande parte do meu dia que eu fazia várias outras coisas eu não tenho mais o que fazer, aí eu tenho que procurar outras coisas para fazer [...]” (Grupo focal 2,).

Os adolescentes expressam que a pandemia afetou diversas atividades que antes eram rotina para eles como futebol, festas, cultos e encontros religiosos, além das atividades escolares, modificando seus roteiros interpessoais de forma aguda e deixando-lhes, em geral, um sentimento de vazio no cotidiano. Não se sabe se serão alterações que abrangerão definitivamente os roteiros, tanto os interpessoais como intrapsíquicos e culturais, mas pode-se inferir que alguma mudança mais profunda haverá.

As medidas restritivas adotadas para conter a disseminação do vírus ocasionaram de forma indireta alterações no estilo de vida das pessoas, com redução importante no nível de prática de atividade física, aumento do comportamento sedentário e proibição de atividades de lazer e socialização (MALTA et al., 2021c). Entre os adolescentes brasileiros houve queda de 12,96% na prática de atividades físicas e aumento de 25,58% no comportamento sedentário. Apesar de não ter sido objeto de investigação do presente estudo destacam-se as mudanças alimentares com aumento do consumo regular de hortaliças, comida congelada, chocolates e doces e queda no consumo de bebidas alcoólicas (MALTA et al., 2021b).

“Eu acho que eu estou tentando fazer atividade física pelo menos umas três vezes por semana. Têm semanas que é mais difícil, têm semanas que eu não me sinto muito motivada, porque eu não tenho, como o S. e a I. têm, um grupo que a gente possa fazer todo mundo junto. É uma coisa mais sozinha, geralmente dá certo, mas têm semanas que não dá. Eu tenho me alimentado bem, porque eu geralmente que cuido dos...eu, minha mãe e meu pai, a gente cuida dos almoços aqui em casa e a gente cozinha bem, eu gosto de cozinhar. Então, eu acho que a minha alimentação mudou, porque geralmente eu comia fora da escola, tinha aula até oito horas da noite duas vezes por semana. Então, eu geralmente almoçava na escola em restaurantes fora e eu acho que o que mudou foi que agora eu estou podendo comer umas coisas mais frescas, umas coisas que eu preparo no dia mesmo [...]” (Grupo Focal 2).

“[...] Só que agora, por exemplo, eu estou em casa, não tem essa preocupação, então eu estou conseguindo comer com mais variedade e coisas que eu mesma preparo às vezes, né? Então, de vez em quando eu peço...a gente pede comida aqui em casa, coisa que a gente tinha tipo zero hábito de fazer e a gente começou. Então, às vezes, a gente, assim, por exemplo, torta congelada ou então uma pizza. Então, assim, algumas coisas a gente também come mais...pior. Mas tirando isso, eu acho que tento manter uma alimentação pelo menos saudável. E quanto à atividade física, igual eu falei antes que eu estou menos motivada, então antes eu fazia bem mais do que eu estou fazendo agora, né? Eu andava mais, eu fazia mais coisas ao

longo da semana. De vez em quando eu tento fazer alguma coisa aqui em casa, mas é bem menos do que eu fazia antes [...]” (Grupo focal 2).

“[...] E também acho que a gente está tomando menos cuidado com as coisas que a gente come, comendo salgadinho, muito doce, essas coisas, e isso é péssimo pra nossa saúde de muitas formas [...]” (Grupo focal 5).

“Bem, como você havia falado que a gente está ficando mais em casa e está comendo mais, por esse exato motivo que a gente começou a fazer caminhada, porque a coisa aqui está tensa [...]” (Grupo focal 1).

“ Eu, nessa quarentena, eu estou comendo bastante sim. Eu só não estou comendo tanto assim, porque eu não estou indo na casa da minha avó. Eu fico bem preocupado de ir para lá, mas aqui em casa eu também vou na geladeira às vezes e como, mas não muito, porque, às vezes, eu tipo como alguma coisa sem carboidrato, porque eu não posso comer carboidrato toda hora e fora de hora, aí eu estou sempre comendo assim [...]” (Grupo focal 1).

A epidemia do sedentarismo e obesidade já é apontada como uma consequência de médio e longo prazos na saúde dos indivíduos. A interrupção das aulas presenciais e isolamento social, além de outras consequências, gera uma lacuna na oferta de alimentação, por meio da merenda escolar, comprometendo a disponibilidade de oferta de alimentos nutritivos e balanceados, além de impactar diretamente na interrupção das atividades físicas, uma vez que a escola é um ambiente propício para realização de atividades físicas grupais (SOUSA et al., 2020). Porém, para alguns adolescentes da presente pesquisa, o fato de poderem participar, em casa, das atividades de feitura das comidas, foram consideradas mudanças positivas. Também houve alterações na organização da casa, para caber todos os membros em atividades diversas e ao mesmo tempo, incluindo as tarefas domésticas.

“[...] a gente adaptou um pouco. Agora, ficou normal. Mas assim, no começo foi bem diferente, porque praticamente todo mundo da minha família passava o dia inteiro fora. Eu passava quase que o dia inteiro na escola, meu irmão passava grande parte também e minha mãe passava na escola dela trabalhando. Então, quando começou (a pandemia), foi bem assim, difícil de conciliar todo mundo. A gente teve que arranjar lugares para cada um ficar na casa, cada um trabalhar e estudar do jeito que precisa e organizar as tarefas[...]” (Grupo focal 2).

“Então, a gente ainda está organizando. A gente não tem um horário fixo, tipo assim, esse dia essa pessoa faz isso aqui. Porque como cada um tem aula, trabalho e reunião em algum horário diferente, a gente meio que vai dividindo assim, “ah, você pode fazer isso aqui agora, então sua vez de lavar ou sua vez de cozinhar”, sabe? Não tem nada fixo, a gente está flexível, por assim dizer.”(Grupo focal 2).

“A gente dividiu as tarefas depois de um tempo. Eu e meu pai somos encarregados da cozinha em quatro dias da semana, aí a minha mãe faz os outros três. A gente organizou uma tabela de “eu vou limpar isso, eu vou limpar aquilo” para todo mundo conseguir fazer um pouco de coisa e não sobrecarregar uma pessoa só. E demorou um pouco de tempo para a gente organizar os horários, porque às vezes o meu pai está numa reunião, minha mãe tem que fazer alguma coisa ou eu estou em aula, mas deu tudo certo no final. Agora a gente está em uma coisa mais organizada para poder deixar... para a casa não pegar fogo, basicamente” (Grupo focal 2).

Uma das principais adaptações no contexto familiar está relacionada ao aumento do tempo que pais e filhos estão ficando em casa, as atividades e tarefas domésticas cresceram e agora todos precisam organizar o tempo e o espaço para continuar realizando as atividades do trabalho e escola no ambiente domiciliar. Não foram encontrados estudos que discutissem as adaptações familiares no contexto das atividades domésticas combinadas com o trabalho, estudo e rotina. Porém, diversos estudos revelaram mudanças significativas no comportamento emocional e psicológico de crianças, adolescentes e seus pais associado à mudança de rotina durante esse período (CUSINATO et al., 2020; LOADES et al., 2020; SAURABH; RANJAN, 2020).

“Olha, quando a gente ia na escola era legal, porque tínhamos o intervalo e, de vez em quando, a gente almoçava num restaurante que tinha lá perto e ia na sorveteria, porque a minha escola é na frente de uma igreja e na igreja tem uma escadaria que leva para o centro. Aí a gente ia lá de vez em quando. Só que agora como a gente não pode mais sair de casa, aí não tem muito mais como a gente se divertir do jeito que a gente saía na rua” (Grupo focal 1).

“Bem, o que a gente espera do futuro com essa pandemia, certo? Então, bem, eu com certeza vou ver de um jeito totalmente diferente. É que tipo assim, como a E3 disse, a gente chegava em casa e ficava com a mesma roupa que estava. Agora imagina? Você está chegando na escola, todo mundo de máscara bonitinho, com os álcoois em gel e fala assim “me dá

um abraço? Não, você não pode me dar um abraço, porque ainda estamos de pandemia e temos que usar o nosso álcool em gel, está bom?”E aí eu imagino muito isso acontecendo” (Grupo focal 1).

“[...] Na pandemia eu acho que eu estou lendo um pouco mais talvez e eu estou aprendendo coisas de culinária novas que eu gosto, de prato de cozinha também. Mas sim, eu acho que é uma coisa que eu não tinha tanto a oportunidade de fazer e aprender antes e que a pandemia me proporcionou” (Grupo focal 2).

Para os adolescentes, pequenas mudanças também são representativas e o fato de estarem impossibilitados de fazer coisas simples, como almoçar com os amigos da escola, relaxar em casa quando chega da aula, dar um abraço no amigo, os fazem refletir sobre a vida. Em contrapartida, o tempo em casa aumentou a possibilidade de fazer coisas novas que antes não faziam.

Observa-se também relatos sobre participação em cultos on-line destinados aos jovens, o que pode traduzir que parcela do tempo foi empregado em atividades religiosas. Deve-se observar, em pesquisas futuras, se isso pode significar uma tendência de aumento da espiritualidade, em função dos medos e angústias advindas da pandemia.

Apesar das mudanças provocadas pelas medidas de controle da pandemia e a consequente modificação de rotina os adolescentes relataram resiliência e rápida adaptação ao novo normal, mas vale lembrar que as relações com amigos, familiares e pais sofreram grande perturbação das mudanças advindas da pandemia.

Todas as experiências vivenciadas pelos adolescentes nesse período de pandemia, como distanciamento social, interrupção da rotina, incluindo as aulas, encontro com os pares e aumento do convívio entre pais e filhos, repercutirá no desenvolvimento, saúde e comportamento dos adolescentes. Além desses fatores, ressalta-se ainda grande preocupação com a saúde emocional e mental desse grupo (OLIVEIRA et al., 2020).

3.4 Roteiros intrapsíquicos: dificuldades, ansios, sentimentos e as repercussões na saúde mental e emocional

Esta categoria apresenta os discursos de ordem psíquica pessoal do adolescente. De acordo com Gagnon (2006), os roteiros intrapsíquicos representam o conteúdo da vida mental e

psíquica, em parte resultante do conteúdo dos cenários culturais e das demandas de interação e parte, independente destes.

Para os adolescentes entrevistados, os primeiros meses da pandemia significaram o período mais difícil com relatos de sentimentos como ansiedade, preocupação, frustração e medo. Além disso, a pandemia levou também a exacerbação de sentimentos, principalmente de ansiedade, como mostrado nos relatos a seguir.

“No início da pandemia, eu estava bem preocupado, bem neurado na cabeça. Só que aí depois eu fui tranquilizando, porque aqui em casa meu irmão está saindo muito, porque ele está levando meu avô para o médico, essas coisas. [...] mas agora eu estou mais tranquilo, porque aqui em casa todo mundo está tomando os cuidados, mas antes eu era bem preocupado mesmo” (Grupo focal 1).

“[...] A saúde mental, eu acho que no início da pandemia estava bem mais difícil, igual eu já tinha falado antes, que agora está na questão de contentamento mesmo, porque não tem o que fazer. E está melhorando, tipo assim, em questão de saúde mental, ela está melhorando. Como sempre tem os altos e baixos, mas está melhorando em si” (Grupo focal 2).

“[...] Só no começo eu fiquei muito frustrada, nervosa, triste, ansiosa, tudo ao mesmo tempo, mas agora eu tenho me reconstruído, eu estou reconstruindo mais, estou ficando com a saúde mental melhor e a emocional também” (Grupo focal 3)

“[...] Então, tipo assim, isso pesa e a gente fica muito ansioso, eu pelo menos. Eu fico ansiosa, eu fico tensa sobre as coisas, eu fico muito preocupada com tudo. E aí eu acho que isso acaba afetando seu emocional, sua saúde [...]” (Grupo focal 5).

Durante a crise de saúde ocasionada pela pandemia de Covid-19 diversos fatores podem ser apontados como estressores e tem impacto direto na saúde mental dos indivíduos. Dentre eles, destacam-se o isolamento físico, medo da infecção, duração prolongada da pandemia, solidão e redução das interações sociais. Para os adolescentes, esses sentimentos podem se apresentar com maior intensidade por meio da ansiedade, preocupação e até mesmo depressão (NABUCO; OLIVEIRA; AFONSO, 2020). Ressalta-se que o próprio adolescente tem como característica o imediatismo, onde o elemento tempo é importante, e por isso contribui para exacerbação de sentimentos como a ansiedade.

Para enfrentar estes sentimentos alguns adolescentes buscaram ajuda profissional de um psicólogo. Entende-se que a disponibilidade desse profissional por meio da escola ou instituições que os adolescentes frequentam é fundamental para que eles tenham assistência e cuidados necessários. Neste sentido, as intervenções psicológicas voltadas tanto à população geral, quanto a grupos específicos, como os adolescentes, são essenciais para enfrentar as implicações da pandemia na saúde mental. Assim, diversas intervenções podem ser desenvolvidas que garantam o acolhimento e apoio a fim de prevenir o adoecimento mental desta população (SCHMIDT et al., 2020).

“[...] Mas eu tenho mais medo em questão de psicológico e depressão, essas paradas, porque na pandemia está muito difícil para mim, eu estava entrando em uma fase depressiva. Eu não queria fazer nada, eu não queria levantar da cama, chorava todas as noites e ficava triste do nada. [...] eu estava entrando em uma fase depressiva no início da pandemia e o que me ajudou muito foi ver meus amigos, eu procurei a psicóloga, porque na natação a gente tem psicóloga. Eu procurei ajuda da psicóloga e eu comecei a fazer minhas coisas para me ativar, ativar meu corpo [...] meu maior medo mesmo é essa questão da depressão em si” (Grupo focal 2).

Eu acho que o meu maior medo na pandemia é que eu sempre gostei muito de estudar, eu gostava muito de ir para aula. [...] Então quando chegou mais ou menos em maio e junho, eu perdi um pouco a vontade de estudar, porque eu não ia ter as mesmas recompensas de antes e isso é muito assustador, porque eu nunca tinha sentido isso antes. [...] Eu também procurei uma psicóloga, a escola oferece um apoio de psicologia, mas eu acho que o medo é que outras coisas venham a aparecer que me desmotivem mais e que possam afetar a minha vida de algum jeito e tal” (Grupo focal 2).

“Primeiramente, eu tive muito medo no início, mas assim, eu não estava saindo de casa muito não. [...] Eu sempre fui ansioso a minha vida inteira, só que graças a pandemia eu fiquei bem mais ansioso, principalmente para sair de casa e voltar nos dias normais. Também hoje em dia eu tomo remédio para ansiedade” (Grupo focal 4).

“Eu acho que o ponto negativo, eu vim conversando com alguns colegas meus e, assim, eu acho que pontos negativos tem.... tinha uma colega minha que me falou que está ficando muito ansiosa, estava tendo crises de ansiedade muito fortes durante a noite, antes de dormir, estava comendo bastante... eu acho que, assim, vai quase entrando pra o lado mais de a pessoa ficar depressiva mesmo, por não estar saindo, comendo bastante e ficando ansioso, né” (Grupo focal 5).

A pandemia de Covid-19 também afetou os planos e sonhos, adiando viagens, formaturas e outros eventos esperados, e tudo isso contribui e afeta a saúde mental dos entrevistados.

“[...] E a gente teve que cancelar os planos também, os planos que a gente tinha era de uma viagem que a gente iria fazer em maio e a gente teve que cancelar, porque começou a fechar tudo e eu acabei ficando um pouco frustrada com isso, sabe, porque era uma viagem dos meus sonhos e acabou que eu tive que desistir... A gente teve que largar tudo, teve que ficar em casa preso e isso me deu um sufoco, porque eu não podia ver ninguém, eu não podia abraçar ninguém, algo que é muito importante para mim, abraçar uma pessoa [...]” (Grupo focal 3).

“Eu fiquei bem triste, porque a formatura sempre foi o meu sonho. E eu fiquei realmente muito triste quando a gente descobriu que a gente não ia poder formar mais com todo mundo junto, mas a gente continua com os planos de quando isso passar, a gente fazer uma festinha para a gente pelo menos comemorar” (Grupo focal 3).

“ [...] Eu também vou formar se Deus quiser esse ano, que ano que vem eu vou para o Ensino Médio. E a gente também estava planejando entre nós, todas as salas do nono ano estávamos planejando. Só que infelizmente não ia dar para fazer e eu também acabei ficando frustrada porque é meu último no fundamental, né, então muita gente, pelo que eu vi, vai sair da escola [...]” (Grupo focal 3).

Há ainda a preocupação com a saúde e segurança dos familiares. Estudo conduzido anteriormente com a população geral chinesa mostrou que 75,2% dos entrevistados referiram medo de algum familiar contrair a doença (WANG et al., 2020). As investigações encontradas na literatura apontam para uma preocupação com os familiares que precisam sair de casa e não mantêm o isolamento social sugerido (PANDA et al., 2020; BEZERRA et al., 2020). Os adolescentes entrevistados neste estudo relataram a mesma preocupação, mas centrada nos avós e familiares considerados de grupo de risco.

“[...] Só que eu tenho um pouco de medo assim, às vezes, os meus avós são grupo de risco, né, e assim, às vezes eu fico com medo, porque eles não entendem muito bem o que está acontecendo. [...]” (Grupo focal 2).

“[...] Mas com a pandemia, eu acho que a ansiedade aumentou, mas eu não tenho tanto medo da pandemia, da doença em si. Eu sei que ela existe e tal e todos os cuidados

são necessários, mas sei lá. E eu acho que eu tenho mais medo de algum familiar meu pegar a doença e não conseguir se recuperar [...]” (Grupo focal 4).

“Assim, nessa quarentena, a gente acaba ficando um pouco com medo dos nossos familiares um pouco mais velhos por causa desse vírus. [...] Mas eu tenho muita fé e meu sentimento nessa quarentena foi de muita fé, que eu acredito que essa pandemia vai acabar e eu acredito que as coisas podem sim, podem mudar [...]” (Grupo focal 4).

“Eu tive muito medo também de pegar a doença. Minha irmã e meu pai, eles estavam com suspeita de COVID, e eu fiquei muito triste, porque eu sou muito agarrado na minha irmã. E aqueles dias que estavam passando para mim não estavam muito bons [...]” (Grupo focal 4).

Para ajudar enfrentar as restrições e mudanças geradas pela pandemia os adolescentes tiveram algumas fortalezas fundamentais nesse período como, por exemplo, os amigos, a fé e as práticas religiosas, entre aqueles que já frequentavam atividades religiosos percebe-se aumento da espiritualidade e fé. Alguns tentaram também encontrar atividades que os ajudassem a se distrair e melhorar a saúde mental.

“[...] Deus que foi minha fortaleza, ele que me deixou para cima. Meus pais também, eles me ajudaram muito. E é isso. Deus me ajudou muito nas questões dessa coisa emocional mesmo, porque eu estava muito triste e ele é onde eu senti abrigo. E agora... hoje eu estou melhor por causa disso” (Grupo focal 3).

“[...] porque realmente no início estava sendo bem difícil, estava com a ansiedade bem atacada, mas Deus tocou no meu coração e eu toda noite agora, eu tenho sempre falado com ele, sempre tenho tirado um tempo para falar com ele, para agradecer e ele acabou colocando uma paz assim em mim muito grande [...]” (Grupo focal 3).

“[...] Para manter a minha saúde mental mesmo assim, às vezes eu, todos os dias, tento fazer alguma coisa para relaxar minha mente do estudo, eu estudo bastante ao longo do dia. Então, as vezes eu vejo uma série, eu vejo algum filme com minha mãe, eu vou ler um livro, eu toco ukulelê, algumas coisas assim para relaxar e não surtar, sabe?” (Grupo focal 2).

“[...] Para me fortalecer, eu acho que os amigos têm sido muito importantes nesse momento. Poder ter pessoas com que você conte, converse bastante, possa confiar e conversar, tem

sido assim muito, muito importante, [...] Eu acho que essa rede de amigos, ela é muito, muito importante agora” (Grupo focal 2).

“[...] Então. Sobre isso de você procurar outra coisa para fazer além das redes sociais e de ver televisão, eu gosto muito de ler livro. Então, nesses dias mesmo eu falei assim: “Pai, vou pegar uns livros na internet. Vou comprar e aí quando chegar eu vou começar a ler e tudo mais.”. E aí eu comprei uns 3 de uma vez só. Já deixei tudo aqui e agora eu comecei a ler [...] o tempo passa assim e a gente nem percebe [...]” (Grupo focal 5).

“[...] Toda semana eu falo com minha avó [...]. Aí, eu sempre falo com ela, no mínimo duas vezes por semana, e a gente conversa e tenta se distrair, tenta ajudar um ao outro para conseguir se distrair dessa rotina [...]” (Grupo focal 5).

São notórias as repercussões na saúde mental, no contexto pessoal e coletivo, devido à pandemia e consequente isolamento social. As condições impostas pela pandemia, além do isolamento social prolongado, tais como exposição excessiva às informações e diminuição da atividade física, podem contribuir com o crescimento da vulnerabilidade dos adolescentes ao adoecimento mental (MILIAUSKAS; FAUS, 2020).

Assim, como observado nos estudos encontrados na literatura, as representações dos adolescentes sobre a pandemia de Covid-19 e seus riscos, e o modo como eles estão vivenciando esse período, evidenciam repercussões dessa crise sanitária na saúde mental dessa população. Do ponto de vista emocional, os adolescentes relataram alterações importantes, considerando-as umas das maiores dificuldades enfrentadas por eles durante a pandemia. Apesar de o isolamento social ser uma das medidas mais eficazes de controle e disseminação do vírus, é importante que as questões relacionadas à saúde mental sejam revistas e tratadas como fundamentais para a saúde individual e coletiva dos adolescentes. Estudos de acompanhamento de coortes, tanto quantitativos, como qualitativos, podem contribuir para a atenção à saúde dos adolescentes.

O modo como as pessoas estão lidando coletivamente com a pandemia, bem como o processo de adoecimento físico devido à infecção, as consequências e repercussões sociais da pandemia de Covid-19 geraram nos adolescentes sentimentos como preocupação, medo e insegurança. Além disso, o crescente número de mortos contribui para agravamento da depressão e da ansiedade entre eles.

“Eu acho que eu fico triste porque morreu muita gente, mas por enquanto a gente não está ainda tão triste. Mas a gente fica preocupado, porque vai que é uma pessoa que a gente conhece e a gente gosta muito, vai e pega o COVID e acaba morrendo. Ai, a gente vai ficar muito mais triste do que já está” (Grupo focal 1).

“[...] E a gente vê cada dia mais, o número de mortos crescendo e maior número de violências. Violências tanto dentro de casa quanto fora e tem sido algo muito difícil de ver [...]” (grupo focal 2).

“[...] quando as coisas realmente começaram a piorar, eu acho que involuntariamente eu me afastei, porque eu senti que ver hoje em dia como o Brasil está lidando com isso tudo, a quantidade de infectados, a quantidade de mortos, toda a questão de tudo que está acontecendo, das coisas que são o resultado da pandemia e também coisas que estão acontecendo paralelas à pandemia” (Grupo focal 2).

“[...] Eu fiquei arrasada com isso, eu não queria que isso tivesse acontecido. É uma coisa muito triste, além de perder vidas, por exemplo por suicídio, câncer e outras doenças assim, a gente está perdendo vidas para a COVID e isso é muito triste. Eu achei muito triste mesmo. Agora, eu também tenho ficado... tenho me estressado muito com a pandemia [...]” (Grupo focal 3).

O temor da infecção, assim como o desconhecimento da doença e sua susceptibilidade à morte tornam os impactos à saúde mental dos indivíduos ainda mais visíveis. Na população em geral, os níveis de ansiedade e estresse se tornaram elevados ou foram potencializados durante a pandemia (MOREIRA; SOUSA; NÓBREGA, 2020). Conforme a literatura, as alterações de transtornos depressivos e de ansiedade em diversos países, apontaram uma variação entre 13% e 45% de aumento durante os primeiros meses da pandemia de Covid-19. Ressalta-se que a situação do país também é relatada como impactante na vida dos adolescentes.

“[...] Então, assim eu acho que tem sido um momento que a gente está aprendendo muita coisa nova ou pelo menos percebendo muita coisa sobre o jeito que a gente lida com nós mesmos, com a sociedade brasileira. Também como a gente classifica coisas como a vida e como em todas aquelas histórias de várias coisas que estão acontecendo, principalmente ligadas às vítimas do COVID. São vítimas que não podem ser muito ajudadas ou que estão sendo prejudicadas, muito prejudicadas por causa da desigualdade

do nosso país, de comunidades indígenas e de comunidades mais pobres [...]” (Grupo focal 2,).

“[...] E aí, às vezes, a gente está vendo televisão e penso assim... eu já fico cansada, porque na televisão eles só estão falando coisas ruins, que fazem você desacreditar numa coisa boa que possa acontecer. Porque a televisão não fala mais de coisa boa. A televisão só está falando de coisas ruins. Aí tem dias que a gente cansa [...]. E aí chega a noite, eu vou deitar pra dormir e fico pensando em tudo o que eu vou ter que fazer amanhã sobre a escola. Eu fico pensando em coisas que a gente pode fazer pra tentar... o mínimo que a gente fizer para tentar mudar tudo isso. Nessas horas, o pouco que você fizer já é muito. E aí a gente... tipo, eu fico deitada pensando: “Gente, o quê que eu posso fazer? ” (Grupo focal 5).

A exposição excessiva a informações relacionadas à pandemia, como o número de mortos e infectados, aumenta o risco de adoecimento e sofrimento mental, aumentando os riscos de desencadear sintomas relacionados ao estresse pós-traumático (TEPT), de depressão e ansiedade (DUARTE et al., 2020).

No geral, pode-se compreender, assim como em outras investigações científicas (CHEN et al., 2020; ZHOU et al., 2020; LIANG et al., 2020; ABAWI et al., 2020), o presente estudo mostra os reflexos do isolamento social, mudanças e adaptações de vida e rotina, medo da infecção pelo vírus, bem como as consequências diretas da covid-19 nos indivíduos como adoecimento e morte, como fatores desencadeantes e/ou agravantes de transtornos mentais. Entre os adolescentes participantes deste estudo chama a atenção a recorrência dos relatos de ansiedade, preocupação, tristeza entre outros sentimentos associados a pandemia de Covid-19.

3.5 Cenários culturais: Repercussões sociais da pandemia

Esta categoria representa o conteúdo das normas e cenários sociais do adolescente. De acordo com Gagnon (2006), os cenários culturais são papéis sociais genéricos que fornecem instruções sobre requisitos narrativos para os papéis sociais gerais, configuram-se, assim, como acordos socialmente aceitos de se viver no coletivo.

No contexto das narrativas dos adolescentes, tais cenários são baseados em suas próprias expectativas e no julgamento sobre os comportamentos e atitudes de terceiros. Assim, as

apreciações e representações sobre as normas e condutas da sociedade durante a pandemia de Covid-19 são fundamentadas nas regras e orientações gerais das autoridades em saúde, bem como no senso comum observado por meio das ações individuais e coletivas da população.

Emergiu, nas falas dos adolescentes, a relação entre a atitude e comportamento das pessoas relacionados ao autocuidado e às condutas coletivas durante a pandemia. Em geral, os entrevistados interpretam as condutas e orientações para prevenção da Covid-19 como normas sociais e de cidadania inseridas dentro do cenário cultural atual e, por isso, devem ser seguidas por todos.

“As pessoas de grupo de risco têm que ficar em casa junto. Bem, por exemplo, eu fui sair esses dias na rua, porque nós estávamos começando a fazer caminhada, e o que eu mais vejo é idoso na rua. E eles estão no grupo de risco, o que mais tem é idoso. E eu pergunto, mas eles não estão no grupo de risco? Por que é que eles estão saindo? Eu fiquei um pouco confusa” (Grupo focal 1).

“[...] Elas só usam a máscara por questão de obrigação, por exemplo, para entrar no supermercado tem que ser de máscara, mas tirando isso não está seguindo nada, está indo para os lugares, está tendo festa. Eu tenho visto muito isso, eu fiquei muito assustada, porque o pessoal não tem vergonha de postar “ah, estou numa festa aqui” e estava aglomerado [...]” (Grupo focal 3).

“[...] eu acho que as atitudes dessas pessoas que estão saindo de casa sem máscara, estão fazendo festa, estão fazendo aglomerações, eu acho que é uma atitude infantil e irresponsável, porque elas podem até não pegar, mas um familiar, um parente, pode pegar e acabar morrendo, mas elas não estão nem aí, porque isso não está atingindo elas diretamente [...]” (Grupo focal 3).

“[...] Para mim, eu vi várias pessoas que não estavam nem um pouco preocupadas sobre isso e eu sinceramente fiquei muito preocupado [...]” (Grupo focal 4).

“[...] Tipo, por exemplo, na China e no Japão, eles respeitam e usam máscara quando estão doentes. A gente aqui no Brasil, a gente está tossindo no braço, é sempre assim. Eu acho que é um povo desrespeitoso. Quando você está doente, você deveria usar tipo uma máscara para prevenir que não aconteça a mesma coisa com as outras pessoas [...]” (Grupo focal 1).

“Então, eu não tenho gostado muito do comportamento das pessoas, porque elas têm agido como se nada tivesse acontecido e creio que esse tipo de pessoa, elas estão atrapalhando o processo do COVID acabar. Não estou

gostando das pessoas, por exemplo, tem gente que não liga de sair para rua sem a máscara [...]” (Grupo focal 3).

Com o início da pandemia, cuidados com a própria saúde e com a saúde e segurança das outras pessoas exigem a adoção de medidas restritivas, de cuidados individuais e preventivos. Tais comportamentos dizem respeito à responsabilidade social de cunho individual, assegurando a saúde e segurança da comunidade. Ações e atitudes de cada indivíduo são essenciais para o controle da pandemia (FONSECA et al., 2020).

A pandemia de Covid-19 exigiu a ressignificação da dinâmica espaço e tempo das pessoas, gerando um novo modo de ser e estar no mundo. Foram necessárias mudanças e adaptações no modo de agir e viver, ocasionando transformações sociais, ambientais, econômicas, culturais e emocionais. Porém, mesmo com todas as alterações na dinâmica do modo de se viver, para algumas pessoas é difícil compreender a necessidade das modificações comportamentais exigidas no contexto atual (ITANA SANTOS; ITAMARAY SANTOS, 2020).

“[...] Ao mesmo tempo em que não parece que nada é muito real, porque a gente só vê as coisas pelo telefone ou pela televisão e não discutindo com os amigos, parece que a gente não consegue fazer absolutamente nada a respeito. Sendo que muito pelo contrário, a gente pode ter uma mobilização muito grande pelas redes sociais como aconteceu, mas com as ações do Governo, com as coisas que estão acontecendo, com os escândalos, [...] a gente é muito exposto a fake news e a coisas conspiratórias [...]” (Grupo focal 2).

“[...] E eu acho que o governo é muito negligente, porque o governo poderia estar se esforçando mais. [...] eu acho que é negligência e eu acho que também que falta muito cuidado com o que o nosso presidente fala sobre o COVID” (Grupo focal 4).

“[...] Também acho que o governo está meio negligente quanto a isso, com o coronavírus” (Grupo focal 4).

Após o anúncio de crise sanitária e emergência em saúde pública mundial, estados e governo passaram a adotar uma série de medidas para conter o avanço da doença no Brasil. Ao contrário das recomendações de autoridades em saúde como a Organização Mundial da Saúde, o governo brasileiro adotou uma perspectiva de enfrentamento da pandemia pautada na defesa da economia e emprego, não investindo nas iniciativas cientificamente

comprovadas como isolamento social, no fortalecimento da capacidade e qualidades dos serviços de saúde e pouco incentivo aos estudos e pesquisas científicas, ficando a cargo dos estados federativos e das prefeituras a condução das políticas pública, além do encaminhamento da pressão social ao governo federal (SILVA; OLIVEIRA, 2020 e CAMPOS, 2020).

Os adolescentes mostraram que percebem as disputas, o negacionismo de algumas figuras políticas no que diz respeito a garantia da adoção das medidas para o enfrentamento a pandemia e suas consequências, com questões ameaçadoras como o desamparo social e ausência de estratégias de proteção individual, social e coletiva (CAPONI, 2020). Há, ainda, nas narrativas dos adolescentes, o entendimento das questões relacionadas às desigualdades sociais. Para eles, tal desigualdade se apresenta principalmente na diferença de acesso à educação, onde nem todos têm as mesmas oportunidades de dar continuidade aos estudos de forma remota e online.

“[...] Mas quem vai fazer o Enem, quem realmente está procurando fazer isso, tem a oportunidade de fazer isso, porque não é todo mundo que tem internet, tem um computador e essas coisas. Quem consegue fazer isso, eu acho que eles estão procurando sim e eles estão estudando para ver se conseguem fazer uma boa prova para conseguir entrar numa faculdade [...]” (Grupo focal 2).

“[...] Eu tenho um amigo que estuda em escola pública, só que... um amigo e prima, né? Que ela em questão da aula online ela não está tendo. Só está tendo uma aulinha com 20 minutos e para ela, ela vai perder esse ano, porque 20 minutos de aula, quatro vezes na semana não aprende nada [...] Mas, tipo assim, a minha prima e meu amigo estão com dificuldade sim, por causa que está muito desqualificado para essa questão de aula online” (Grupo focal 2).

“[...] A minha escola ainda não está tendo. Eles começaram só agora a liberar atividades para os alunos. É porque eles não podiam, porque têm pessoas que nem têm condições de estudar, não tem internet em casa, aí eles preferiram não liberar a aula assim, atividades, porque ia ficar meio que injusto” (Grupo focal 1).

A pandemia de Covid-19 deu visibilidade a diversas formas de desigualdades sociais, dentre elas a exclusão digital. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o acesso à internet é um direito fundamental e deve ser garantido mediante políticas públicas. Porém, no

Brasil, 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso à internet em casa (STEVANIM, 2020). Há, ainda, grande diferença quando se compara os estudantes de escolas públicas e privadas, sendo que o percentual de alunos da rede pública que não possuem computador em casa é de 39%, enquanto na rede privada o percentual é de 9% (CARDOSO; FERREIRA; BARBOSA, 2020).

Pode-se afirmar, assim, que os cenários culturais definidos por Gagnon foram fortemente modificados por questões sociais, políticas, individuais e coletivas durante a pandemia, momento este que exigiu ressignificações de conceitos, atitudes e, até mesmo, de direitos, como o de ir e vir, em meio ao surgimento de uma doença altamente transmissível, pandêmica, que foi capaz de modificar o modo de viver e conviver em sociedade. A interrogação fica sobre a persistência das mudanças nos roteiros interpessoais, intrapsíquicos e culturais.

4. CONCLUSÕES

No presente estudo, buscou-se a compreensão dos aspectos envolvidos nas mudanças de vida e rotina dos adolescentes durante a pandemia de Covid-19, por meio da escuta de adolescentes com idade entre 12 e 17 anos. Utilizou-se como base e referência a pesquisa “Convid Adolescentes – Pesquisa de comportamentos” para delimitação do objeto de pesquisa, bem como dos objetivos a serem investigados.

Nesta pesquisa de método qualitativo, destaca-se um assunto muito recente que atingiu de diferentes maneiras de viver das pessoas do mundo todo, a pandemia causada pelo novo coronavírus descoberto no final de 2019. Tal situação tem sido alvo de investigação de pesquisadores nacionais e internacionais, e representa um grande problema em saúde. A complexidade e a inovação dos dados encontrados na presente pesquisa devem também ser destacadas.

A abordagem teórico-metodológica utilizada neste estudo possibilitou a compreensão das principais alterações e dificuldades atribuídas pelos adolescentes durante a pandemia, bem como de que forma eles foram atingidos pelas mudanças nesse período, o que eles e suas famílias fizeram para minimizar os efeitos em curto, médio e longo prazos e como as decisões das autoridades contribuíram ou não para o enfrentamento das mudanças decorrentes da pandemia de Covid-19.

Os resultados apontaram que, entre os adolescentes, as interrupções das atividades escolares representaram, além de uma mudança na metodologia de estudo, dificuldades e reconfigurações das relações interpessoais com a família, parentes e amigos. Para muitos o isolamento social em casa se tornou um grande desafio de convívio e interação familiar. Para outros, foi uma possibilidade de aproximação considerada muito importante, com a oportunidade de aumento do convívio com os pais e irmãos. Em contrapartida, as relações de amizade foram permeadas pelos encontros esporádicos e online.

As dificuldades de ensino foram apresentadas na falta de acesso à internet, computador e celular, para alguns e, para outros, o maior obstáculo foi a adaptação à nova metodologia de estudo, sendo as aulas remotas um grande desafio. O desenvolvimento psicossocial também foi afetado, sendo a ausência de interação social, e interrupção de atividades esportivas e de lazer apontadas como algumas das atividades que os adolescentes sentiram mais falta.

Outro resultado importante diz respeito ao julgamento social dos adolescentes, ao demonstrarem reprovação de atitudes e comportamentos coletivos que desrespeitavam as normas e orientações das autoridades. Há, portanto, preocupação com a própria saúde e segurança, bem como com o bem-estar coletivo, mostrando a compreensão da cidadania como base da convivência em sociedade. Chama atenção, ainda, a preocupação dos adolescentes sobre as disparidades sociais existentes como aspecto de iniquidade no enfrentamento da pandemia de COVID 19 pela população.

A saúde mental sofreu grandes consequências durante a pandemia entre os adolescentes. Foi comum o relato de ansiedade, preocupação, estresse e sintomas depressivos, e, para alguns, a ajuda profissional foi fundamental para o enfrentamento dos problemas, enquanto outros buscaram apoio na família, amigos e religião.

Estes resultados demonstram a importância de conhecer e compreender como os adolescentes foram afetados pela pandemia de Covid-19, quais as principais consequências em curto, médio e longo prazos e quais as condutas que devem ser adotadas para minimizá-las.

Os achados deste estudo mostram como uma crise em saúde pode afetar diversos aspectos da dimensão humana, e exige a busca novas formas de ser e conviver mesmo diante de adversidades e complexidades que afetam a saúde e a segurança coletiva.

Apesar dos resultados mostrarem a preocupação dos adolescentes participantes da pesquisa sobre a existência de diferenças sociais que geram desigualdades de acesso aos bens sociais, este estudo possui algumas limitações, como, por exemplo, a prevalência de adolescentes de classe social A e B, limitando a comparação de diferentes realidades no que diz respeito a aspectos econômicos, sociais e culturais. Destacam-se, ainda, a estrutura e base familiar dos adolescentes participantes do estudo, compostas por famílias nucleares, pais e filhos, porém é relevante discutir as especificidades de outros núcleos familiares, como famílias extensas e monoparentais, e quais foram suas influências e adaptações durante a pandemia.

Os resultados apresentados aqui suscitam discussões importantes para o enfrentamento do atual contexto gerado pela pandemia de Covid-19, bem como de futuras crises sanitárias que podem afetar a humanidade. Destaca-se, também, a necessidade de outros estudos que busquem compreender as particularidades dos adolescentes, sobretudo em um contexto de mudanças e adaptações, incluindo a importância de se discutir as desigualdades sociais e como elas afetam, em especial, os mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS:

ABAWI, O. et al. Covid-19 related anxiety in children and adolescents with severe obesity: A mixed- methods study. **Clinical Obesity**. 2020; 10: e12412. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7685119/>>. Acesso em: 24 de março de 2021.

ACHTERBERG, M. et al. Perceived stress as mediator for longitudinal effects of the COVID-19 lockdown on wellbeing of parents and children. **Sci Rep**. 2021; 11: 2971. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7859207/>>. Acesso em 18 de maio de 2021.

ADARKWAH, M. A. A strategic approach to onsite learning in the era of SARS-COV-2. **SN Comput SCI**. 2021; 2 (4): 258. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC8103427/>>. Acesso em 7 de junho de 2021.

AGARWAL, N. et al. Covid-19 pandemic: a double trouble for Indian adolescents and young adults living with type 1 diabetes. *Int. J. Diabetes Ctries*. 2020; 18: 1-7. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7498738/>. Acesso em: 24 de março de 2021

AHMED, S. et al. Evaluation of flexible strategies to manage the Covid-19 pandemic in the education sector. **Glon J Flex Syst Manag**. 2021; p.1-25. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC8033559/>>. Acesso em 8 de junho de 2021.

ALBUQUERQUE, E. M. de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-Driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

AQUINO, E. M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de Covid-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**. 2020; 25 (suple.1) 2423-2446. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/>>. Acesso em 6 de abril de 2021.

BARTHES, R. et al. Introdução à análise Estrutural da narrativa In: BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 272 p.

BARROS, A. J. D. et al. Padrões de distanciamento social em nove municípios do Rio Grande do Sul, Brasil: o estudo Epicovid19/ RS. *Rev Saúde Pública*. 2020; 54: 75. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7373222/>>. Acesso em 12 de abril de 2021.

BEZERRA, C. B. et al. Impacto psicossocial do isolamento durante a pandemia de Covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. *Saude soc*. 29 (4). 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>> Acesso em 7 de julho de 2021.

BLANCHET, A.; GOTMAN, A. **Lénquête est ses méthodes**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2007. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus Covid-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. 24 p. Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/profissional-gestor#protocolos> >. Acesso em 6 de abril de 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012: "Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos". Diário Oficial da União nº 12 – quinta-feira, 13 de junho de 2013 – Seção 1 – Página 59.

BROWN, S. M. et al. Stress and parenting during the global COVID-19 pandemic. **Child Abuse Negl.** 2020; 110: 104699. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7440155/> >. Acesso em 26 de abril de 2021.

CAMPOS, G. W. de. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00279> >. Acesso em 01 de agosto de 2021.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. Estudos Avançados. São Paulo. 2020, v. 34, n. 99. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013> >. Acesso em 01 de agosto de 2021.

CARDOSO, C. A. FERREIRA, V. A. BARBOSA, F. C. G. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. Brasil, Distrito Federal, v. 7, n. 3. 2020, Disponível em: < <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929> >. Acesso em 02 de agosto de 2021.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO/ CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC domicílios 2019**. 2019. Disponível em: < <https://cetic.br/pt/publicacao/resumo-executivo-pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2019/> >. Acesso em 20 de agosto de 2021.

CHANCHLANI N, BUCHANAN F, GILL P. J. Abordando os efeitos indiretos do COVID-19 na saúde de crianças e jovens. CMAJ. 2020; 192 (32): E921-E927. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7829027/> >. Acesso em 29 de março de 2021.

CHAO, J. Y. et al. Clinical characteristics and outcomes of hospitalized and critically ill children and adolescents with coronavirus disease 2019 at a tertiary care medical center in New York City. The Journal of Pediatrics. 2020. 223: 14-19.

CHEN, S.; CHENG, Z.; Wu, J. Fatores de risco para a saúde mental dos adolescentes durante a pandemia COVID-19: uma comparação entre Wuhan e outras áreas urbanas na China. Global Health. 2020 16 (96). Disponível em; <<https://globalizationandhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12992-020-00627-7#citeas>>. Acesso em 28 de março de 2021.

CHENG, T. L.; MOON, M.; ARTMAN, M. Shoring up the safety net for children in the Covid-19 pandemic. **Pediatric Research**. 2020; 88: 349-351. Disponível em: < <https://www.nature.com/articles/s41390-020-1071-7> >. Acesso em 13 de abril de 2021.

CHOI, J. et al. Daily life changes and life satisfaction among Korean school-aged children in the Covid-19 pandemic. **Int J Environ Res Public Health**. 2021; 18 (6): 3324. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC8004811/> >. Acesso em 9 de maio de 2021.

CHUNG, G.; LANIER, P.; WONG, P. Y. J. Mediating Effects of Parental Stress on Harsh Parenting and Parent-Child Relationship during Coronavirus (COVID-19) Pandemic in Singapore. **J Fam Violence**. 2020; 2: 1-12. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7467635/> >. Acesso em 9 de maio de 2021.

CUSINATO M. et al. Estresse, resiliência e bem-estar em crianças italianas e seus pais durante a pandemia COVID-19. **Int J Environ Res Saúde Pública**. 2020; 17 (22): Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7696524/> >. Acesso em 28 de março de 2021.

CHRISTOFFEL, M. M. et al. Children's (in)visibility in social vulnerability and the impact of the novel coronavirus (COVID-19). **Rev. Bras. Enferm**. 2020; v. 73, supl. 2, 2020. Disponível em < http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000900400 >. Acesso em 29 março de 2021.

DAKS, J. S.; PELTZ, J. S.; ROGGE, R. D. Psychological flexibility and inflexibility as sources of resiliency and risk during a pandemic: Modeling the cascade of COVID-19 stress on family systems with a contextual behavioral science lens. **J Contextual Behav Sci**. 2020; 18: 16-27. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7428754/> >. Acesso em 20 de abril de 2021.

DEMAZIÈRE, D.; DUBAR, C. **Analyser les entretiens biographiques**, l'exemple de récits d'insertion. Paris: Nathan, Coll. Essais & recherches, 1997. 350 p.

DESLAURIES, J.P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. (Org). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DHAMA, K. et al. Coronavirus disease 2019-Covid-19. **Clin Microbiol Rev**. 2020; 33 (4): 1-48. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7405836/> >. Acesso em 05 de abril de 2021.

DUARTE, M. Q. et al. Covid-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 25, n 8, p. 3401-3411. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020> >. Acesso em 9 de julho de 2021.

ELLIS, W. E. DUMAS, T. M. FORBES, L. M. Physically isolated but socially connected: Psychological adjustment and stress among adolescents during the initial COVID-19 crisis. **Canadian Journal of Behavioural Science**. 2020; 52(3), p. 177-187. Disponível em: < <https://psycnet.apa.org/fulltext/2020-50562-001.html> >. Acesso em 24 de junho de 2021.

FARIAS, M. Z.; GIORDANO, C.C. Série educador: Tecnologias. In: _____. **Educação em tempos de pandemia de Covid-19: Adaptação ao ensino remoto para crianças e adolescentes**. Belo Horizonte, 2020. Cap. 6, p. 60-71.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. 312 p.

FONSECA, T. G. N. et al. Covid-19: avaliação comportamental de moradores das zonas rural e urbana usuários do SUS, no âmbito da atenção primária, do município de Cláudio – Minas Gerais – Brasil. **Interamerican Journal of Medicine and Health**. 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.135> >. Acesso em 27 de julho de 2021.

FONTANELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.27, n.2, p. 389-394, fev., 2011.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan., 2008.

FREITAS, M. I. F. **A gestão do segredo na vida de casais diante da soropositividade pelo HIV**. Belo Horizonte: EEUFMG/MS/Cooperação Técnica Sida Brasil/França, 1998 (Publicação de Relatório Técnico - Divulgação Científica). 87 p.

FREITAS, M. I. F. et al. Projeto Pessoas - Práticas e representações de pessoas com transtornos mentais sobre as infecções sexualmente transmissíveis e a aids e suas formas de prevenção. In: GUIMARÃES, M. D. C. et al. (Org.). **Prevenção e Atenção às IST/Aids na Saúde Mental no Brasil: Análises, desafios e perspectivas**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008, p. 85-108.

GADERMANN, A. C. et al. Examining the impacts of the Covid-19 pandemic on family mental health in Canada: findings from a national cross-sectional study. *BMJ Open*. 2021; 11 (1): e042871. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7804831/> >. Acesso em 11 de maio de 2021.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Tradução Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIAMI, A; VEIL, C. **Enfermeiras Frente à AIDS**, Representações e Condutas, Permanência e Mudanças. Canoas: Editora da ULBRA/Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale, 1997. 333p.

GLABSKA, D.; SKOLMOWSKA, D.; GUZEK, D. Population-based study of changes in the determinants of food choice of high school students: study of the Covid-19 experience of Polish adolescents (PLACE 19). **Nutrients**. 2020; 12; 2640. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7551462/> >. Acesso em 04 de março de 2021.

GUESSOUM, S. B. et al. Adolescent psychiatric disorders during the Covid-19 pandemic and lockdown. *Psychiatry Res*. 2020; 291: 113264. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7323662/> > Acesso em 29 de março de 2021.

HOZHABRI, H. et al. The global emergency of novel coronavirus (SARS- CoV-2): An update of the current status and forecasting. **Int J Environ Res Public Health**. 2020; 17(16): 5648. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7459861/> >. Acesso em 06 de abril de 2021.

JANSSEN, L. H.C. et al. Does the COVID-19 pandemic impact parents' and adolescents' well-being? An EMA-study on daily affect and parenting. *PLoS One*. 2020; 15 (10): e0240962. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7567366/> >. Acesso em 19 de maio de 2021.

JIANG, L. et al. Covid-19 and multisystem inflammatory syndrome in children and adolescents. **The Lancet Infectious Diseases**. 2020; 20: e276-e288. Disponível em: < [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30651-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30651-4/fulltext) >. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

JUVONEN J, SCHACTER H. L, LESSARD L. M. Conectando-se eletronicamente com amigos para lidar com o isolamento durante a pandemia de COVID-19. *Jornal de Relações Sociais e Pessoais*. 2021; 38 (6): 1782-1799. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0265407521998459> >. Acesso em 27 de junho de 2021.

KUBB, C. FORAN, H. M. Measuring Covid-19 related anxiety in parents: psychometric comparison of four different inventories. **JMIR Ment Health**. 2020; 7 (12): e24507. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7717922/> >. Acesso em 21 de abril de 2021.

LEE J. et al. Determinants of Behavioral Changes Since COVID-19 between Middle School Students. *Saúde (Basel)*. 2021; 9 (1): 75. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7829766/> >. Acesso em 30 de março de 2021.

LEEB, R. T. et al. Covid-19 trends among school aged children, United States, March 1-September 19, 2020. Centers for disease control and prevention. 2020; 69 (39): 1410-1415. Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6939e2.htm?s_cid=mm6939e2_w >. Acesso em 22 de março de 2021.

LILY, A. E. A. et al. Distance education as a response to pandemics: Coronavirus and Arab culture. **Technol Soc**. 2020; 63: 101317. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7387275/> >. Acesso em 09 de junho de 2021.

LI, D. et al. Na investigation of mental health status of children and adolescents in China during the outbreak of Covid-19. *Journal of Affective Disorders*. 2020; 275: 112-118. Disponível em: <https://www.sciencedirect.ez27.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0165032720323879>. Acesso em 25 de março de 2021.

LOADES, M. E. et al. Rapid Systematic Review: The impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of Covid-19. *J Am*

Acad Child Adolesc Psychiatry. 2020; 59 (11): 1218-1239. Disponível em: < [https://jaacap.org/article/S0890-8567\(20\)30337-3/fulltext](https://jaacap.org/article/S0890-8567(20)30337-3/fulltext) >. Acesso em 26 de março de 2021.

MAGALHÃES, R. C. da S. Pandemia de Covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021005000012> >. Acesso em 19 de agosto de 2021.

MAGSON, N. R. et al. Risk and Protective Factors for Prospective Changes in Adolescent Mental Health during the COVID-19 Pandemic. **J Youth Adolesc**. 2020; oct 27: p. 1-14. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7590912/> >. Acesso em 22 de junho de 2021.

MARTINS, M. M. et al. Características clínicas e laboratoriais da infecção por SARS- CoV-2 em crianças e adolescentes. **Ver Paul Pediatr**. 2021; 39: e2020231: 1-11.

MALTA, D. C. et al. Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilos de vida da população brasileira durante a pandemia de Covid-19. **Saúde em debate**. 2020. PrePrint. A

MALTA, D.C et al. A pandemia de Covid-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. **Ver. Bras. Epidemiol**. 24. 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1980-549720210012> > Acesso em 03 de julho de 2021. B

MALTA, D. C. et al. A pandemia da Covid-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiol. Serv. Saúde** 29 (4). 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026> >. Acesso em: 03 de julho de 2021. C

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MARCHETTI, D. et al. Parenting-Related exhaustion during the Italian Covid-19 lockdown. **J Pediatr Psychol**. 2020; 45 (10): 1114-1123. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7665691/> >. Acesso em 20 de abril de 2021.

MASSIMO, E. A. L.; FREITAS, M. I. F. Riscos para doenças crônicas não transmissíveis na ótica de participantes do Vigitel. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 651-663, jun., 2014.

MAYURASAKORN K, et al. School closure, COVID-19 and lunch programme: Unprecedented undernutrition crisis in low-middle income countries. **J Paediatr Child Health**. 2020;56(7):1013-1017. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7361388/> >. Acesso em 29 de março de 2021.

MILIAUSKAS, C. R. FAUS, D. P. Saúde Mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. 2020: 30 (4). Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000400301>. Acesso em: 25 de março de 2021.

MIKOLAJCZAK, M.; ROSKAM, I. Parental Burnout: Moving the focus from children to parents. *New directions from children to parents*. 2020; v; 20: n.174: p.7-13. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cad.20376> >. Acesso em 02 de maio de 2021.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, W. C.; SOUSA, A. R.; NÓBREGA, M. P. S. S. Adoecimento mental na população geral e em profissionais de saúde durante a Covid-19: scoping review. **Texto e Contexto Enferm** [Internet]. 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0215> > Acesso em 9 de julho de 2021.

NABUCO, G.; PIRES DE OLIVEIRA, M. H. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532, 2020. DOI: 10.5712/rbmfc15(42)2532. Disponível em: <https://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/view/2532>. Acesso em: 6 jul. 2021.

NISSEN, J. B.; HOJGAARD, D. R. M. A.; THOMSEN, P. H. O efeito imediato da pandemia de Covid-19 em crianças e adolescentes com transtornos obsessivo-compulsivo. *PMC Psychiatry*. 2020; 20: 511.

NOGUEIRA, et al. COVID-19 e obesidade na infância e adolescência: uma revisão clínica. *J Pediatr (Rio J)*. 2020; 96: 546-58.

OLIVEIRA, W. A. de. et al. A saúde do adolescente em tempos da Covid-19: scoping review. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro. 2020. V. 36 (8). Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020> >. Acesso em 22 de Agosto de 2021.

PANDA, P. K. et al. Psychological and behavioral impact of lockdown and quarantine measures for Covid-19 pandemic on children, adolescents and caregivers: A systematic review and meta-analysis. **J Trop Pediatr**. 2020; p. 1-13. Disponível em: < [10.1093 / tropej / fmaa122](https://doi.org/10.1093/tropej/fmaa122)>. Acesso em 04 de maio de 2021.

PANISOARA, I. O. et al. Motivation and Continuance Intention towards Online Instruction among Teachers during the COVID-19 Pandemic: The Mediating Effect of Burnout and Technostress. *Int J Environ Res Public Health*. 2020; 17 (21): 8002. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7672544/> >. Acesso em 31 de maio de 2021.

PAPETTI, L. et al. I stay at home with headache. A survey to investigate how the lockdown for Covid-19 impacted on headache in Italian children. *Cephalalgia*. 2020; 40 (13): 1459-1473. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0333102420965139>>. Acesso em 26 de março de 2021.

PIETROBELLI, et al. Effects of Covid-19 lockdown on lifestyle behaviors in children with obesity living in Verona, Italy: A longitudinal Study. *Obesity*. 2020; 28: 1382-85. Disponível em:< <https://onlinelibrary-wiley.ez27.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1002/oby.22861>>. Acesso em 10 de março de 2021.

QI, M. et al. The effect of social support on mental health in chinese adolescents during the outbreak of Covid-19. *J Adolesc Health*. 2020; 67 (4): 514-518. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7395830/> >. Acesso em: 29 de março de 2021.

RAGAVAN M. I. et al. Supporting Adolescents and Young Adults Exposed to or Experiencing Violence During the COVID-19 Pandemic. *J Adolesc Health*. 2020;67(1):18-20. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7177095/> >. Acesso em 30 de março de 2021.

REN, et al. The Influence of Factors Such as Parenting Stress and Social Support on the State Anxiety in Parents of Special Needs Children During the COVID-19 Epidemic. *Front Psychol*: 2020; 11: 565393. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7758194/> >. Acesso em 26 de abril de 2021.

ROGERS, A, A. HA, T. OCKEY, S. Adolescents' Perceived Socio-Emotional Impact of COVID-19 and Implications for Mental Health: Results From a U.S.-Based Mixed-Methods Study. *J Adolesc Health*. 2021; 68 (1): 43-52. Disponível em:< <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7605752/> >. Acesso em 21 de junho de 2021.

RUIZ-ROSO, M. B. Covid-19 confinement and changes in dietary trends among adolescents in Italy, Spain, Chile, Colombia and Brazil. *Nutrients*, 2020; vol. 12,6 1807. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7353171/>>. Acesso em: 04 de março de 2021.

RUSSELL, et al. Initial challenges of caregiving during Covid-19: Caregiver burden, mental health, and the parent-child relationship. *Child Psychiatry Hum Dev*. 2020; 4: 1-12. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7398861/> >. Acesso em 10 de maio de 2021.

SANTOS, ITANA. N. C.; SANTOS, ITAMARAY. N. C. Ressignificações do espaço-tempo no contexto da Covid-19: Perspectivas do cenário atual para um novo modo de ser e estar no mundo. In: _____ . **Saúde Pública no século XXI: Pandemia de Covid-19**. Pernambuco: Triunfo, 2020. Cap . 41. V.1. pag. 394-404.

SAURABH, K.; RANJAN, S. Compliance and psychological impact of quarantine in children and adolescents due to Covid-19 pandemic. *Indian J Pediatr*. 2020; 29: 1-5. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7257353/> >. Acesso em 12 de abril de 2021.

SCHMIDT, B. et al, Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*. 2020. 37, e200063. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063> >. Acesso em 06 de julho de 2021.

SILVA, C. B. da. OLVIERA, L. P. O. de. O estado frente a pandemia mundial de covid-19: emergência, marginalização da sociedade e ineficiência do neoliberalismo. **Diálogos e interfaces do direito**. Paraná: Cascável, 2020. Disponível em: < <https://dir.fag.edu.br/index.php/direito/article/view/54/38> > Acesso em 01 de agosto de 2021.

SINGH, R. et al. Covid-19: Current knowledge in clinical features, immunological responses, and vaccine development. *FASEB J*. 2021; 35 (3): e21409. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7898934/> >. Acesso em 06 de abril de 2021.

SOEST, T. V. et al. Life satisfaction among adolescents before and during the Covid-19 pandemic. *Tidsskriftet Den Norske legeförening*. 2020. Disponível em: < <https://tidsskriftet.no/en/2020/06/originalartikkel/life-satisfaction-among-adolescents-and-during-covid-19-pandemic> >. Acesso em 12 de abril de 2021.

SOUSA, G. C. de. et al. A pandemia de COVID-19 e suas repercussões na epidemia da obesidade de crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 2020. V.12(12). Disponível em: < <https://doi.org/10.25248/reas.e4743.2020> >. Acesso em 22 de Agosto de 2021.

STAWICKI, S. et al. The 2019–2020 Novel Coronavirus (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2) Pandemic: A Joint American College of Academic International Medicine-World Academic Council of Emergency Medicine Multidisciplinary COVID-19 Working Group Consensus Paper. *J Global Infect Dis*. 2020; 12 (2); 47-93. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7384689/> >. Acesso em 05 de abril de 2021.

STEIN, C. et al. A pandemia da Covid-19 no Brasil: a série de projeções do Institute for Health Metrics and Evaluation e a evolução observada, maio a agosto de 2020. *Epidemiol. Serv. Saude*, Brasília, 2021; 30(1): e2020680. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/article/ress/2021.v30n1/e2020680/> >. Acesso em 06 de abril de 2021.

STEVANIM, L. F. Desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. *RADIS: Comunicação e Saúde*, n. 215, p. 10-15, ago. 2020. Disponível em: < <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/43180> >. Acesso em 02 de agosto de 2021.

TANG, S. et al. Mental health and its correlates among children and adolescents during COVID-19 school closure: The importance of parent-child discussion. **J Affect Disord**. 2021; 279: 353-360. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7550131/> >. Acesso em 10 de maio de 2021.

TILBURG, M. A. L. V. et al. High Levels of Stress Due to the SARS-CoV-2 Pandemic among Parents of Children with and without Chronic Conditions across the USA. **Children (Basel)**. 2020; 7 (10): 193. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7589303/> >. Acesso em 21 de abril de 2021.

TIZAOUI, K. et al. Update of the current knowledge on genetics, evolution, immunopathogenesis, and transmission for coronavirus disease 19 (COVID-19). **Int J Biol Sci**. 2020; 16(15): 2906-2923. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7545713/> >. Acesso em 6 de abril de 2021.

TORRES, R. A. M. Saúde mental das juventudes e Covid-19: discursos produtores de webcuidado educativo mediados na webrádio. *Saúde Mental*. 2020; 23 (270): 4887-4981.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**. v.39, n.3, p.507- 514, jun. 2005.

VIGNAUX, G. **Le discours, acteur de monde**: énonciation, argumentation et cognition. Paris: Ophrys, 1998.

WANG, C. et al. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in china. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020 17(5), 1729. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17051729> >. Acesso em 06 de julho de 2021.

XUANZHEN, C. et al. The Online Education Mode and Reopening Plans for Chinese Schools During the COVID-19 Pandemic: A Mini Review. *Front Public Health*. 2020; 8: 566316. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7758232/> >. Acesso em 01 de junho de 2021.

XU, Y. et al. Material hardship and parenting stress among grandparent kinship providers during the COVID-19 pandemic: The mediating role of grandparents' mental health. **Child Abuse Negl.** 2020; 110: 104700. Disponível em: < <https://www.ncbi-nlm-nih.ez27.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC7444952/> >. Acesso em 25 de abril de 2021.

ZIMMERMANN P, CURTIS N. COVID-19 em crianças, gravidez e neonatos: uma revisão das características epidemiológicas e clínicas. *Pediatr Infect Dis J*. 2020; 39: 469-77.

ZHANG, Q.; ZHOU, L.; XIA, J. Impact of COVID-19 on Emotional Resilience and Learning Management of Middle School Students. **Medical Science Monitor**. 2020; 26: e924994-1–e924994-8.

ZHOU, et al. Prevalence of depression and its correlative factors among female adolescents in China during the coronavirus disease 2019 outbreak. *Globalization and Health*. 2020; 16 (19). Disponível em: < <https://globalizationandhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12992-020-00601-3> >. Acesso em 26 de março de 2021.

ANEXOS

ANEXO A

Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pandemia de Coronavírus: Mudanças no estilo de vida dos adolescentes brasileiros

Pesquisador: Deborah Carvalho Malta

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 31924320.2.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.190.072

Apresentação do Projeto:

Para a execução do projeto de pesquisa "Pandemia de Coronavírus: Mudanças no estilo de vida dos adolescentes brasileiros" será utilizado um questionário virtual para avaliar as mudanças que ocorreram na vida dos adolescentes brasileiros após a chegada da pandemia do coronavírus no país, relacionadas às iniciativas de distanciamento social para a proteção das pessoas, incluindo a quarentena. Será agregado à pesquisa um eixo qualitativo, para abordar reflexões sobre experiências, interesses e dificuldades durante a pandemia, de adolescentes, por meio de entrevistas virtuais, em grupo ou individuais. As questões se referem às características sociodemográficas e às mudanças nos estilos de vida, nas atividades de rotina, no estado de ânimo e

relações familiares durante o período de distanciamento social, tendo sido consultada a literatura para o levantamento do tema. Para a elaboração do questionário será utilizado o aplicativo RedCap (Research Electronic Data Capture), uma plataforma para coleta, gerenciamento e disseminação de dados de pesquisas. O questionário será via web, podendo ser preenchido pelo participante por meio de celular ou computador com acesso à Internet. Todas as respostas serão anônimas e sem qualquer outro tipo de identificação dos participantes. O convite aos participantes será feito por um procedimento de amostragem em cadeia. Na primeira etapa, os pesquisadores do estudo escolherão pelo menos 15 outros pesquisadores de diferentes estados do Brasil.

Os pesquisadores escolhidos na primeira etapa serão chamados de sementes ou influenciadores.

Continuação do Parecer: 4.190.072

Esses enviarão o link da pesquisa para 20 a 30 adultos das suas redes sociais com filhos adolescentes. A esses adultos, será solicitado que eles convidem pelo menos mais três pais ou responsáveis por adolescentes. Com essa metodologia, ao final da primeira onda de recrutamento serão enviados convites para pelo menos 6000 pais de adolescentes. Na segunda onda, seriam alcançados 18000 participantes. Considerando as possíveis perdas, espera-se que ao término da segunda onda, a amostra inclua cerca de 12000 adolescentes, podendo atingir amostra ainda maior à medida que a rede de convidados se desenvolva. Assim, os convites serão enviados aos adultos e ao receber o convite para participar da pesquisa, será feita a pergunta: O (a) Sr (a) tem filhos ou é responsável por jovens na faixa de idade de 12 a 17 anos? Somente aqueles que responderem afirmativamente, receberão o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com explicações sobre o estudo, um link para contatos e esclarecimentos sobre a pesquisa, e solicitação de consentimento de participação do menor sob a sua responsabilidade. Após a aceitação do TCLE pelo adulto responsável, o adolescente receberá o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Somente após a aceitação do TALE, o respondente iniciará o preenchimento do questionário. Se os responsáveis pelos participantes e os adolescentes quiserem guardar as vias dos termos, tanto o TCLE do responsável pelo menor como o TALE do adolescente terão vias em formato PDF, com acesso disponível a todos os participantes antes do início da pesquisa.

Adicionalmente para compreender este momento singular serão conduzidas entrevistas do eixo qualitativo do tipo aberta e em profundidade, para os adolescentes contarem como vivem e o que pensam sobre suas experiências em relação à pandemia e ao isolamento social, suas interações com família, amigos e pessoas próximas, suas formas de receber e refletir sobre as informações, as que buscam e as que recebem, sobre os assuntos que lhes interessam e relacionados à pandemia. As entrevistas serão realizadas por meio virtual, gravadas em áudio, utilizando-se a plataforma,

após consentimento dos pais e assentimento dos adolescentes, enviados por e-mail anteriormente. Os adolescentes da pesquisa qualitativa serão contatados somente em Belo Horizonte, Minas Gerais, dadas as características da pesquisa qualitativa, cujas exigências são a densidade e a repetitividade dos pontos de vista dos entrevistados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as mudanças nas atividades de rotina, nos estilos de vida, nas relações familiares e com

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad SI 2005

Continuação do Protocolo: 4.190.072

amigos, nas atividades escolares, estado de ânimo e nos cuidados à saúde dos adolescentes brasileiros, no período de distanciamento social consequente à pandemia de coronavírus;

Objetivo Secundário:

- Identificar as mudanças nas atividades de rotina dos adolescentes no período de distanciamento social;
- Analisar as mudanças nos estilos de vida relacionados a prática de atividades físicas, alimentação, consumo de cigarros e álcool dos adolescentes no período de distanciamento social;
- Avaliar o estado de ânimo, solidão, medos e angústias devido ao distanciamento social;
- Analisar as relações familiares dos adolescentes durante a pandemia;
- Avaliar o acesso à educação a distância e os efeitos sobre o estado de ânimo dos adolescentes;
- Avaliar os conhecimentos e atitudes em relação a medidas de prevenção relacionadas a pandemia;
- Compreender dificuldades, ansiosos, sentimentos e necessidades de Informação e assuntos de Interesse nas narrativas de adolescentes durante a quarentena.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são mínimos e podem ocorrer devido à sensibilidade a alguma pergunta, por causar constrangimento ao participante. Entretanto, por ser um questionário de auto-preenchimento, esse risco é ainda menor. No termo de assentimento enviado ao participante será explicado que ele terá liberdade para não responder ou para interromper o preenchimento do questionário a qualquer momento. Nas entrevistas em grupo ou individuais por meio virtual, cada adolescente, ou o grupo, será esclarecido desde o início que a participação é voluntária e que poderá narrar suas experiências da forma que quiserem. Serão alertados que se alguma conversa causar algum incômodo ou se houver alguma questão que não se sinta à vontade para responder, deve se sentir à vontade para não participar ou não responder, tanto nas entrevistas individuais, como nas coletivas (grupo focal).

Benefícios: Serão gerados conhecimentos importantes sobre as mudanças de vida e na saúde da população brasileira de adolescentes no período da pandemia do novo coronavírus, que poderão contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos adversos da quarentena, fornecendo subsídios às intervenções dirigidas a minimizar as consequências adversas do isolamento social prolongado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para os cuidados com a saúde mental.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S1 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@ppq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 4.190.072

Em próxima emenda, favor fazer as correções na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprova-se a pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1556929.pdf	14/07/2020 15:41:06		Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	14/07/2020 15:40:04	Deborah Carvalho Malta	Acelto
Outros	Cartaresposta2.docx	14/07/2020 15:34:57	Deborah Carvalho Malta	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	14/07/2020 15:34:43	Deborah Carvalho Malta	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/07/2020 15:34:34	Deborah Carvalho Malta	Acelto
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoUNICAMP.pdf	09/06/2020 16:40:07	Deborah Carvalho Malta	Acelto
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoUFOP.pdf	09/06/2020 16:39:57	Deborah Carvalho Malta	Acelto
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	14/05/2020 17:18:41	Deborah Carvalho Malta	Acelto
Outros	ParecercamaraUFMGDeborah.pdf	14/05/2020 12:32:47	Deborah Carvalho Malta	Acelto

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad 81 2005

Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901

UF: MG Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 4.190.072

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 03 de Agosto de 2020

Assinado por:

Cristina Carem Palva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S/N 2005
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@ppq.ufmg.br

ANEXO B- Lista de artigos

Título do artigo, autores, local e ano	Tema Tratado	Principais resultados	Conclusões
LILACS			
1) Covid-19 e obesidade na infância e adolescência: uma revisão clínica. Almeida et al., 2020 São Paulo	Fatores que contribuem para o aumento da susceptibilidade e gravidade da Covid-19 em crianças e adolescentes obesos.	Na infecção por SARS-CoV-2 as alterações orgânicas causadas pela obesidade podem aumentar a necessidade de assistência ventilatória, risco de tromboembolismo, taxa de filtração glomerular reduzida, alterações na resposta imune inata e adaptativa e perpetuação da resposta inflamatória crônica.	A necessidade de isolamento social pode ter o efeito de causar ou agravar a obesidade e suas comorbidades. Assim, os profissionais de saúde devem tomar algumas ações diante da suspeita ou confirmação de Covid-19 em crianças e adolescentes.
2) Bullying virtual na escola no contexto da pandemia de Covid-19. Ramirez, 2020. Cuba	Cyberbullying entre crianças e adolescentes durante a quarentena de Covid-19.	O isolamento social e a quarentena podem constituir um novo risco de vitimização de crianças em idade escolar por meio de Cyberbullying, tendo um impacto negativo na saúde mental de crianças e adolescentes.	O cyberbullying é um problema crescente de saúde pública, a atual pandemia pode constituir um fator de risco com impacto negativo na saúde física dos escolares, a educação virtual, embora oportuna, pode ser um cenário que aumente a frequência de vitimização por cyberbullying.

<p>3) Saúde Mental das juventudes e Covid-19: produtores de webcuidado educativo mediados na webrádio. Torres, et al., 2020 São Paulo, Brasil.</p>	<p>Saúde mental dos jovens no contexto da pandemia de Covid-19.</p>	<p>Os resultados foram compostos por 3 categorias: 1- Sabedorias das juventudes sobre ansiedade e depressão no contexto da Covid-19. 2- Conhecimentos do autocuidado no período de isolamento social. 3- Informações falsas: um vírus que impõe desafios ao cuidado em saúde mental.</p>	<p>O uso das tecnologias digitais, como o canal online, webrádio, na promoção da saúde mental pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias de aproximação, escuta e interações das pessoas no contexto do isolamento social causado pela pandemia do novo coronavírus.</p>
<p>4) Caracterização da doença Covid-19 em crianças e adolescentes em países da América Latina e Caribe: estudo descritivo. Atamari-Anahui</p>	<p>Frequência de casos, óbitos, incidência cumulativa e letalidade atribuídos ao Covid-19 em crianças e adolescentes.</p>	<p>Foram encontrados 20.757 casos de 0 a 19 anos, os países da América Latina com mais registros de casos foram Peru, Chile, Brasil e Colombia, enquanto os países com maior proporção de casos foram Paraguai e Venezuela.</p>	<p>Entre os 19 países a frequência de casos, incidência cumulativa e a letalidade em crianças e adolescentes foram heterogêneas, esses resultados contribuem para a compreensão do comportamento epidemiológico desta doença.</p>
<p>5) Síndrome respiratória aguda grave por Covid-19 em crianças e adolescentes no Brasil: perfil dos óbitos e letalidade hospitalar até 38 Semana Epidemiológica de 2020. Hillesheim et al., 2020 Florianópolis, Santa Catarina.</p>	<p>Perfil dos óbitos e a letalidade de síndrome respiratória aguda grave (SRAG) por Covid-19 em crianças e adolescentes hospitalizados no Brasil.</p>	<p>Observou-se maior letalidade entre menores de 1 ano de idade (14,2%), crianças e adolescentes do sexo feminino (9,7%), indígenas (23%) e residentes em zonas rurais (18,1%), como também nas regiões Nordeste (15,4%) e Norte (9,7%)</p>	<p>Características sociodemográficas e desigualdades regionais mostraram diferenças na letalidade hospitalar de crianças e adolescentes.</p>

<p>6) Telas, crianças e confinamento na pandemia devemos limitar sua exposição? Gavoto, Terceiro e Terrasa, 2020. Buenos Aires.</p>	<p>O consumo das tecnologias e o tempo de tela entre crianças e adolescentes durante a pandemia.</p>	<p>O isolamento social implementado devido a pandemia de Covid-19 alterou os padrões de consumo de dispositivos de exibição.</p>	<p>Ainda existem considerações importantes quanto a verdadeira magnitude dos potenciais danos e benefícios das telas.</p>
<p>7) Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. Miliauskas e Faus, 2020. Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>Saúde mental dos adolescentes durante o isolamento social.</p>	<p>Alguns fatores favorecem o adoecimento dos adolescentes durante o isolamento social: exposição excessiva às informações, diminuição de atividade física, alteração da dieta e do padrão de sono, consumo de álcool e tabaco, entre outros.</p>	<p>Não se devem ignorar as consequências deletérias do isolamento social à população, dentre estas o adoecimento mental dos adolescentes.</p>
<p>8) A invisibilidade das crianças na vulnerabilidade social e o impacto do novo coronavírus (covid-19). Christoffel, et al., 2020. Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>Impacto da pandemia na saúde das crianças e famílias em vulnerabilidade social no Brasil.</p>	<p>A marginalização e discriminação relacionadas ao Covid-19 podem tornar as crianças mais expostas à violência e sofrimento psíquico, ou seja, crianças e famílias já vulneráveis devido a exclusão socioeconômica ou que vivem em locais superlotados estão particularmente em risco.</p>	<p>Ainda existem desafios a serem superados pelas crianças e suas famílias em situação de vulnerabilidade no combate à COVID-19, como o acesso à água para higiene pessoal e ambiental e o atendimento à a diminuição da renda familiar por meio da quarentena.</p>
<p>CINAHL</p>			

<p>9) Uma investigação do estado de saúde mental de crianças e adolescentes na China durante o surto de Covid-19. Li, et al., 2020 China.</p>	<p>Efeitos psicológicos da pandemia em crianças e adolescentes.</p>	<p>Participaram de um questionário online 359 crianças e 3.254 adolescentes, 22,28% sofriam de sintomas depressivos, foram identificados sete fatores associados a níveis aumentados de ansiedade, nove fatores associados níveis aumentados de depressão, e dois fatores adicionais associados a diminuição de níveis de sintomas depressivos.</p>	<p>Os resultados indicam que o surto de Covid-19 teve um impacto psicossocial significativo em crianças e adolescentes, os níveis atuais de ansiedade e depressão não apenas necessitam de abordar o sofrimento emocional, mas também fornecem aos pesquisadores fundamentos científicos para formular intervenções.</p>
<p>10) Características clínicas e desfechos de crianças e adolescentes hospitalizados e em estado crítico com doença por coronavírus em 2019 em um centro médico de cuidados terciários na Cidade de Nova York. Chao, et al., 2020. Nova York, EUA.</p>	<p>Fatores de risco para doença crítica em crianças e adolescentes.</p>	<p>67 crianças testaram positivo para Covid-19, 31,3% foram atendidas ambulatoriamente, entre os pacientes internados 72% foram para unidade médica pediátrica geral e 28% unidade de terapia intensiva pediátrica. Obesidade e asma foram altamente prevalentes, mas não significativamente associados à admissão na UTIP.</p>	<p>Foi observado uma taxa mais alta do que a reconhecida anteriormente de doença grave que requer admissão na UTIP em pacientes pediátricos internados no hospital com Covid-19.</p>

<p>11) Conformidade e impacto psicológico da quarentena em crianças e adolescentes devido à pandemia de Covid-19. Saurabh e Ranjan, 2020. India.</p>	<p>Impacto psicológico da quarentena em crianças e adolescentes.</p>	<p>Crianças e adolescentes em quarentena experimentaram maior sofrimento psicológico do que crianças e adolescentes que não estão em quarentena. Preocupação, desamparo e medo foram os sentimentos mais comuns experimentados durante a quarentena.</p>	<p>O baixo cumprimento da quarentena levanta uma séria preocupação sobre a eficácia da quarentena como uma medida preventiva de transmissão de doenças. Os problemas de saúde mental podem ser melhorados com o fornecimento de apoio financeiro adequado e maior conhecimento sobre o planejamento da pandemia.</p>
<p>12) Tendências de Covid-19 entre crianças em idade escolar - Estados Unidos 1 Março a 19 de setembro de 2020. Leeb, et al., 2020. Estados Unidos.</p>	<p>Incidência de doença por coronavírus em crianças em idade escolar nos Estados Unidos entre 1 de março e 19 de setembro.</p>	<p>Durante maio-setembro de 2020, a incidência semanal média entre adolescentes de 12-17 anos foi aproximadamente o dobro daquela de crianças de 5-11 anos. Os indicadores atingiram pico durante julho de 2020. Entre as crianças que foram hospitalizadas, internadas em uma unidade de terapia intensiva ou que morreram, tinham pelo menos uma condição médica subjacente.</p>	<p>Escolas e comunidades podem implementar múltiplas estratégias de mitigação simultâneas e adaptar comunicações para promover estratégias de mitigação para prevenir a propagação de Covid-19.</p>
<p>13) Efeitos do Lockdown da Covid-19 no comportamento e estilo de vida de crianças com obesidade em Verona Itália: um estudo longitudinal. Pietrobelli, et al., 2020 Itália.</p>	<p>Efeitos do confinamento, inatividade física durante a pandemia de Covid-19 em jovens obesos.</p>	<p>Houve aumento do consumo de frutos, em contrapartida o consumo de bebidas açucaradas, batata frita e carne vermelha aumentaram significativamente. O tempo gasto com atividades físicas diminuiu e tempo de tela aumentou.</p>	<p>É fundamental reconhecer os efeitos colaterais do isolamento social durante a pandemia para evitar depreciação dos esforços para controle de peso entre jovens com sobrepeso.</p>

<p>14) Eu fico em casa com dor de cabeça. Uma pesquisa para investigar como o isolamento por Covid-19 impactou na dor de cabeça em crianças italianas. Papetti, et al., 2020 Itália</p>	<p>Alterações do curso de transtornos de cefaleia primária em crianças e adolescentes durante o isolamento social por Covid-19.</p>	<p>A redução do esforço escolar e da ansiedade explica a melhora na tendência subjetiva da cefaleia e na intensidade e frequência das crises. Quanto maior a gravidade da cefaleia, maior foi a melhora clínica. A duração da doença foi negativamente associada à melhora.</p>	<p>A modificação do estilo de vida representa o principal fator de impacto no curso dos distúrbios de cefaleia primária em crianças e adolescentes, em particular a redução do estresse relacionado à escola.</p>
<p>15) Prevalência de depressão e seus fatores correlativos entre adolescentes do sexo feminino na China durante o surto da doença coronavírus em 2019. Zhou, et al., 2020 China.</p>	<p>Aumento do risco de depressão durante o surto de Covid-19.</p>	<p>4805 adolescentes do sexo feminino com idade entre 11-18 anos foram avaliadas, destas 39,5% sofriam de depressão com pontuação CES-D >15, o início da depressão estava relacionada a idade, série, ensino à distância, atitude em relação ao Covid-19, duração do sono e do exercício físico.</p>	<p>Fatores como: idade avançada, ensino à distância, preocupação com Covid-19, menos duração de sono e de atividade física representam fatores independentes para depressão entre adolescentes do sexo feminino durante o surto de Covid-19.</p>
<p>16) Revisão sistemática rápida: o impacto do isolamento social e da solidão na saúde mental de crianças e adolescentes no contexto da Covid-19. Loades, et al., 2020 Reino Unido.</p>	<p>Impacto do isolamento social e da solidão da saúde mental de crianças e adolescentes.</p>	<p>83 artigos preencheram os critérios de inclusão, destes 63 relataram o impacto do isolamento social em crianças e adolescentes previamente saudáveis. O isolamento social e a solidão aumentaram o risco de depressão e possivelmente de ansiedade na época em que a solidão foi medida, a duração foi mais fortemente correlacionada com os sintomas de saúde mental do que intensidade da solidão.</p>	<p>Crianças e adolescentes provavelmente são mais propensas a experimentar altas taxas de depressão e ansiedade durante e após o isolamento forçado. Os serviços clínicos devem oferecer apoio preventivo e intervenção precoce sempre que possível e estar preparados para o aumento dos problemas de saúde mental.</p>

<p>17) Fatores de risco para saúde mental de adolescentes durante a pandemia Covid-19: uma comparação entre Wuhan e outras áreas urbanas na China. Chen, Cheng e Wu, 2020 China.</p>	<p>Impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes entre adolescentes de Wuhan e outras áreas urbanas na China.</p>	<p>Houve uma diferença estatisticamente significativa nos sintomas de ansiedade entre os participantes que eram de Wuhan em comparação com outras áreas urbanas, mas não nos sintomas depressivos. A série escolar dos participantes, o sexo, o parente infectado e o estudo online têm valor preditivo positivo direto para sintomas depressivos e de ansiedade.</p>	<p>Este estudo descobriu vários fatores de risco para depressão e ansiedade em adolescentes durante a pandemia. Ele também pediu uma maior conscientização sobre o bem-estar mental dos pais de Wuhan e recomendou uma abordagem sistemática para prevenção e intervenção em saúde mental.</p>
<p>18) Problemas de sono entre adolescentes e adultos jovens chineses durante a pandemia de coronavírus-2019. Zhou, et al., 2020 China</p>	<p>Prevalência e correlatos sociodemográficos dos sintomas de insônia entre adolescentes e adultos-jovens durante o surto de Covid-19.</p>	<p>A prevalência de sintomas de insônia foi de 23,3% entre os 11.835 adolescentes e adultos-jovens estudados, sexo feminino, residir na cidade, depressão e ansiedade foram fatores de risco para sintomas de insônia, no entanto o apoio social tanto subjetivo quanto objetivo foram fatores de proteção.</p>	<p>Os resultados deste estudo revelaram uma alta prevalência de problemas de sono entre adolescentes e adultos jovens durante a epidemia de COVID-19, especialmente estudantes do ensino médio e universitários, que eram associados negativamente com as projeções de tendências dos alunos no COVID-19.</p>
PUBMED			
<p>19) Enfrentando os efeitos indiretos do Covid-19 na saúde de crianças e jovens. Chanchlani; Buchanan; Gill, 2020. Reino Unido</p>	<p>Efeitos indiretos da pandemia de Covid 19 na saúde de crianças e adolescentes.</p>	<p>O acesso limitado a cuidados de saúde primários e secundários, o medo dos pais de procurar cuidados de saúde, o encerramento de creches e escolas, o emprego e a instabilidade financeira e o maior risco de exposição a experiências adversas na infância podem levar a um aumento da morbidade e mortalidade.</p>	<p>Embora COVID-19 grave pareça ser raro em crianças e jovens, esse grupo demográfico provavelmente experimentará uma alta carga de efeitos indiretos na saúde física, social e mental relacionados à redução de cuidados não urgentes e medidas gerais de controle da pandemia.</p>

<p>20) Estresse, resiliência e bem-estar em crianças italianas e seus pais durante a pandemia de Covid-19. Cusinato, et al.,2020. Itália</p>	<p>Implicações da pandemia para pais e filhos.</p>	<p>Medidas de confinamento e mudanças na rotina diária afetam negativamente as dimensões psicológicas dos pais, expondo os filhos a um risco significativo para o seu bem-estar. Alguns fatores de risco para desajustes psicológicos, como estresse parental, níveis mais baixos de resiliência em crianças, mudanças nas condições de trabalho e problemas psicológicos, físicos ou genéticos dos pais.</p>	<p>É importante focar a atenção nas necessidades das famílias e crianças - incluindo sua saúde mental - para mitigar as implicações econômicas e de saúde da pandemia COVID-19.</p>
<p>21) Fechamento de escolas, Covid-19 e programa de merenda: crise de desnutrição sem precedentes em países de renda média baixa. Mayurasakorn, et al., 2020 Tailândia.</p>	<p>Desnutrição em crianças escolares em países de média e baixa renda após o fechamento das escolas</p>	<p>Entre as crianças Tailandesas a maioria que residem em áreas rurais sofrem de desnutrição. Os programas nacionais de café da manhã e almoço atendem 60% de todos os alunos da Tailândia.</p>	<p>As evidências indicam que o tempo fora da escola é uma fonte de desigualdades educacionais entre as famílias em uma ampla gama de níveis socioeconômicos. Os jovens de famílias com insegurança financeira experimentam um grau maior de impedimentos à aprendizagem do que seus colegas mais ricos durante as férias escolares.</p>

<p>22) Estudo de base populacional das mudanças nos determinantes da escolha alimentar de alunos do ensino médio: estudo da experiência Covid-19 de adolescentes poloneses (PLACE 19). Glabska; Skolmowska; Guzek, 2020 Polônia.</p>	<p>Escolha alimentar de adolescentes antes e durante a pandemia.</p>	<p>Antes e durante a pandemia a propaganda e o preço foram apontados como o fator mais importante na hora da escolha. Durante a pandemia a saúde e o controle de peso foram considerados mais importantes, enquanto humor e propaganda como menos importantes.</p>	<p>Pode-se concluir que a pandemia de COVID-19 pode ter alterado os determinantes da escolha alimentar de adolescentes poloneses, pois pode ter aumentado a importância da saúde e do controle de peso, mas diminuiu o papel do humor e do apelo sensorial.</p>
<p>23) Vigilância de surtos escolares Covid-19, Alemanha, março a agosto de 2020. Kampe, et al., 2020 Alemanha.</p>	<p>Ocorrência de surtos escolares durante a pandemia.</p>	<p>Em média, 2,2 surtos por semana e quatro casos por surto foram relatados após a reabertura das escolas. Antes do fechamento das escolas, uma média de 3,3 surtos por semana e seis casos por surto foram relatados.</p>	<p>Apenas poucos e principalmente pequenos surtos escolares de COVID-19 foram relatados na Alemanha em geral, sugerindo que as medidas de contenção são suficientes para reduzir o derramamento na comunidade. Enquanto as escolas permanecem abertas, avaliações bem planejadas das medidas preventivas são necessárias para avaliar a eficácia em termos de redução da transmissão da SARS-CoV-2.</p>

<p>24) Transtornos psiquiátricos em adolescentes durante a pandemia e bloqueio de Covid-19. Guessoum, et al., 2020 França.</p>	<p>Transtornos psiquiátricos em adolescentes relacionado à pandemia de Covid-19.</p>	<p>A pandemia COVID-19 pode resultar em aumento de transtornos psiquiátricos, como estresse pós-traumático, transtornos depressivos e de ansiedade, bem como sintomas relacionados ao luto. Adolescentes com transtornos psiquiátricos correm o risco de interrupção ou mudança em seus cuidados e manejo; eles podem apresentar sintomas aumentados.</p>	<p>A pandemia e o bloqueio do COVID-19 podem ter um impacto negativo na saúde mental dos adolescentes, embora ainda não haja dados sobre o impacto a longo prazo dessa crise. Indivíduo adolescente, vulnerabilidade familiar e social, bem como as habilidades de enfrentamento individual e familiar, são fatores relacionados à saúde mental do adolescente em momentos de crise.</p>
<p>25) O efeito imediato da pandemia de Covid-19 em crianças e adolescentes com transtornos obsessivo-compulsivo. Nissen; Hojgaard; Thomsen, 2020 Dinamarca.</p>	<p>Como crianças e adolescentes com TOC reagem às crises do Covid-19.</p>	<p>Em ambos os grupos, porém mais pronunciado no grupo de pesquisa, os participantes experimentaram um agravamento do TOC, ansiedade e sintomas depressivos. O agravamento do TOC se correlacionou com o agravamento da ansiedade, dos sintomas depressivos e da extensão do comportamento de evitação.</p>	<p>O estudo aponta para uma influência do fenótipo do TOC, uma visão inicial que sugere uma vulnerabilidade contínua e uma história familiar de transtornos psiquiátricos.</p>
<p>26) Consequências psiquiátricas da pandemia de Covid-19 em crianças e adolescentes. Gindt, et al., 2020 França.</p>	<p>Riscos psiquiátricos associados a pandemia de Covid-19 em crianças e adolescentes.</p>	<p>Para muitas crianças, a atual pandemia apresenta riscos de trauma cumulativo. As medidas de quarentena em crianças podem gerar sentimentos negativos intensos. Períodos de confinamento são fontes de ansiedade e estresse que podem levar a patologias psiquiátricas, como depressão ou estresse pós-trauma.</p>	<p>A falta de harmonização das decisões internacionais sobre medidas de combate à pandemia não facilita a leitura dos resultados, nem a possibilidade de realização de estudos colaborativos entre países.</p>

<p>27) Explorando o impacto do Covid-19 nos resultados de saúde mental em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. Nearchou, et al., 2020 Irlanda.</p>	<p>Impacto da pandemia de Covid-19 na saúde dos jovens.</p>	<p>Os resultados mostram que COVID-19 tem um impacto na saúde mental dos jovens e está particularmente associado à depressão e ansiedade em coortes de adolescentes. Além disso, os adolescentes apresentaram estresse, medo de contrair Covid-19, preocupação, raiva e medo de mudar hábitos diários, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), problemas comportamentais, sobrecarga e reatividade emocional.</p>	<p>Nosso conhecimento sobre o impacto da pandemia na saúde mental dos jovens permanece significativamente restrito. Isso pode ocorrer porque crianças e adolescentes, especialmente aqueles com menos de 18 anos, têm maior probabilidade de apresentar características clínicas mais brandas (ou mesmo assintomáticas) e prognóstico da infecção do que os adultos.</p>
<p>28) Ansiedade relacionada ao Covid-19 em crianças e adolescentes com obesidade grave: um estudo de métodos mistos. Abawi, et al., 2020 Holanda.</p>	<p>Ansiedade relacionada ao Covid-19 em crianças e adolescentes com obesidade grave.</p>	<p>A ansiedade relacionada ao COVID - 19 foi relatada em 24/75 (32%) crianças. A diminuição média no escore PedsQL entre a consulta inicial e o surto de COVID - 19 não diferiu entre as crianças para as quais a ansiedade foi relatada versus aquelas para as quais não foi (alteração média $-10,3 \pm 36,5$ vs $-3,3 \pm 24,4, P = 0,54$). Medidas de quarentena estritas auto-impostas foram tomadas por 19/75 (25%) famílias. Durante o acompanhamento, várias famílias relataram que o contato anterior aliviou sua ansiedade.</p>	<p>Os profissionais de saúde devem abordar a possível ansiedade relacionada ao COVID - 19 em crianças com obesidade grave. Abordar a ansiedade relacionada ao COVID-19 pode mitigar seus potenciais efeitos negativos.</p>

<p>29) O efeito do apoio social na saúde mental em adolescentes chineses durante o surto de Covid-19. Meng Qi, et al.,2020 China.</p>	<p>Apoio social e saúde mental entre adolescentes chineses durante o surto de Covid-19.</p>	<p>A exposição do Covid-19 foi associada a uma maior prevalência de sintomas de depressão e ansiedade. Apenas 24,6% dos adolescentes relataram altos níveis de suporte social, a maioria dos adolescentes (70%) relatou níveis médios de suporte e 5,4% relatou baixo suporte, este último associado a maior prevalência de depressão e ansiedade.</p>	<p>Este estudo indica que há maior prevalência de problemas de saúde mental entre adolescentes com médio e baixo nível de apoio social na China durante o surto de COVID-19.</p>
<p>30) Violência contra crianças durante o Covid-19: Avaliação e compreensão das mudanças no uso de linhas de apoio. Petrowski, et al., 2020</p>	<p>Violência e serviços de proteção social para crianças.</p>	<p>O número de contatos com as linhas de ajuda para crianças parece ter aumentado drasticamente desde o início da pandemia. No entanto, o número de contatos relacionados à violência aumentou em alguns países, enquanto diminuiu em outros.</p>	<p>Embora surja um quadro misto em relação à violência, o aumento no número geral de contatos feitos com as linhas de ajuda para crianças fornece evidências de que tais serviços são vitais para muitas crianças e mulheres em tempos de crise.</p>
<p>31) O efeito do Covid-19 na saúde mental dos jovens. Liang, et al., 2020 China.</p>	<p>Saúde mental dos jovens após a doença coronavírus.</p>	<p>Cerca de 40,4% dos jovens da amostra foram considerados propensos a problemas psicológicos e 14,4% dos jovens da amostra com sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (PTSD). A saúde mental do jovem estava significativamente relacionada a ser menos escolarizado, sintomas de PTSD e estilos de enfrentamento negativos.</p>	<p>Os resultados deste estudo sugerem que quase 40,4% do grupo de jovens tinha tendência a ter problemas psicológicos. Assim, esta foi uma evidência notável de que doenças infecciosas, como a COVID-19, podem ter uma influência imensa na saúde mental dos jovens.</p>

<p>32) Prevalência e correlatos sociodemográficos de problemas psicológicos de saúde em adolescentes chineses durante o surto de Covid-19. Zhou, et al., 2020 China.</p>	<p>Prevalência de sintomas de ansiedade e depressivo entre adolescentes chineses afetados pelo surto de Covid-19.</p>	<p>A prevalência de sintomas depressivos, sintomas de ansiedade e uma combinação de sintomas depressivos e ansiosos foi de 43,7%, 37,4% e 31,3%, respectivamente, entre. A análise de regressão logística multivariada revelou que o sexo feminino foi o maior fator de risco para sintomas depressivos e ansiosos. Em termos de notas, o ensino médio foi um fator de risco para sintomas depressivos e ansiosos; quanto mais alta a nota, maior a prevalência de sintomas depressivos e ansiosos.</p>	<p>Existe uma alta prevalência de problemas psicológicos de saúde entre adolescentes, os quais estão negativamente associados ao nível de conhecimento do COVID-19. Esses achados sugerem que o governo precisa prestar mais atenção à saúde psicológica dos adolescentes ao combater o COVID-19.</p>
<p>33) Confinamento Covid-19 e mudanças nas tendências alimentares de adolescentes na Itália, Espanha, Chile, Colômbia e Brasil. Ruiz-Roso, et al., 2020 Espanha</p>	<p>Alimentação dos adolescentes durante a pandemia de Covid-19.</p>	<p>O confinamento influenciou seus hábitos alimentares, em particular, registramos consumo modificado de alimentos fritos, alimentos doces, legumes, vegetais e frutas. Além disso, gênero, membros da família em casa, assistir TV durante as refeições, país de residência e educação materna foram diversamente correlacionados com nutrição adequada durante o confinamento de COVID-19.</p>	<p>Compreender o comportamento nutricional dos adolescentes durante o bloqueio COVID-19 ajudará as autoridades de saúde pública a reformular as políticas futuras sobre suas recomendações nutricionais, em preparação para futuras pandemias.</p>

<p>34) A pandemia de Covid-19 tem impacto sobre o bem-estar dos pais e adolescentes? Um estudo do EMA sobre o afeto diário e paternidade. Janssen, et al., 2020 Holanda.</p>	<p>Bem-estar emocional em famílias com adolescentes.</p>	<p>Apenas o afeto negativo dos pais aumentou em comparação com o período antes da pandemia, este não foi o caso para o afeto negativo dos adolescentes, afeto positivo e comportamentos parentais (tanto da perspectiva do adolescente quanto dos pais). Em geral, a intolerância à incerteza estava ligada ao afeto negativo dos adolescentes e pais e ao afeto positivo dos adolescentes. No entanto, a intolerância à incerteza, nem quaisquer características relacionadas à pandemia foram associadas ao aumento de efeito negativo dos pais durante COVID-19.</p>	<p>Pode-se concluir que, em média, nossa amostra (consistindo de pais e adolescentes relativamente saudáveis) parece lidar muito bem com as circunstâncias. A heterogeneidade substancial nos dados, no entanto, também sugere que se os pais e adolescentes experimentam ou não problemas (emocionais) pode variar de casa para casa.</p>
<p>35) Comportamentos relacionados à internet e sofrimento psicológico entre alunos durante a suspensão escolar do Covid-19. Chen, et al., 2020 China.</p>	<p>Preditores de sofrimento psíquico entre escolares durante a suspensão escolar do Covid-19.</p>	<p>Os alunos relataram maior tempo de uso de smartphones e mídias sociais. O sofrimento psicológico foi maior para os alunos na avaliação de acompanhamento do que na avaliação inicial, comportamentos problemáticos relacionados à internet foram preditores significativos de sofrimento psicológico.</p>	<p>Atenção especial deve ser dada às associações maiores entre o uso problemático de aplicativos de smartphones, uso problemático de mídia social e sofrimento psicológico durante o surto de COVID-19 do que antes.</p>
<p>36) Mudanças na atividade física e no consumo de alimentos ultraprocessados em adolescentes de diferentes países durante a pandemia de Covid-19: um estudo observacional. Ruiz-Roso, et al., 2020 Espanha.</p>	<p>Atividade física e consumo de alimentos ultraprocessados por adolescentes.</p>	<p>A escolaridade materna, o sexo e o continente parece ter um papel na inatividade física e sedentarismo durante o período avaliado. Adolescentes da América Latina apresentam uma razão de chance de 2,98 de serem fisicamente inativos durante a pandemia. O consumo habitual de ultraprocessados também foi alto nesse período em todos os países, e mais prevalente na América Latina.</p>	<p>Observou-se maior prevalência de inatividade nessa população, mas as reduções da atividade física e do consumo ultraprocessado habitual durante a pandemia foram mais pronunciadas na América Latina.</p>

<p>37) Um estudo diário sobre humor, empatia e comportamento pró-social de adolescentes durante a pandemia de Covid-19. Groep, et al., 2020 Holanda.</p>	<p>Efeitos das primeiras semanas de bloqueio da Covid-19 em adolescentes holandeses.</p>	<p>As análises longitudinais mostraram: diminuição na preocupação empática, tensão e oportunidade para ações pró-sociais, níveis estáveis de orientação de valor social, altruísmo e pró-socialidade terrível. Os adolescentes também mostraram níveis elevados de doação a um amigo, um médico em um hospital e indivíduos com o Covid-19 em comparação com um colega desconhecido.</p>	<p>Este estudo demonstra efeitos prejudiciais do bloqueio sobre a preocupação empática dos adolescentes e as oportunidades para ações pró-sociais. No entanto, os adolescentes também mostraram resiliência marcante e uma vontade de beneficiar os outros como resultado do bloqueio, como evidenciado pela melhora na tomada de perspectiva e humor, e alta sensibilidade à necessidade e ao merecimento em dar aos outros.</p>
<p>38) Condições de vida durante o bloqueio Covid-19 e saúde mental em adolescentes espanhóis. Ezpeleta, et al.,2020. Espanha.</p>	<p>Condições de vida de adolescentes durante o confinamento e sua associação com problemas psicológicos.</p>	<p>Após o isolamento social houve aumento de sintomas psicológicos como: problemas de conduta, problemas com pares, e comportamento pró-social. Também houve mudança nas condições de vida relacionadas a dificuldades financeiras, conflitos familiares, maior tempo de tela, aumento da quantidade de atividades escolares, etc.</p>	<p>Parece importante amenizar o estresse psicológico em situação de isolamento por estado de emergência, mantendo o adolescente ativo e mantendo seus hábitos e rotinas diárias em um ambiente não conflituoso e dando suporte aos pais.</p>
<p>39) Determinantes das mudanças comportamentais desde Covi-19 entre alunos do ensino médio. Lee, et al., 2020 Coreia.</p>	<p>Determinantes das mudanças de comportamento de proteção desde o COVID-19 entre alunos do ensino médio.</p>	<p>Gênero e estado de saúde foram associados a mudanças de comportamento protetor desde COVID-19. A satisfação da família foi positivamente associada a mudanças de comportamento protetor. Níveis de saneamento desde COVID-19 e percepções sobre o risco de COVID-19 foram significativamente relacionados a mudanças de comportamento de proteção.</p>	<p>Este estudo sugere considerar três fatores - individual, familiar e ambiental - para evitar que alunos do ensino médio contraíam e espalhem o vírus.</p>

<p>40) Prevalência do vício na internet durante o surto de Covid-19 e seus fatores de risco entre alunos do ensino médio em Taiwan. Lin. M.P, 2020. Taiwan</p>	<p>Prevalência da dependência da Internet e identificar os fatores de risco psicossociais durante o surto de COVID-19</p>	<p>A prevalência de dependência de Internet encontrada foi de 24,4% durante este período. Alta impulsividade, alto suporte social virtual, idade avançada, baixo bem-estar subjetivo, baixa função familiar foram todos preditivos independentes nas análises de regressão logística direta. A taxa de prevalência de dependência de Internet era alta entre os alunos do ensino fundamental durante o surto de COVID-19.</p>	<p>Os resultados deste estudo podem ser usados para ajudar organizações de saúde mental e agências educacionais a criar programas que ajudarão a prevenir o vício em Internet em adolescentes durante a pandemia de COVID-19.</p>
<p>41) Pandemia de Covid-19: um problema duplo para adolescentes indianos e jovens adultos que vivem com diabetes tipo 1. Agarwal, et at., 2020 China.</p>	<p>Impacto do estresse no controle glicêmico em adolescentes e adultos jovens.</p>	<p>A idade e o nível de HBA1C nos 3 meses anteriores correlacionaram-se positivamente com os escores PSS-10. Houve uma diferença estatisticamente significativa na pontuação PSS-10 com base no gênero, escolaridade e ocupação. A ANOVA de uma via mostrou um impacto significativo da pontuação média do PSS-10 no controle glicêmico</p>	<p>Um aumento na prevalência de estresse foi observado entre adolescentes indianos e adultos jovens que vivem com DM1. Sexo feminino, indivíduos assalariados e diabetes mal controlada preexistente contribuíram para um maior risco de estresse. O aumento do estresse resultou em piora do controle glicêmico.</p>
<p>42) Estresse agudo, sintomas comportamentais e estados de humor entre crianças em idade escolar com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade durante o surto de Covid-19. Zhang, et al., 2020 China.</p>	<p>Condições relacionadas à saúde mental de crianças com TDAH</p>	<p>A média dos comportamentos de TDAH das crianças piorou significativamente em comparação ao seu estado normal. Em particular, humor geral das crianças, estado de humor geral dos pais, e tempo de estudo das crianças prediz significativamente os comportamentos de TDAH das crianças.</p>	<p>Os resultados alertaram para a importância de focar em grupos vulneráveis especiais durante o surto da doença. É necessária atenção para a identificação da abordagem apropriada para crianças com TDAH em termos de atividades de redução de risco de desastres.</p>

<p>43) Desemprego e sofrimento psicológico entre jovens durante a pandemia Covid-19: recursos psicológicos e fatores de risco. Achdut; Rafaeli, 2020 Israel.</p>	<p>Associação entre desemprego, surto de coronavírus e sofrimento psicológico entre jovens.</p>	<p>O desemprego foi independentemente associado a maior sofrimento psicológico. Confiança percebida, otimismo, e o senso de domínio diminuiu o sofrimento psicológico, enquanto a tensão financeira e a solidão durante a crise aumentaram esse sofrimento. O efeito do desemprego no sofrimento psicológico não dependeu dos recursos dos participantes e dos níveis dos fatores de risco.</p>	<p>Os formuladores de políticas devem desenvolver e estender iniciativas de saúde destinadas a aliviar as consequências para a saúde mental do desemprego relacionado ao COVID-19 e promover intervenções no mercado de trabalho para ajudar os jovens que procuram emprego a se integrarem ao emprego.</p>
<p>44) Apoio a adolescentes e jovens adultos expostos ou vivenciando violência durante a pandemia de Covid-19. Ragavan, et al., 2020 Estados Unidos.</p>	<p>Adolescentes expostos ou em situação de violência durante a pandemia.</p>	<p>Adolescentes e jovens que vivem em casas com exposição a violência por parceiros íntimos dos pais ou cuidadores aumentou durante a ordem de isolamento social, levando a potenciais riscos como residir com um parceiro abusivo, insegurança habitacional e aumento da exposição ao Covid-19. Além disso, o aumento da confiança na tecnologia cria oportunidades para abuso cibernético, onde parceiros abusivos controlam, perseguem ou desacreditam seus parceiros por meio de textos, mídia social ou aplicativos móveis.</p>	<p>Para promover a igualdade na saúde e o bem-estar, os profissionais de saúde que atendem aos adolescentes e jovens têm a responsabilidade urgente de apoiar de forma colaborativa e criativa os adolescentes expostos ou experimentando violência durante a pandemia COVID-19.</p>

ANEXO C- Processo de análise dos dados

Exemplo construção das etapas de análise e definição das categorias.

Etapa 1: Na primeira etapa da análise realizou-se a leitura vertical de cada grupo focal, encontrando-se como destaque no discurso dos adolescentes a relação familiar, a mudança e interrupção das aulas e as alterações na rotina.

Etapa 2: análise horizontal

S1- Experiências durante a pandemia

E1: Eu acho que está bem diferente, foi algo que a gente não esperava. Acabou que foi tudo de uma vez só e então meio que descarregou tudo. Mas com o tempo, já vai fazer, já faz 5 meses, eu acho, e acaba que a gente acostumou com isso tudo (S1F1P1J1- Para o entrevistado está tudo diferente do que era antes, descarregou tudo de uma vez só, agora com o tempo, depois de 5 meses as pessoas já estão se acostumando).

E2: É, eu concordo com essa parte de ser um pouco difícil de desde o começo, lá em abril e maio, lidar com a família. Eu também passava uma grande parte da minha semana na escola e fora de casa e eu moro só com minha mãe e meu pai. Mas toda a dinâmica de ter que dividir direitinho as coisas de afazeres da casa, quem que vai lidar com o que e como que a gente convivia, porque eles também trabalhavam, foi um pouco difícil, mas eu acho que a gente...deu tudo certo a partir de, sei lá, maio e junho. A gente conseguiu arranjar as coisas direitinho (S1

F8P2P6J9- Para a entrevistada no início da pandemia foi difícil lidar com a família porque ela passava muito tempo fora de casa e os pais também, aos poucos eles foram criando uma dinâmica, dividindo as tarefas de casa, segundo ela uns 3 meses depois do início da quarentena eles conseguiram ajeitar as coisas direito).

Resumo Sequência 1:

S1- Experiências durante a pandemia

Resumo: A pandemia fez tudo ficar diferente e tudo aconteceu de uma só vez, aos poucos depois de meses foi possível se acostumar e enxergar certa estabilidade e adaptação, no início a relação familiar foi difícil pois como todos tinham rotinas atarefadas passavam muito tempo fora de casa e de repente tiveram que ficar todos juntos a maior parte do tempo, com o passar dos meses a relação familiar foi melhorando. Por estarem mais tempo em casa as famílias estão tendo que aprender a conciliar serviço de casa com trabalho e estudo, cada família tem

se organizado de forma a dividir as tarefas, para as adolescentes do sexo feminino as rotinas da cozinha têm sido comuns, elas relatam estar aprendendo coisas novas na cozinha e para elas é um aprendizado bom que vão levar para a vida. A pandemia restringiu algumas atividades como treinos na escola, mas ao mesmo tempo permitiu novos hábitos como por exemplo aprender mais sobre culinária, algo que não tinham oportunidade. O passar dos meses gerou um sentimento de adaptação e contentamento, o início da pandemia causou muita ansiedade devido a mudança de rotina e apreensão sobre o futuro, há a sensação de impotência por não poderem mudar as coisas. Eles sentem falta de fazer algumas coisas que davam prazer como ir ao cinema, sair para se divertir, os treinos com os amigos, etc. O confinamento e isolamento domiciliar é desafiador pois não permite convívio com outras pessoas como os amigos, os professores, para aliviar um pouco os adolescentes tem buscado alternativas como sair do próprio quarto e explorar outros lugares da casa. Percebe-se uma preocupação em relação ao futuro por causa do Enem, o medo, insegurança e incerteza em relação a prova está gerando ansiedade entre eles.

Etapa 3: leitura transversal

Fatos e interpretações comuns:

Rotina

A maior mudança na vida dos adolescentes durante a pandemia foi a interrupção das aulas presenciais, por passarem a maior parte do tempo na escola ou fazendo atividades relacionadas a ela agora eles se queixam de tédio e desânimo, o fato de ficarem em casa fez com que eles passassem a ajudar mais nas atividades domésticas. Para a maioria deles a rotina ficou mais pesada pois precisam conciliar os estudos e as atividades domésticas. Cada um encontrou maneiras diferentes para se adaptar a nova rotina, para alguns tem sido uma oportunidade de se aproximarem dos seus pais e familiares, para outros a aproximação não foi possível porque os pais continuam trabalhando, todos os adolescentes citaram uma rotina atarefada antes da pandemia, eles além de estudar participavam de atividades extracurriculares, grupo da igreja etc, e agora que não podem mais participar dessas atividades dedicam a maior parte do tempo ao estudo e tarefas domésticas.

Fatos e interpretações discordantes:

Relacionamento Familiar

Grande parte dos pais dos adolescentes entrevistados sofreram mudanças no trabalho, muitos deles passaram a trabalhar de casa (home office) ou tiveram que adaptar o trabalho para o meio virtual e isso fez com o convívio familiar aumentasse, para algumas famílias isso proporcionou aproximação e estreitamento dos laços familiares, alguns adolescentes citaram que o diálogo e a comunicação com os pais aumentaram. Já em outros casos o aumento do tempo e convívio familiar gerou mais conflitos entre pais e filhos. Percebe-se que nesses casos o conflito e as brigas já existiam, porém aumentaram durante a pandemia e o isolamento social.

Etapa 4: definição final das categorias e discussão apresentadas no capítulo de resultados.

APENDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Representante Legal do Menor de Idade (12 a 17 anos)

Prezado (a) Sr. (a),

A chegada da pandemia provocada pelo novo coronavírus no Brasil levou a uma série de iniciativas e de recomendações para a proteção das pessoas, que incluiu o isolamento social/quarentena. A presente pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em parceria com outras Universidades Brasileiras, tem a finalidade de analisar nas atividades de rotina, nas relações com familiares e amigos, nas atividades escolares, nos cuidados à saúde, e avaliar o estado de ânimo dos adolescentes brasileiros no período de isolamento social.

Ela será realizada por meio de entrevista individual ou em grupo de, no máximo, cinco participantes por grupo. As perguntas serão sobre suas experiências durante a pandemia e o isolamento social, e incluem seus sentimentos sobre essas experiências, sobre seus interesses e preocupações em geral, suas formas de comunicação, suas atividades escolares e no ambiente familiar e com amigos, além de falarem como cuidam de sua saúde.

As entrevistas serão realizadas pelos pesquisadores responsáveis, professores da UFMG, por telefone ou por plataforma de vídeo conferência da Internet; serão gravadas por áudio e transcritas, anonimamente, sendo identificadas somente pela letra E (entrevista) ou GF (grupo focal), seguida de um número por ordem de coleta (E1, E2, GF1, GF2, ...).

A participação é voluntária e o adolescente poderá desistir de participar a qualquer momento da pesquisa por meio de entrevista individual ou em grupo. O único risco para o adolescente poderá ser algum constrangimento com pergunta que lhe for apresentada, ou alguma afirmação de outro adolescente, no caso de grupo focal, para as quais o pesquisador informará, desde o início e a cada vez que for necessário, que ele não precisará responder à pergunta ou entrar em algum assunto que lhe deixe incomodado e terá liberdade para interromper a entrevista a qualquer momento. Os benefícios da presente pesquisa são, além de aumentar os conhecimentos sobre a situação da pandemia, de melhorar as formas de promoção e educação para a saúde de adolescentes brasileiros, contribuindo para a definição de políticas públicas de saúde e de educação. Não haverá pagamento ou despesa para o participante ou seu responsável.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, durante a participação do convidado, ou posteriormente, o (a) Sr. (a) pode entrar em contato conosco por meio dos contatos que estão dispostos abaixo. O(a) Sr(a) consente que o seu (sua) filho (a) ou menor sob a sua responsabilidade participe da pesquisa?

() Sim () Não.

Se sim, encaminho este termo com a resposta, pela via pela qual o recebeu: (email, whatsApp, plataforma da Internet).

Informamos que esta pesquisa obedeceu as normas éticas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Por favor, guarde uma cópia do seu termo de consentimento autorizando a participação do adolescente, de quem é responsável, na pesquisa, em seu computador ou no seu celular.

Coordenação da Pesquisa

Dr.^a Deborah Carvalho Malta - Professora Associada

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Professor Alfredo Balena, 190 – Santa Efigênia – Belo Horizonte – MG. Sala 434 ; CEP: 30130- 190. Tel (31) 3409-9870. E-mail: deborah@enf.ufmg.br

Dr.^a Maria Imaculada de Fátima Freitas - Pesquisadora Titular

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Professor Alfredo Balena, 190 – Santa Efigênia – Belo Horizonte – MG. Sala 434 ; CEP: 30130- 190. Tel (31) 3409-9870. E-mail: peninhabh@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

AV. Presidente Antonio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Prezado jovem,

A presente pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em parceria com outras Universidades brasileiras tem a finalidade de analisar as mudanças nas suas atividades de rotina, nas relações com familiares e amigos, nas atividades escolares, nos cuidados à saúde, e avaliar o seu estado de ânimo no período de isolamento social.

Ela será realizada por meio de entrevista individual ou em grupo de, no máximo, cinco participantes por grupo, por meio de celular ou computador com acesso à internet, para falar de suas experiências, dificuldades e facilidades em relação às suas atividades acima citadas durante a pandemia. As entrevistas serão realizadas pelos pesquisadores responsáveis, professores da UFMG, por telefone ou por plataforma de vídeo conferência da Internet, com duração média de uma hora.

As entrevistas serão gravadas em áudio e transcritas, anonimamente, sendo identificadas somente pela letra E (entrevista) ou GF (grupo focal), seguida de um número por ordem de coleta (E1, E2, GF1, GF2, ...). As perguntas serão sobre suas experiências durante a pandemia e isolamento social, e incluem seus sentimentos sobre essas experiências, sobre seus interesses e preocupações em geral, suas formas de comunicação, suas atividades escolares e no ambiente familiar e com amigos, além de falarem como cuidam de sua saúde.

O único risco, para você, poderá ser de se sentir constrangido(a) com alguma pergunta que lhe for apresentada, ou por afirmação de outro adolescente, no caso de grupo focal. Você não precisará responder à pergunta ou entrar em algum assunto que lhe deixe incomodado e terá liberdade para interromper a entrevista a qualquer momento. Os benefícios da presente pesquisa são, além de aumentar os conhecimentos sobre a situação da pandemia, de melhorar as formas de promoção e educação para a saúde de adolescentes brasileiros, contribuindo para a definição de políticas públicas de saúde e de educação. Não haverá pagamento ou despesa para você ou seu responsável.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, durante sua participação ou posteriormente, você pode entrar em contato conosco por meio dos contatos que estão dispostos abaixo.

Você aceita participar da pesquisa?

() Sim () Não.

Se sim, encaminho este termo com a resposta, pela via pela qual o recebeu: (email, whatsApp, plataforma da Internet).

Informamos que esta pesquisa obedeceu as normas éticas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

Por favor, guarde uma cópia do seu termo de consentimento autorizando a participação do adolescente, de quem é responsável, na pesquisa, em seu computador ou no seu celular.

Coordenação da Pesquisa

Dr.^a Deborah Carvalho Malta - Professora Associada

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Professor Alfredo Balena, 190 – Santa Efigênia – Belo Horizonte – MG. Sala 434 ; CEP: 30130- 190. Tel (31) 3409-9870. E-mail: deborah@enf.ufmg.br

Dr.^a Maria Imaculada de Fátima Freitas - Pesquisadora Titular

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Avenida Professor Alfredo Balena, 190 – Santa Efigênia – Belo Horizonte – MG. Sala 434 ; CEP: 30130- 190. Tel (31) 3409-9870. E-mail: peninhabh@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

AV. Presidente Antonio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICE C – Questionário Socioeconômico

Este questionário tem o objetivo de caracterizar o perfil socioeconômico do participante da pesquisa.

ATENÇÃO: a resposta desse questionário é necessária e indispensável

Todos os dados obtidos deste questionário serão confidenciais.

Todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões. Não há respostas certas ou erradas. Portanto, por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta. É de fundamental importância sua atenção a todas as questões.

1. Qual o seu sexo?

- (A) Feminino
- (B) Masculino

2. Qual a sua idade?

- (A) 13 anos (D) 16 anos
- (B) 14 anos (E) 17 anos
- (C) 15 anos

3. Como você se considera?

- (A) Branco(a) (D) Amarelo(a)
- (B) Pardo(a) (E) Indígena
- (C) Preto(a)

5. Quem mora com você?

- (A) Moro sozinho(a)
- (B) Pai/Padrasto
- (C) Mãe/Madrasta
- (D) Esposa, marido, companheiro(a)
- (E) Irmãos(ãs). Quantos?

6. Quantas pessoas moram na sua casa? (Contando com pais, irmãos ou outros parentes que moram em uma mesma casa).

- (A) Duas pessoas.
- (B) Três.
- (C) Quatro.
- (D) Cinco.

4. Onde e como você mora atualmente?

- (A) Em casa ou apartamento com minha família
- (B) Em casa ou apartamento sozinho(a)
- (C) Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a)
- (D) Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, pensionato, república etc.

7. Até quando seu pai estudou?

- (A) Não estudou.
- (B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
- (C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).
- (D) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- (E) Ensino médio completo.
- (F) Ensino superior incompleto.
- (G) Ensino superior completo.
- (H) Pós-graduação.
- (I) Não sei.

8. Até quando sua mãe estudou?

- (A) Não estudou.
- (B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
- (C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).
- (D) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- (E) Ensino médio completo.
- (F) Ensino superior incompleto.
- (G) Ensino superior completo.
- (H) Pós-graduação.
- (I) Não sei.

9. Somando a sua renda, com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente a renda familiar?

- (A) Até 1 salário mínimo
- (B) De 1 a 2 salários mínimos
- (C) De 2 a 5 salários mínimos
- (D) De 5 a 10 salários mínimos
- (E) De 10 a 20 salários mínimos
- (F) Mais de 20 salários mínimos
- (H) Nenhuma renda.

APÊNDICE D

Roteiro da Entrevista para realização do grupo focal – Eixo Qualitativo

Questões centrais: 1) Conte(m) sobre suas experiências durante a pandemia; o que pensa(m) da situação; 2) Fale(m) sobre como está (ão) se relacionando com amigos, familiares e a escola, e sobre quais assuntos conversa(m) com as pessoas que fazem parte de suas vidas; 3) Conte(m) sobre as formas e meios para se informar(em); 4) Fale(m) das preocupações que teve/tiveram, que tem/te(ê)m, e dos medos e fortalezas que sente(m); e sobre o que aprendeu/aprenderam sobre a vida (a sociedade, a vida familiar, os amigos, etc.) e os sentimentos que te(ê)m nesta fase de pandemia.

Questões de relance (se forem necessárias):

1. O que gosta(m) de fazer, como é a rotina diária e quais mudanças ocorreram em sua(s) vida(s), após o início da pandemia causada pelo novo coronavírus? Quais foram as principais atividades que você(s) fazia(m) e teve/tiveram que interromper? Como está(ao) vivendo essas estas interrupções? Do que você mais sentiu falta na sua rotina?
2. Houve mudanças nos relacionamentos com as pessoas de sua(s) vida(s), sua família, seus amigos, ou outras pessoas importantes? Se sim, estas mudança foram para melhor ou pior? De quem você(s) mais sentiu/sentiram falta nesta fase de pandemia? Como foi para você(s) ter(em) que se afastar e não poder encontrar as pessoas como antes? Como você(s) se comunicou/ram ou comunica(m) com estas pessoas? Quais são os assuntos que mais gostava(m) ou gosta(m) de conversar, e com quem?
3. Você(s) teve/tiveram, ou tem/têm aulas virtuais ou pela televisão, durante a pandemia? Quais as dificuldades ou facilidades encontrou/encontraram para acompanhar as atividades escolares?
4. No geral, o isolamento social nos obriga a afastar das pessoas. Durante a quarentena, você se sentiu isolado, sozinho, ansioso?
5. Durante a quarentena, você percebeu alguma mudança na sua saúde? (Exemplos: dificuldade para dormir, menor concentração, comer mais, inatividade física, etc). Quais medidas você tomou para se proteger e se cuidar.